



**CRODOWALDO PAVAN**

memória de sua trajetória

# **Crodowaldo Pavan**

## **Memória de sua Trajetória**

Entrevista concedida a Fernando Antônio Ferreira de Barros  
SEDOC/CNPq

*Ministro da Ciência e Tecnologia  
Sergio Rezende*

*Presidente do CNPq  
Marco Antonio Zago*

*Vice-Presidente  
Wrana Panizzi*

*Diretor Administrativo  
Gilberto Pereira Xavier*

*Diretor de Prog. Horizontais e Instrumentais  
José Roberto Drugowich*

*Diretor de Prog. Temáticos e Setoriais  
José Oswaldo Siqueira*

*Coordenação da Edição  
Dácio Renault (ACS), Fernando Barros e Roberto Muniz (SEDOC)*

**Equipe Técnica**

*Degração: Isabela Bandeira e Juliana Martins*

*Revisão de texto: Adriana Carvalho, Denise Pacheco e Patrícia Simas*

*Pesquisa de imagens:  
Juliana Martins*

*Projeto gráfico:  
Eder Muniz Lacerda*

*Diagramação:  
Elaine Martins de Araújo*

*Fotos:  
Carlos Cruz*

*Contatos:  
<http://centrodememoria.cnpq.br/cmемoria-index.html>  
centrodememoria@cnpq.br*

# **Crodowaldo Pavan**

**Memória de sua Trajetória**

## **Sumário**

---

Apresentação	7
Introdução	9
Origem familiar	10
A primeira escola e o curso primário	22
O curso ginásial	25
O pré na Politécnica	31
O Curso de História Natural	34
As primeiras pesquisas	44
O convívio com Theodosius Dobzhansky	48
A viagem para a Amazônia com Dobzhansky	52
O período pós-doutorado	73
A criação do CNPq	79
A participação na criação da FAPESP	88
A amizade com Carlos Chagas Filho	94
A experiência em Oak Ridge	98
A volta ao Brasil depois do golpe militar	103
O tempo na Universidade do Texas	106
A presidência da SBPC e do Conselho Técnico-Científico da FAPESP	118
A presidência do CNPq	128
O Laboratório de Luz Síncrotron	151
A Estação Ciência	152
Questões finais – avaliação	154

## **Apresentação**

Crodowaldo Pavan permanecerá como um importante referencial na história do desenvolvimento da ciência no Brasil. Não é irrelevante assinalar que nos deixou no ano em que comemoramos 150 anos da publicação de “A Origem das Espécies”, pois no início de sua carreira participou ativamente da fundação da genética e da biologia moderna no país, no começo da década de 40, com André Dreyfus, um dos fundadores da Universidade de São Paulo, e T. Dobzhansky, pai da genética evolutiva, que fundiu as duas teorias unificadoras da biologia até então, a Teoria da Evolução e a Genética Mendeliana. Desde então foi um pesquisador incansável e criativo, reconhecido internacionalmente pelas suas contribuições com estudos de cromossomos gigantes da *R. angelae*, que ao lado de facilitar a análise “morfológica” da informação genética, antecipava os estudos sobre controle de expressão gênica, que representam hoje a maior massa da produção científica em biologia celular e molecular.

Pavan sabia também que, mais importante do que a contribuição individual do pesquisador, é a herança que ele deixa nos jovens que educou e nos cientistas que formou. Por isso, até o final da vida, não apenas orientou jovens pesquisadores, formal ou informalmente, mas sobretudo manteve acesa a chama do questionamento, da indagação, do desafio, sem o qual não há ciência e não existem cientistas. Sem dúvida essa convicção foi o principal motivo de sua enérgica atuação, quando na presidência do CNPq, para aumentar sensivelmente o número de bolsas da instituição.

Sua liderança não se restringiu à sua área de atuação. Sua participação frente à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC tornou-se emblemática, tendo contribuído definitivamente para a difusão, na sociedade brasileira, da imagem do cientista socialmente participante, voltado para os grandes problemas nacionais.

Sua capacidade de trabalho estendeu-se além da pesquisa, da docência e da representação política em sociedades de caráter científico. Participou do primeiro Conselho Superior da FAPESP e como presidente de seu Conselho Técnico-Administrativo teve um papel importante na reversão da restrição de recursos que a envolvia, e como presidente do CNPq conseguiu desenvolver ações estratégicas em várias frentes, demonstrando tenacidade e clareza de objetivos, que levaram ao fortalecimento da instituição.

O CNPq associa-se, assim, à homenagem que a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC presta, na sua 61ª Reunião Anual, ao Professor Crodowaldo Pavan, ex-presidente das duas instituições, fazendo o lançamento desta publicação que procura contribuir para difundir o conhecimento sobre este grande cientista e cidadão brasileiro.

Brasília, 2 de julho de 2009

**Marco Antonio Zago**

Presidente do CNPq

## **Introdução**

Esta entrevista com o professor Pavan foi realizada em diferentes sessões que ocorreram entre dezembro de 2005 a julho de 2006 no seu laboratório na USP e em sua residência em São Paulo. Ela faz parte do acervo do Programa Institucional de História Oral do CNPq que vem sendo desenvolvido desde dezembro de 2004. Sua divulgação é oportuna não só pelo fato de ter sido possivelmente a última longa entrevista concedida pelo professor Pavan, mas também por ela possibilitar uma visão mais abrangente, e, ao mesmo tempo, detalhada de sua trajetória extraordinária.

Se por um lado, seu depoimento revela uma vida que é pontilhada por fatos interessantíssimos e significativos para a história do desenvolvimento da ciência no Brasil, por outro leva também ao reconhecimento de uma personalidade forte, pautada pela franqueza, pela determinação de objetivos, pelo exercício de valores elevados como a cordialidade, a humildade, a defesa da ética e da responsabilidade social e sobretudo pelo humor.

A sua importante contribuição ao desenvolvimento científico e tecnológico manifestou-se não só nas suas atividades como docente e pesquisador, como também na sua participação política em sociedades científicas como a Sociedade Brasileira de Genética - SBG e de representação do grupo de cientistas, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC e no exercício de importantes cargos da gestão pública em agências de fomento.

No CNPq, sua gestão foi marcada por seu empenho em fortalecer o processo de desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil, em diversificadas ações, demonstrando grande maturidade e habilidade para se relacionar com políticos, cientistas e os servidores do Conselho.

Acredito que seu exemplo de exercício de cidadania possa ser estimulante para todos os brasileiros, sobretudo aqueles que acreditam e lutam pelo reconhecimento da importância estratégica do conhecimento técnico-científico para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

Aos jovens, a quem ele tanto se dedicou, fica, nesse registro colhido no vigor dos seus quase 87 anos, a lição de uma trajetória voltada para o "servir" num espírito de união, próprio dos indivíduos que aprendem a valorizar e a se situar no coletivo.

Como ele tanto se referia com relação à realização de determinados trabalhos/tarefas – que implicavam sempre bons aprendizados – espero que os leitores possam se "divertir" ao lerem esta entrevista, assim como eu me "diverti" ao ter o privilégio de conduzi-la.

**Fernando Antônio Ferreira de Barros**

---

**F: Fernando Barros**  
**P: Crodowaldo Pavan**

***Origem familiar***

**F:** Professor Pavan, podemos começar pelas bases, sua família, suas lembranças de infância, todos esses dados que são fundamentais na sua vida?

**P:** Em primeiro lugar, eu me sinto honrado por ter essa oportunidade. Eu sou de origem italiana, meus quatro avós vieram da Itália. Do meu lado paterno, dois vieram do norte, da região de Veneza, ou do Vêneto, e dois do calcanhar da Itália, de Bari. Uma das cidades onde nasceu parte da minha família é Castellaneta, que é a terra de Rodolfo Valentino. Então, minha origem é metade do norte da Itália e metade do sul. Eu represento bem o sangue italiano e, dentre os meus ancestrais, devo destacar um em especial, o pai da minha avó paterna, Billi Urbani. Ele era um tipo extremamente interessante. A admiração que eu tenho por ele vem em primeiro lugar. Eu tenho por outros, mas por ele é uma admiração especial. Ele era anarquista e um especialista em fazer tintura de tecidos. Morava em um lugar chamado Porto Buffolé, ao norte de Veneza, no Vêneto mesmo. Era um porto de um rio de um a três metros de largura, acho que servia para o pessoal levar bagagem, transportar... Ele morava com a família ali. No verão ia para a Áustria e para a Alemanha. Havia várias fábricas de tecidos onde preparava tintas para o pano. Ele chegava nas fábricas e preparava um barril, uma grande quantidade de uma tinta especial que durasse o ano todo. Isso era feito em várias fábricas. Durante o verão, fazendo tinta na Alemanha e na Áustria, recebia dinheiro suficiente para poder sobreviver o resto do ano. Fazia política como bom anarquista. Ele tinha motivação para fazer política. Em determinado momento, no fim do século XVIII, decidiu vir para o Brasil mostrar suas características. Minha avó contava com grande orgulho uma parte de sua viagem. Para o trecho inicial, ele pediu emprestados uma carroça e um burro para um amigo. Colocou a família na carroça e foi à pé do Porto Buffolé até Gênova. No meio do caminho passaram por um lugar onde havia um senhor colhendo e comendo uvas. Aí minha avó perguntou:

- Posso pegar um pouquinho de uva?
- À sua vontade, pode pegar o quanto quiser.



Então, ela pegou o seu avental e começou a tirar uns cachinhos e colocou-os nele. Como ela estava tirando muito, chegou para ele e disse:

- O senhor não se preocupa com a quantidade que eu estou tirando daqui?

- Pode tirar o quanto quiser, não é meu mesmo.

- Como? Não é seu?

- Eu estou aqui comendo o que é de outro.

Ela, então, abriu o avental, deixou cair tudo e saiu correndo. E minha avó acrescentava: "Eu não podia falar com meu pai, pois se eu contasse a ele que eu colherei as uvas sem autorização do dono, ele não aceitaria". Ela contava tudo isso com muito orgulho. Ele chegou em Gênova, vendeu a carroça e o burro, embarcou no navio e veio para o Brasil. Quando chegou em São Paulo, decidiu com a família que o primeiro dinheiro que recebesse seria para mandar para o dono da carroça e do burro:

- Ele vai receber o que nós devemos para ele.

Essa era uma característica do meu bisavô. O mais interessante é que aqui no Brasil, em São Paulo, ele continuou a fazer política, e de vez em quando fazia demais...

**F:** Ele não veio por conta de alguma perseguição?

**P:** Não, nada, nada disso...

**F:** Mas havia um programa de incentivo à imigração para o Brasil, não havia?

**P:** Existia sim. Os meus outros avós vieram também do mesmo jeito, porque se fazia propaganda lá. Aliás, parece que o Brasil fazia propaganda para os italianos migrarem para cá: uma perna pequena num carrão grande.

**F:** E ele continuou na mesma profissão?

**P:** Na mesma profissão e no mesmo discurso anarquista. O divertido da história é que - minha avó contava até com uma certa restrição - de vez em quando ele era preso por falar, por fazer muita propaganda, alguma coisa de anarquista. Na cadeia, fazia discurso e discutia anarquismo com os prisioneiros, e o delegado acabava mandando-o embora porque não tinha motivos para mantê-lo preso. Ele sabia aproveitar as oportunidades

---

e teve uma vida muito feliz aqui no Brasil, não teve problema nenhum. Eu me sinto muito orgulhoso de ser um dos seus descendentes e de estar aqui blablabando, sem ser anarquista, mas relembro coisas gostosas. A filha dele, mãe de meu pai, foi sem dúvida nenhuma a mola-mestra da família inteira.

**F:** Como ela se chamava?

**P:** Elisa Urbani que depois do casamento passou a se chamar Pavan. Meu avô vivia com os padres jesuítas e veio com eles. Havia uma ligação, ele trabalhava para os jesuítas. Ele era de Albettone, no norte da Itália. Já meu avô e minha avó maternos eram do sul da Itália, de Castellaneta. Esse meu avô de Albettone era muito boa pessoa, mas era folgado, queria viver, e acabou conhecendo e namorando a minha avó Elisa, aqui em São Paulo. Parece que ele tinha outras namoradas, mas decidi pedir a mão da minha avó em casamento. Ele chegou para esse bisavô anarquista, e disse que estava interessado em namorar a filha dele:

- Você também? Que idade você tem?

- Vinte e um anos.

Ela tinha 20, então estava tudo certo. Tudo bem, estava tudo em ordem. Minha avó era muito ativa, de maneira que descobriu antes do casamento que nos papéis ele tinha 27 anos. Então o sogro chegou e disse:

- Vem cá, você não tinha 21? Agora tem 27?

Ele então respondeu:

- Ah, o número criou uma perninha e fez sete, mas é a mesma coisa.

Essa era outra história que minha avó contava também com muito prazer. Ele foi uma pessoa boníssima, fantástica, mas não era parecido com a mulher, com a minha avó.

**F:** Que era dinâmica...

**P:** Não só dinâmica, como também pensava no futuro, e queria mais, queria aquilo, queria isso. Ela era realmente a mola propulsora da família. Com relação a esse meu avô, gostaria de lhe contar que em 1991 ou 1992 estive na Itália visitando as localidades de meus antepassados. Em Castellaneta não consegui tirar a certidão dos meus avós, tem alguma trapalhada lá. No caso de Porto Buffolé, os austríacos destruíram todas as coisas, parte da igreja e da prefeitura, do poder público da região. Não existe nenhuma documen-

tação desse bisavô que foi anarquista, mas sobre esse de Albetone, está tudo registrado. Veja, eu estava andando numa rua de Albetone, um lugarejo, uma vila, quando vi uma senhora sair de uma casa com uma criança. Devia ser a neta dela. Fui atrás dessa senhora, me aproximei e disse:

- Por favor, eu quero saber onde é que consigo os dados sobre meu avô...

- Quem é seu avô?

- Emilio Pavan.

- Emilio, Emilio, Emilio...

Disse-lhe então que não adiantava tentar se lembrar, porque ele havia nascido no século passado e tinha ido para o Brasil quando era jovem, de maneira que não tinha muita história em Albettone.

- Ah, tá bom, tá bom! Pavan, Pavan, Pavan!

Ela então levanta os braços e diz:

- Santo, Santo! Do outro lado da rua tem um Pavan, será parente seu?

E aí tem o Santo Pavan. Eu chego no sujeito e ele me recebe em casa, mas não é meu parente. Ele tem o mesmo sobrenome, mas deve ser parente afastado, porque não tinha indicação nenhuma de que ele conhecesse meu avô ou que tivesse qualquer ligação com ele. Se o sobrenome também era Pavan e morava em Albettone, então ali tinha história. Ele me deu um vinho, me serviu uma refeição para mostrar afeição. Formidável! Conversamos sobre tudo que eu quis saber. Eu queria mais informações e perguntei:

- Como é que eu consigo uma informação?

- Ah, isso é fácil, vai até a igreja e fala com o padre.

Até me disse o nome do padre, e eu disse:

- Onde fica a igreja?

Depois de uma hora ou mais de papo e almoço, comendo e tomando vinho que era excepcional, eu fui para a igreja que ficava no alto de um morro e encontrei um lugarzinho com uma escadaria na frente. A igreja estava fechada, dei uma volta e não encontrei ninguém. Dei uma batida na porta e ninguém respondeu. Eu me sentei na escadaria, onde havia uma entrada e assisti a um pôr-do-sol italiano, o mais lindo da minha vida. Nesse momento estava sentimentalmente envolvido com a cidade de Albettone.

Albettone pertencia à província de Pádua, tendo passado depois para a província de Vicenza. Continua sendo um vilarejo formidável. Eu estava lá, olhando o pôr-do-sol, quando chegou um caminhão de água que entrou no vilarejo da igreja, alguém desceu, pegou um engradado com duas dúzias de garrafas e levou para uma casa. Colocou na frente do portão e

---

voltou. Fiquei esperando e vi uma senhora vindo buscar a água. Saí e fui falar com ela:

- Senhora, como é que eu faço para entrar na igreja?

- Você quer fazer o quê na igreja?

- Quero conversar com o padre.

- Então entra, aqui é a casa paroquial, aqui você vai encontrá-lo.

Encontrei-me com o padre, que foi muito simpático e muito agradável. Aí aconteceu uma dessas coisas divertidíssimas. Ele me disse assim:

- Você é de onde?

- Brasil.

- Brasil, onde?

- São Paulo.

- Eu tenho um documento que estou preparando para mandar para uma pessoa lá de São Paulo. Quando é que você volta para o Brasil?

- Daqui a uns 10 dias.

- Você pode levar isso aqui?

- Sim, disse eu.

Ótimo, era alguém que estava pedindo uma certidão, eu trouxe para São Paulo e entreguei para a pessoa.

**F:** Naquele momento, onde o senhor estava hospedado?

**P:** Eu estava em Pádua. De Pádua eu tomei um ônibus. Havia dois tipos de ônibus, um que passava direto na estrada principal e ficava a dois quilômetros de Albettone, e outro com um horário diferente, que entrava em Albettone e depois saía. Eu preferi ir nesse de Pádua até metade do caminho, por causa da conveniência de horário e andei dois quilômetros a pé. Foi maravilhoso, eu me sentia como se tivesse nascido ali.

**F:** Suas raízes...

**P:** A gente sente uma coisa interna, gostosa, que é fantástica. Mas, voltando ao padre, perguntei a ele:

- Eu quero saber sobre a certidão de nascimento do meu avô.

- Qual é o nome do seu avô?

- Emilio Pavan.

- Em que ano ele nasceu?

- Deve ter nascido em 1865.

Ele foi lá dentro, pegou um livrinho da biblioteca, abriu e disse:

- Emilio Pavan, está aqui.

Ele fez uma xérox de uma certidão de nascimento manuscrita do meu avô.

**F:** Que beleza!

**P:** Mas não só manuscrita, com desenhos também. Aí, eu babei! Ganhar uma xérox foi fantástico. Depois eu disse:

- E a do meu bisavô?

- Em que ano ele nasceu?

- Agora eu não sei...

Ele pegou sete caderninhos e começou a examinar até encontrar Antônio Pavan. Deu-me a xérox da certidão, onde dizia que Antonio Pavan teve que ser "parturiado" às pressas porque estava em perigo de morte e que Maria foi "parturiada" no dia seguinte pela parteira da família, Fulana de Tal, e que ela se tornou sua madrinha de batismo, uma coisa gostosíssima... É, e depois veio o documento original, ter uma cópia do documento original é a coisa mais fantástica!

**F:** O senhor encontrou algum parente?

**P:** Não, já não tinha mais. Eu tive uma parente, que era filha de uma tia minha, irmã de minha mãe, mas que morou numa região do sul, lá em Bari...

**F:** O senhor também descobriu as razões que fizeram o Emílio vir para o Brasil? O Emílio veio com a família ou veio só?

**P:** Ele veio só. Ele veio com os padres.

**F:** E o que é que ele fazia?

**P:** Na realidade ele era administrador. Ele ajudava os padres e não queria nada com nada, fazia as coisas que precisava fazer, mas não tinha um emprego. De vez em quando trocava sola de sapato, porque tinha aprendido a fazer meia sola. Mas isso era como um hobby que ele achava divertido fazer e nós mais ainda. Eu até tentei aprender, mas não consegui nada...

---

**F:** Bem, então voltando ao Brasil, sua avó, dinâmica, pensando no futuro e seu avô mais acomodado. Quantos filhos eles tiveram?

**P:** Tiveram sete filhos, sendo uma menina e seis meninos.

**F:** Quem é o seu pai?

**P:** É o segundo no nascimento. Depois do meu pai nasceu a menina que morreu jovem, bem criança, e depois nasceram mais quatro meninos.

**F:** Como era o nome do seu pai, professor?

**P:** Enrique Pavan. Eles moraram um tempo em Pedreira, porque meu bisavô anarquista e a filha dele tinham um preconceito tremendo do *contadino*. Eles não admitiam ser confundidos com *contadinos*. Hoje, na Itália, *contadino* é o glorioso, ser *contadino* hoje na Itália é um orgulho...

**F:** *Contadino* significa exatamente o quê?

**P:** O caipira, o homem do campo. Mas, na Itália de hoje, o camponês pode até fazer parte da população rica e ser elogiado pelos italianos, uma coisa que o *contadino* não era na época do meu bisavô.

**F:** Por isso talvez eles fossem mais urbanos.

**P:** Urbanos, até mesmo pelo nome já dá para dizer. O que é urbano? Urbano é da cidade, nós somos da cidade. Então, moraram uns tempos em Pedreira e depois tiveram vários negócios, montaram em São Paulo um armazém, até bem desenvolvido e grande. Meu pai viajava para o interior, para comprar e vender coisas para o armazém.

**F:** Onde ficava esse armazém?

**P:** Ficava na Barra Funda, na rua Conselheiro Brotero, esquina com Brigadeiro Galvão; ainda existe o prédio lá. Numa dessas viagens que meu pai estava fazendo no interior, minha mãe estava grávida.

**F:** Como é que foi a história do seu pai? Ele teve seis irmãos, uma irmã que faleceu, ele era o segundo, tinha um mais velho do que ele?

**P:** Tinha um irmão mais velho do que ele, que era o dono da família, muito esperto, muito diferente do pai, do meu avô.

**F:** Puxou mais para a dona Elisa.

**P:** Puxou mais para Elisa. Ele era motorista e andava como motorista de carro.

**F:** Seu pai nasceu aqui ou em Pedreira?

**P:** Nasceu em Pedreira, que fica acima de Campinas. Como minha avó tinha esse preconceito em relação aos camponeses, seus filhos nunca trabalharam no campo. Meu pai só fez o curso primário, como todos os filhos, com exceção do Eugênio que fez Medicina no Rio de Janeiro e teve sucesso como médico. Chegou até a morar no interior, pois ele não era tão rigoroso quanto a mãe e o avô que queriam morar em São Paulo. Então, fomos morar em Rio Claro, perto de São José do Rio Preto. Lá ele teve sucesso como médico. Minha avó montou um negócio, e era muito rigorosa. Minha mãe até foi empregada, já tinha casado com meu pai.

**F:** Ele já tinha feito o curso primário e ajudava o avô nesse armazém?

**P:** Ajudava a mãe e o avô, porque o meu avô também era, era mais ou menos isolado. Ele gostava de tomar vinho e conversar, mas era ela quem mandava na "coisa".

**F:** Era a matriarca.

**P:** Matriarca de primeira categoria. Minha mãe gostava muito dela, ela sempre a tratava muito bem, mas era rigorosa, queria que o negócio fosse para frente. Todos tinham que trabalhar, inclusive minha mãe grávida tinha que servir no balcão, porque era uma forma de fazer economia de dinheiro, para não sair empregando etc. Minha mãe não reclamava, ela dizia que dava um duro doido, mas aceitava a situação e, na realidade, conseguiu recursos suficientes. A minha avó, nesse armazém, deu oportunidade aos

---

filhos. Meu tio mais velho, Antonio, e papai iniciaram uma fábrica de louça em Moji das Cruzes.

**F:** Seu pai já havia casado?

**P:** Já estava casado. Casou cedo, aos vinte e poucos anos.

**F:** A sua mãe morava no mesmo bairro? Como é que foi essa história?

**P:** Morava no mesmo bairro, na Rua Barra Funda, que ficava a um quarteirão abaixo da rua Conselheiro Botero, ali na Brigadeiro Galvão.

**F:** Ali era uma área povoada por descendentes de italianos?

**P:** A Barra Funda era bem italiana. Ainda existe muita coisa de música. Barra Funda era o lugar onde o pessoal se reunia, era um negócio...

**F:** Da boemia.

**P:** Da boemia também, mas era um bairro até bem desenvolvido, de pessoas qualificadas.

**F:** E seu pai conheceu sua mãe lá, casou cedo, tinha vinte anos também. Naquela época se casava cedo, não é?

**P:** É, e depois até fizeram um prédio para o armazém, um prédio grande e bonito, que ainda existe na Barra Funda, tinha quartos para alugar, etc. Mas ele se casou e vivia com a família. O meu outro tio também morava na mesma situação.

**F:** O tio Antônio.

**P:** É, esses eram os dois únicos casados na época. Eles montaram e continuaram esse armazém, meu pai viajava muito. O meu tio ficava em São Paulo comprando e vendendo coisas dentro do armazém. Um grande sucesso, o armazém. Depois, decidiram fazer essa fábrica de louça. Contrataram um italiano amigo da família para ajudá-los e fizeram a fábrica. Tiveram bastante sucesso, mas eles acharam que a louça era uma coisa secundária.



ria, de segundo time. A louça tinha o interior absorvente, poroso, acumulava sujeira. Então, eles tentaram fazer porcelana. Foi uma das coisas mais fantásticas que eu conheci na minha vida, na realidade, porque eles não tinham base nenhuma. Sabiam só o italiano e o português, mas pegavam livros franceses, os mais desenvolvidos. Começaram a ler, pegaram e utilizaram tudo para fazer porcelana, mas perceberam que não era fácil. Então, alguém sugeriu para que eles comessem por uma coisa mais simples. Fizeram uma flor para coroa de defunto, de biscuit, que é o início da porcelana, e tiveram muito sucesso.

Havia um senhor aqui em São Paulo, chamado Zagati, que era proprietário de uma fábrica de coroas. Ele chegou para o meu pai e meu tio e disse:

- Olha, não entrem nessa área, nesse mercado, porque isso aqui em São Paulo é meu, e eu vou fazer uma campanha contra vocês, se entrarem. Eu garanto que faço vocês abrirem falência, não se metam nessa área.

Foi uma espécie de desafio para o meu pai e para o meu tio, e eles bolaram uma situação. Acharam que podiam vencer o personagem, porque esse Zagati, para fazer a coroa, usava uns arcos, pedaços de arame que eles colavam na folha e na flor, mas isso tudo era soldado com máquina de soldar tradicional. Meu tio e meu pai bolaram uma máquina que fazia uma solda fabulosa. Quando eu estava estudando física no ginásio e depois na Politécnica, eu verifiquei que eles sabiam várias coisas por intuição. Era difícil de entender como é que tinham essa intuição, porque com o negócio da solda, eles bateram todo o Zagati e companhia. Aí aconteceu uma coisa trágica no sistema, porque quando morria alguém os jornais e as rádios diziam: "a família pede que não sejam enviados nem flores nem coroas aos enterros". Isso pôs tudo a perder e eles tiveram de bolar uma outra coisa qualquer...

**F:** Essa decisão das famílias foi proveniente de quê?

**P:** Era uma situação, uma coisa de moda, alguém criou o espírito da coisa...

**F:** Um preconceito.

**P:** Um preconceito. Eles pediam: "Por favor, não enviem coroas nem flores". Quero dizer, é um absurdo de duas coisas, primeiro...

**F:** É um costume secular mandar flores, não é?

---

**P:** Exatamente. Foi um absurdo, mas por outro lado foi bom pelo seguinte: porque eles faziam as flores de biscuit, tendo arrumado o forno para fazer porcelana depois. As coisas que eles imaginavam dentro do forno tinham princípios de física e de mecânica e não sei o quê. Eu me admirava deles saberem isso, tendo curso primário apenas. Eles liam algumas coisas que vinham em francês, porque não tinha nada em italiano. Aí eles começaram a estudar e a fazer porcelana até que conseguiram fazer a porcelana de uma forma fabulosa. A porcelana tem de ser cozinhada até “envidraçar” por dentro. Esse envidraçamento tem um ponto que se passar um pouco desaba com muita facilidade, mas eles acabaram conseguindo. Então, Matarazzo contratou um técnico italiano para fazer uma fábrica de porcelanas para ele. O italiano veio, fez tudo que podia fazer. Montou a fábrica que, infelizmente, não funcionava, e disse que fazia questão de trazer todo o material da Itália. Ele já tinha o forno e a fábrica. Trouxe a argila, caulim, feldspato e quartzo e deu certo. Depois disse:

- Isso aqui é o que eu sabia e sei fazer. Agora com essa bagunça dessa terra aqui, não consigo fazer nada.

Saiu, foi embora e o Matarazzo fechou a fábrica, e eles continuaram na boa vida.

**F:** Sem concorrente.

**P:** Sem concorrente e com grande sucesso.

**F:** Eles faziam que tipo de porcelana?

**P:** Principalmente xícaras de café, xícaras de chá, pratos e coisas comuns.

**F:** E a fábrica, sempre em Moji das Cruzes?

**P:** Em Moji das Cruzes. Eles faziam coisas fantásticas. Desde a época em que fizeram o negócio da solda, o que um empregado fazia numa hora, outro não fazia num dia, e isso dava uma produtividade muito maior, não é? Mas, o Zagati, querendo acirrar a concorrência, colocou o preço de 1800 réis por uma coroa pequena, que era muito baixo. Mas, eles vendiam por 1800 também e ganhavam mais dinheiro que o sujeito, que pensava que eles estivessem afundando. No entanto, eles estavam vencendo.

**F:** E o Crodowaldo Pavan, chega quando a esse mundo?

**P:** Eu chego na fase em que eles estavam fazendo porcelana com bastante sucesso.

**F:** O senhor é o primeiro filho do casal?

**P:** Eu sou o segundo.

**F:** Nasceu na casa da Barra Funda?

**P:** Não, eu nasci em Campinas porque meu pai estava viajando a negócios e ancorou em Campinas por uns dias, e minha mãe estava grávida. Eu nasci em Campinas, e fomos depois para São Paulo.

**F:** Mas, nessa época, eles moravam ainda no armazém, no prédio?

**P:** Não, já tinha outros prédios, já tinham construído outras casas, já estavam morando em casas ao redor do armazém e tinham meu irmão mais velho; depois veio mais um menino e duas meninas. Nós morávamos em Moji das Cruzes, na fábrica.

**F:** Suas primeiras lembranças desse mundo são de Moji das Cruzes?

**P:** Moji das Cruzes. A fábrica tinha uma várzea, no fundo do terreno dela, onde havia os esgotos, tinha uma série de casas de operários...

**F:** A fábrica cresceu muito, professor?

**P:** Cresceu bastante.

**F:** Quantos empregados essa fábrica tinha?

**P:** Não me lembro exatamente agora, mas diria de 150 a 200. E tinha pedidos. Meu tio viajava e vendia. Não teve problema nenhum essa fábrica, mas alguém construiu perto dali uma série de casas de operários. Essas casas tinham um esgoto, um esgoto livre que era jogado numa várzea. Essa várzea tinha uma planta, uma planta bonita e nós brincávamos de amassar

---

essa planta em cima da água. Infelizmente essa água estava contaminada e eu peguei o amarelão. Precisei passar um ano em São Paulo para me tratar.

**F:** Que idade o senhor tinha nessa época?

**P:** Entre 9 e 10 anos, e aí eu fui morar com minha avó.

**F:** Dona Elisa.

**P:** Dona Elisa, e para minha satisfação quando fui falar com ela, ela falava corretamente o português. Tudo que ela fazia, fazia bem feito. Ela lia e falava perfeitamente o português. Ela chegou para mim e disse:

- Eu não entendo uma palavra em português. Se você quiser conversar comigo tem que ser em italiano.

Bem, eu sabia um pouco italiano, *buon giorno*, aquela coisa, mas ela insistiu. O divertido dessa história é que eu passei um ano com ela. Naquele ano eu aprendi italiano, e se eu comparar esta língua com o inglês (eu fui para os Estados Unidos já conhecendo o inglês e morei lá 10 anos), falava melhor o italiano do que o inglês. Eu dei aula em inglês nos Estados Unidos durante 10 anos, mas o meu italiano era melhor, porque o inglês era mais relacionado com uma área de conhecimento. Uma coisa que eu sempre conto, que acho uma coisa fantástica, era a sensibilidade da minha avó. Ela me dizia:

- Aprende bem uma língua, que daqui da sua cabeça ninguém tira. O dinheiro alguém pode te arrancar, mas o que você tem na cabeça fica aí dentro e vai servir para você no futuro.

Realmente foi um negócio formidável para mim. Dava uma satisfação enorme.

### ***A primeira escola e o curso primário***

**F:** O senhor já estava na escola lá em Moji das Cruzes?

**P:** Sim, no grupo escolar.

**F:** Como era essa escola?

**P:** Antes do grupo escolar estive numa escola privada onde havia uma professora, a Marciliana. Quando vejo a situação atual no Brasil, com os alunos do curso primário chamando a professora de tia, acho que é uma avacalhada intelectual, porque tia é quebra-galho, as mães fazem alguma coisa e a tia ajeita, enquanto que professora tem de ter autoridade, mas sem ser autoritária, como a Marciliana era conosco.

**F:** Como se chamava essa escola?

**P:** Não tinha nome, era a escola da professora Marciliana. Era uma casa comum, com uma sala onde dava aula para a molecada...

**F:** De alfabetização.

**P:** Alfabetização e mais jardim de infância. Depois eu fui para o grupo escolar. Com sete anos me matriculei no grupo e me lembro muito bem dos professores que eram bons. Daqueles professores "bonzinhos" eu me esqueci e nem quero me lembrar, mas os que se impunham, eu respeito. Ainda hoje eu penso neles e tenho grande admiração e agradecimento pelo que fizeram por mim, eu acho formidável. Esse é um ponto importante que talvez esteja errado. Atualmente, no curso primário, além dessa coisa de chamar de tia, ou coisa parecida, fazem a escola como se fosse lugar de brincadeira. Está errado! É também um lugar de brincadeira, mas principalmente um lugar de instrução. Isso deve ser melhor pensado, porque fazendo isso, a molecada passa a ter responsabilidade. Hoje isso não ocorre. Para falar a verdade, no ginásio eu sempre fui um péssimo aluno, era louco para jogar sinuca, pingue-pongue, pôquer e uma porção de coisas assim, mas nunca fui reprovado. Uma única vez no ginásio Oswaldo Cruz eu tive que refazer um exame. Não foi segunda época. Fiz um exame no fim de novembro, e o professor me pediu para fazer outro no dia 10 de dezembro. Foi a única vez que eu fiquei, que eu não passei direto.

**F:** Sua iniciação nessa primeira escola, no grupo escolar, foi muito marcante para o senhor?

**P:** Não só muito marcante. Tive muito bons professores e outra coisa que nós lá em Moji recebíamos eram aulas de cidadania, de patriotismo, de noção do social. Eu acho, não sei, hoje já não é mais assim. Outro dia fui visi-

---

tar, com uma neta, uma escola do primário. Foi perto do dia 15 de novembro, e eu curioso para perguntar para a molecada: “e vocês o que vão fazer no dia 15 de novembro?” “O quê que é 15 de novembro?”. Estavam faltando 3 ou 4 dias, mas ninguém sabia o que era 15 de novembro. Sabiam que era feriado. Então está errado, isso aí é uma coisa que tem de ser corrigida no ensino...

**F:** Mas o senhor teve esse processo interrompido aos nove, dez anos, quando o senhor teve problema com o amarelão. Aí veio para São Paulo. O senhor pôde estudar ou o tratamento...

**P:** Não, eu fiquei só com minha avó, não tive nada de escola.

**F:** Foi um tratamento prolongado?

**P:** Óleo de rícino, foi duro pra valer, era chato!

**F:** O senhor estava no terceiro ano primário.

**P:** Terceiro ano primário. Eu perdi um ano, mas ganhei muito porque aprendi muito com minha avó. Mais do que isso, minha avó era fantástica, porque dentre outras coisas, ela incentivava que eu fizesse alguma coisa. Eu gosto muito de mexer com as mãos, então fazia várias coisas, e ela nunca reclamou de eu ter quebrado alguma coisa ou ter fracassado no conserto de alguma coisa. O conserto estava sempre certo. Ela fazia diversos elogios e incentivava. Achei essa convivência fantástica, com todas as histórias que ela contava do pai, da Itália.

**F:** Foi um novo mundo para o senhor.

**P:** Foi um mundo novo e muito gostoso também, e me dava essa satisfação, vamos viajar para a Itália agora, muitas vezes ia para Itália durante nossas conversas.

**F:** A instrução dela era muito pautada na experiência de vida?

**P:** Só, porque ela teve apenas o curso primário, mas ela lia jornais.

**F:** E politicamente, ela tinha herdado muito...

**P:** Não, ela não tinha. O pai era político mesmo, e tanto que ele de vez em quando ia preso por querer fazer discurso em público, que ninguém pedia. Naquele tempo também tinha uma coisa fantástica. A delegacia era muito humana, quer dizer, o delegado prendia o sujeito, mas o respeitava. Não é como hoje que o sujeito já vai dando bofetada. Então, era uma situação formidável e o delegado mandava embora...

**F:** Tudo isso no final da década de 1920?

**P:** Sim, nessa fase eu fui o único neto que explorou minha avó, porque fiquei morando com ela e meu avô. Era difícil saber comparar minha avó com meu avô, porque ela gostava muito do meu avô, e ele era uma boa vida mesmo. De vez em quando ele ia cobrar um negócio qualquer. Alguém estava devendo alguma coisa, ele ia cobrar, e depois quando voltava tarde, dizia: "Poxa vida, encontrei dois amigos, precisei ir lá no... depois de tomar vinho etc." Minha avó xingava ele com carinho. A vida dele era para se divertir, e não tinha nada de responsabilidade. Ele era capaz de ir receber um dinheiro e obviamente...

**F:** No caminho de volta, ele já gastava um pouco...

**P:** Quando ele não chegava na hora certa, ela ficava brava, brava, brava. Ela já sabia que ele tinha ido ao boteco tomar vinho, e aí era uma coisa...

### ***O curso ginasial***

**F:** Depois desse ano com sua avó, o senhor retornou a Moji das Cruzes para o mesmo grupo escolar, não é isso?

**P:** Sim, terminei o curso primário em Moji das Cruzes e como lá não tinha ginásio, fui para São Paulo. Meu pai pediu informações e encontrou um lugar bom para irmos. Nós, eu e meu irmão, íamos estudar no ginásio Oswaldo Cruz. O ginásio tinha bastante fama e era privado.

**F:** Que idade o senhor tinha?

---

**P:** Tinha 11 anos. Meu irmão, que era mais velho que eu, ingressou no ginásio no mesmo período e fomos colegas.

**F:** Como era o nome desse seu irmão?

**P:** Lauro Pavan.

**F:** Vocês moravam no colégio ou...

**P:** Não, nessa fase pegamos uma das casas da família na Barra Funda, alugamos a parte superior e ficamos com o porão. O porão era habitável e muito bom, então fizemos uma república, uma república onde não moravam só os parentes. Havia os filhos do meu tio, meus primos, que estiveram também morando lá. O problema era que a gente colocava amigos lá, que moravam e não pagavam nada, era uma farra gostosa, era um negócio até muito interessante...

**F:** Tinha empregado que cuidava da casa?

**P:** Não, empregados éramos nós mesmos. A gente fazia umas coisas engraçadas, como o negócio de alguém pegar o sabonete do outro e aquelas coisas. Há histórias formidáveis daquela época, mas isso não adianta contar agora. Todos queriam limpeza, não se aceitava sujeira. Um dos colegas tinha cheiro de chulé. Fazíamos tudo para ele acabar com o chulé e ele acabou, porque se não, fora! Ainda hoje tenho esse hábito. Se sinto cheiro em alguém, eu falo mesmo. No meu tempo de república e mesmo no de laboratório, sempre tinha esse cuidado. Por exemplo, meu funcionário quando tinha cheiro de suor forte demais, eu dizia: "Fora!" Aconteceu com um desses funcionários porque naquela época o negócio era muito complicado. Eu dava uma receita a base de formol, formol bem diluído, e o sujeito passava nas regiões mais afetadas, e funcionava. O divertido da história é que eles até gostavam. Aí aconteceu um dos absurdos da lógica. Um deles, o Valdemar de Oliveira, que era um ótimo funcionário, usou esse negócio para tirar o cheiro e tudo bem. Ele era batedor de tamborim, e aí duas coisas divertidas aconteceram. Ele tinha essa solução num vidro de uma solução de lava-olho e pôs em cima do guarda roupa do quarto dele. O pai, que era o padrasto dele e motorista de táxi, chega num dia, em que ele não estava



lá, vê o vidro de lava-olho e usa. Era a solução com formol e quase que o sujeito fica cego...

**F:** Voltando à república. Vocês cozinhavam também?

**P:** Não, não, havia uma combinação. A pessoa que morava em cima fornecia alimentação...

**F:** As marmitas, não é?

**P:** Era uma coisa bem feita e mantínhamos isso. Também, freqüentemente, a empregada de cima vinha fazer uma limpeza lá em baixo, o que resolvia. Uma das coisas que fazíamos questão era de limpeza, e cada um era responsável pelo seu quarto.

**F:** Quantas pessoas chegaram a morar lá, o senhor se lembra?

**P:** Umas oito pessoas, e tinha uns quatro quartos. Não só quartos, havia um pedaço que funcionava como uma sala grande. Em um dos cantos havia duas camas de solteiro. Havia um respeito absoluto porque como ninguém pagava nada, quem fizesse algo errado: "fora!" Mas nunca mandávamos ninguém embora.

**F:** E do Ginásio Oswaldo Cruz, quais são as suas lembranças?

**P:** Primeiro, eu tive professores bons e professores ruins. Dois dos professores marcaram a minha vida realmente para um futuro intelectual. Um deles foi o Colombo de Almeida, professor de matemática. Eu tive sorte de ter habilidade para matemática, sempre fui bom aluno nesta disciplina. No grupo escolar, tirava nota 12 em matemática, que era a máxima, equivalia a um A. Uma vez tive uma discussão com um professor, uma coisa qualquer e ele quis me demonstrar que eu estava errado. Eu disse para ele: "O senhor pode me demonstrar, mas eu não acredito", ele ficou ofendido e nós tivemos uma discussão.

**F:** Como era o professor Colombo?

**P:** Dentre outras coisas, durante as aulas, ele inventava um pretexto qual-

---

quer para dar uns conselhos de cidadania para a turma toda. Explicava: “ Vocês estão aqui, os seus pais estão pagando para vocês, vocês têm que usar essa possibilidade como uma coisa muito positiva e que você tem de aproveitar”, etc. Ele era extraordinário, a matemática ele sabia muito bem, mas cidadania eu acho que sabia melhor ainda, porque informava e dava uma dose de aconselhamento que todo mundo aceitava. O pessoal ficava parado ouvindo como uma coisa fantástica. O outro professor que me impressionou muito bem foi o Ernestino. Ele foi o único que me deixou para um segundo exame.

**F:** Qual era a disciplina que ele ensinava?

**P:** História Natural.

**F:** Foi o único que lhe botou na “pré segunda-época”, uma coisa assim?

**P:** É, ele exigiu que eu fizesse outro exame final. O gozado da história é que ele não ganhava nada mais ao fazer uma coisa dessas, ele tinha mais trabalho. É óbvio que ele podia reprovar ou aprovar, mas ele me deu uma chance. Deu uma segunda chance e teve que corrigir de novo.

**F:** O senhor somente ou outros alunos também?

**P:** Havia outros alunos, não era só eu. No meu caso, eu fiquei na beirada, mas ele me disse: “Não, você vai fazer o segundo exame”. E fiz. Foi a única vez que fui avaliado negativamente. Terminado o ginásio, eu estava deitado na cama daquele porão na república, olhando para cima e conversando comigo mesmo. “Agora eu sou bacharel”, porque na época diziam que quem estava formado em ginásio era bacharel, e comecei a pensar... Fiz uma análise do que tinha aprendido, pois apesar de nunca ter sido reprovado, acredito ter sido um péssimo estudante, mas eu nunca fui reprovado...

**F:** Porque o senhor ia às aulas e aprendia muito lá.

**P:** Não era bem assim, eu aprendia para passar, porque a despeito do conselho do Colombo de Almeida, achava que aquilo tudo não adiantava nada. Eu jogava pôquer, sinuca, jogava uma porção de bobagens.

**F:** Mas, o senhor também vivia com autonomia, tinha muita liberdade, não tinha ninguém vigiando.

**P:** Total liberdade, porque morávamos numa república e éramos donos do próprio nariz. Não havia nenhuma espécie de controle, uma liberdade total. Então, eu era muito avacalhado mesmo como estudante.

**F:** Sinuca, pôquer. E esportes?

**P:** Não, até que não tinha muito esporte. Apenas no fim de semana. Uma das coisas que devo dizer, quase uma coisa religiosa, é que íamos para Moji das Cruzes principalmente para ver os pais. Isso me dava grande satisfação. Depois minha mãe sempre preparava alguma coisa especial, para mostrar que gostava que nós viéssemos visitá-los.

**F:** Todo fim de semana?

**P:** Todos, religiosamente, todos os finais de semana eram em Moji das Cruzes.

**F:** Quanto tempo durava a viagem na época?

**P:** Uma hora e quarenta.

**F:** De ônibus? De trem?

**P:** Sim, de trem para o subúrbio, e a coisa mais interessante é que...

**F:** Moji das Cruzes era considerada um subúrbio de São Paulo?

**P:** Subúrbio de São Paulo. Era um subúrbio e a passagem custava 900 réis de primeira classe e 600 réis de segunda classe, mas éramos filhos de industriais, não podíamos andar de segunda classe. Tinha que andar de primeira. Posso garantir que essa diferença de preço pesava, porque éramos três filhos. Primeiro éramos dois, porque meu irmão mais velho veio junto comigo, mas depois apareceu mais um, e depois apareceu meu sobrinho. E então tínhamos que dividir 10 mil réis para três pessoas. Desses 3300 réis, 1800 eram de passagem. O resto era para comida e outras coisas. Bebida

---

não, mas comida. Frequentemente viajávamos de volta no domingo à noite, e muitas vezes não tínhamos passe de ônibus. Se fôssemos de bonde, tínhamos que gastar 200 réis, então combinávamos em ir a pé do Largo da Sé até a Barra Funda, cinco ou seis quilômetros, nós íamos a pé...

**F:** Para economizar o dinheiro...

**P:** Para comprar um pastel do chinês que custava 200 réis, o preço da passagem de bonde. A gente comia o pastel, saboreava e ia a pé, mas foi uma vida muito gostosa...

**F:** E a avó, ela morava em São Paulo, o senhor a visitava?

**P:** Espera um pouquinho, ela faleceu muito jovem, minha avó já tinha falecido.

**F:** Porque isso aí era década de 1930, não é? Ou final...

**P:** Exato, ela... tenho a impressão que ela faleceu em 1934 ou coisa assim. Quando fizemos a república minha avó já não existia, já tinha falecido.

**F:** E o avô?

**P:** Já tinha falecido também, mas eu tinha avô e avó maternos.

**F:** Que moravam...

**P:** Na Barra Funda também, e a gente visitava e conversava, mas sempre tinha outras coisas para fazer, era uma porcaria... Então eu termino o ginásio...

**F:** E começa a pensar, a refletir : " agora, sou bacharel, e o que eu aprendi?"

**P:** Com exceção de matemática e um pouco de história natural, o resto nada, realmente eu não sabia nada. Aí, eu me inscrevi para a Politécnica.

**F:** Mas não tinha o curso de colégio?

**P:** Tinha o pré da Politécnica, porque era pré e universidade, então o que esses três anos de colégio hoje...

**F:** O ginásio correspondia a quantos anos?

**P:** 5 de ginásio, 2 de pré e 4 ou 5 ou 6 de faculdade.

### **O pré na Politécnica**

**P:** Assim, me inscrevi para o pré da Politécnica, mas tive uma revolta interna. A partir daí percebi que não podia mais ser o vagabundo que havia sido, de jogador de porcaria e não sei mais o quê. Peguei o primeiro ano do pré e dei um duro doido porque era o pré da Politécnica. Era muita competição para entrar na Politécnica.

**F:** Em que ano foi isso?

**P:** 1937.

**F:** A Politécnica fazia parte da USP?

**P:** Parte da USP, na Rua Três Rios. Quando eu entrei lá, como calouro, passei por um trote, mas o trote foi muito *wild* como diz em inglês.

**F:** O senhor fez concurso para entrar nesse pré?

**P:** Não, nesse caso não precisei fazer. O curso funcionava no prédio da Politécnica, na Rua Três Rios, e eu me senti realmente compensado porque consegui acompanhar, agora com vontade de aprender. Eu queria realmente saber alguma coisa porque se não soubesse, não entraria na universidade. Então, fiz isso com muita boa vontade e responsabilidade, que eu acho que não tinha antes. Aí, aconteceu o seguinte. No segundo semestre desse curso eu fui assistir a um filme do Pasteur, com o Paul Muni.

**F:** Sobre a vida de Pasteur.

**P:** Sobre a vida de Pasteur, e adorei. Adorei e fiquei numa balança. Queria fazer Politécnica para fazer pictografia, mineralogia e paleontologia, cursos

---

que havia na Politécnica. Esperava me tornar engenheiro. Mas, então, comecei a pensar depois de ter assistido a fita sobre o Pasteur e que me deixou impressionado. Eu tinha que fazer vestibular depois para entrar na faculdade, mas, então, tive sorte. Eu me considero um sortudo, tudo cai na hora certa. Eu estava pensando nessa história do quê que eu vou fazer, se eu vou continuar, não sei o quê, não sei o quê lá e aí eu vejo num jornal qualquer que haveria uma conferência do André Dreyfus sobre genética e biologia, principalmente biologia. Biologia, eu pensei. Bom, então ele deve saber do Pasteur, e fui assistir à palestra. O Dreyfus era um desses professores extraordinários, todas as suas aulas sempre enchiam de gente porque ele era um orador fantástico.

**F:** Ele estava ligado à USP?

**P:** Ligado a USP.

**F:** Veio com a missão francesa?

**P:** Não, ele era do Rio Grande do Sul, de Pelotas. Foi para o Rio de Janeiro para fazer a escola de medicina. Fez e, durante o curso, montou um curso especial para os alunos de histologia. O curso de histologia era chato, porque era uma descrição, essencialmente uma descrição de fenômenos, era uma "decoreba". O Dreyfus era capaz de colocar as coisas no meio do caminho porque ele fazia histologia, mas, misturava desenvolvimento, genética e outras coisas. Até filosofia ele colocava no curso. Então, o sujeito fazia um curso de histologia e parecia uma coisa extraordinária, ao contrário de ser uma "decoreba" de descrição. Ele fazia como se fosse um negócio de detetive, de você ficar querendo saber mais. Era tão fantástico que esse curso que ele dava teve mais de mil alunos, e pessoas importantíssimas da época passaram por esse curso extra da faculdade de medicina...

**F:** Ele veio então a São Paulo para fazer a conferência...

**P:** Não, ele veio para São Paulo para trabalhar na Faculdade de Medicina. Depois, com a fundação da Universidade de São Paulo, teve uma parte na história natural. Ele foi sem dúvida nenhuma um dos grandes professores de história natural, e na realidade o meu único professor nacional.

**F:** Brasileiro.

**P:** Depois da conferência, tinha uma fila enorme de gente esperando, porque ele era tão fantástico que todos gostavam de lhe perguntar coisas. Era uma fila de gente esperando o fim da palestra, e eu esperei, esperei, esperei, esperei e cheguei até no fim. Já estava me cansando também, então ele me perguntou:

- Qual é a pergunta, qual é a dúvida?

- Não, não é dúvida, eu só queria saber o quê que devo fazer para fazer o que Pasteur fazia.

- Fazer o quê? Quem é Pasteur?

Eu estava falando um Pasteur assim meio atrapalhado e disse:

- Esse filme do Paul Muni.

- Ah, o Pasteur, o famoso Pasteur, o que você está querendo?

- O quê que eu devo fazer para fazer o que ele fazia?

- Medicina.

- Ih, então está muito duro, medicina eu não quero, não sirvo para fazer medicina, eu queria fazer Pasteur mesmo.

- Bom, na medicina, você pode fazer isso, ou fazer aquilo, não sei o quê.

- Mas medicina é muito duro, seis anos, eu não agüento, não quero, essa aí não dá.

- Então faz outra coisa. Está sendo fundado um curso de história natural e nesse curso você leva vantagem.

Eu tinha dito a ele que estava fazendo a Politécnica para fazer mineralogia, pictografia, etc. Então, ele disse:

- Se você quer fazer, então o jeito é fazer história natural. Na história natural você pode fazer a parte de biologia, que é o quê o Pasteur fazia, e se no meio do caminho não gostar, pode fazer geologia, mineralogia, que são os melhores cursos hoje no Brasil. Só tem professores estrangeiros.

E então eu mudei de carreira. Bem, eu sempre tive sorte, ela sempre me acompanhou e, naquele ano, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras permitiu que se fizesse o vestibular com apenas um ano de pré, pois era o começo do curso de história natural. Havia poucos alunos no meu grupo, éramos treze pessoas.

**F:** Aí o senhor ganhou o ano que o senhor tinha perdido...

---

**P:** É, ganhei, ganhei bem. Comecei a fazer o curso de história natural, mas não esqueci a Politécnica. Comecei o primeiro ano de história natural, mas continuei fazendo o segundo do pré da Politécnica, e esse segundo ano foi até o primeiro semestre, porque depois eu desisti, fiquei na história natural. Aí realmente fiz um curso, eu aprendi.

**F:** O senhor viu que o seu caminho era pela História Natural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

### ***O Curso de História Natural***

**P:** É, não só vi que meu caminho era pela história natural, como achei o curso muito bom, porque, como já disse, dos meus professores o único brasileiro era André Dreyfus, que por definição era um professor extraordinário. No curso de história natural, em mineralogia tinha um professor que dava aula metade em italiano, e como eu falava bem italiano me divertia muito e conversava com ele, o professor Honorato. Uma vida extraordinária. O Honorato dizia o seguinte: "comigo, nota dez só Deus; nove, eu; e oito, só alunos excepcionais. Eu me divertia batendo papo com ele e tive sorte porque gostava de mineralogia também. Depois de terminar o curso, fui convidado para ser da mineralogia e para a paleontologia com o professor De Fiore. O professor De Fiore era da paleontologia, e como eu falava italiano, e era descendente de italiano e ele também, ele me convidava para ir à sua casa para conversar com ele e a mulher. De vez em quando íamos jantar fora.

**F:** Seu irmão também falava italiano? Com quem o senhor treinava mais em casa, com a mãe, com o pai...

**P:** Não, depois que eu aprendi, eu não treinava. Onde podia falava italiano.

**F:** Não era uma língua falada dentro de casa?

**P:** Não, não. Mais do que isso, esse aprendizado me facilitou muito porque fiquei assim "tarado" para estudar e saber as coisas. Imagine você, que eu fiz um curso de francês para ler Proust no original. Eu realmente li e não gostei. Depois, já adulto, li de novo e vi como eu era ignorante, e que me faltava



educação para entender o livro naquela fase. Mas aprendi francês e fui fazer um curso especial na Aliança Francesa para ler Proust no original.

**F:** Quem foi que lhe influenciou assim, quem foi que lhe apresentou Proust?

**P:** Na época, o pessoal da Faculdade tinha muito contato com o pessoal da Faculdade de Filosofia e a gente acreditava na filosofia, e acreditava nessas coisas...

**F:** Essa faculdade era um ambiente de grandes vivências...

**P:** Formidável, pois eu tive outras oportunidades. O Dreyfus me aconselhou, quando ele era meu professor, a assistir palestras no Instituto Biológico que aconteciam às sextas. Umas reuniões nas quais meu amigo José Reis era o principal responsável juntamente com o diretor do Biológico, que era de origem alemã, ou pelo menos, estudou na Alemanha e exigia que todos os funcionários, que todos os assistentes e pesquisadores do Instituto Biológico assistissem a essas palestras de sexta-feira, que o José Reis chamava de sexta-ferina. Agora, eram conferências fabulosas, porque se discutia até ciência...

**F:** Filosofia da ciência.

**P:** E não só filosofia, discutia-se sociologia, discutia-se um monte de coisas, porque naquela época cultura era uma necessidade intelectual.

**F:** Era alimento para...

**P:** Era alimento mesmo, e daí era uma coisa fantástica...

**F:** Isso é final da década de 30, professor?

**P:** Isso foi por volta de 1937 e 1938.

**F:** O senhor entrou na faculdade em 1938. Só uma curiosidade sobre essas conferências às sextas...

---

**P:** Sexta-ferinas.

**F:** Que o José Reis organizava. O quê que ele fazia dentro da faculdade, qual era a função dele?

**P:** Ele era médico e tratava de galinhas no Biológico, e apesar de ser médico, ele fazia um tratamento de espécies de galinhas.

**F:** E ele dava aula também?

**P:** Dava.

**F:** Não no Curso de História Natural...

**P:** Não, ele era do Instituto Biológico, mas fazia conferências dentro do instituto e fora do instituto. Ele era um divulgador científico, desses de mão cheia. Então, foi onde eu o conheci lá nessa sexta-ferina.

**F:** A organização dessas conferências era da USP?

**P:** Não, era do Instituto Biológico, que estava ligado também à Secretaria de Agricultura. Outra coisa: eu freqüentava também com os alunos da História Natural o Instituto Agrônomo de Campinas. Todos os anos íamos visitá-lo e passávamos um ou dois dias lá. Íamos também à Faculdade de Agronomia em Piracicaba, a ESALQ. Tínhamos contato com essas instituições, estimulados pelo Dreyfus.

**F:** Faziam intercâmbio.

**P:** É, e mais do que isso, porque naquela época, o pessoal acreditava em cultura. No caso dos professores da Faculdade de Medicina, no caso dos professores da Politécnica, o pessoal sabia, além das suas especialidades, muito de cultura, inclusive de sociologia, de filosofia e de coisas extras que eram de cultura. Muitos professores da Faculdade de Medicina eram convidados para examinar alunos de doutorado ou mestrado em sociologia, e de filosofia. Cultura era a base do sistema, e Dreyfus era um dos cultos de primeira grandeza e um conferencista não só em São Paulo, mas em todo o Brasil. Em uma das vezes que o Dreyfus foi fazer uma palestra nos Estados Unidos,

ele falava francês como um de verdade... Os pais eram franceses, mas inglês ele só arranhava. Ele foi fazer uma palestra nos Estados Unidos em inglês. Explicou o trabalho que estava fazendo, relacionado com alguma coisa que esse laboratório americano fazia. Terminada a palestra, um dos assistentes do professor que trabalhava coisa parecida com ele, disse: " O fulano de tal, meu professor, várias vezes tentou me explicar o papel desse acontecimento, não sei o quê. Muito obrigado, porque hoje eu entendi". E olhe que ele falava inglês mal, enquanto no francês e no português não tinha problema. Mesmo assim ele conseguiu se comunicar com o assistente, que lhe agradeceu por ter-lhe ajudado a compreender uma questão importante. O Dreyfus era, assim, fantástico.

**F:** Um professor nato, tinha didática, sabia ensinar.

**P:** Ah, o Dreyfus era formidável, formidável.

**F:** Quem encabeçava o Curso de História Natural, era o Dreyfus?

**P:** Não, mas ele era a mola mestra, porque era culto, mais culto eu não diria, mas tão culto quanto os europeus.

**F:** O senhor ficou amigo dele porque ele foi, assim, o seu quase que guru, não é? Nesse sentido de lhe auxiliar...

**P:** É, foi meu guru mesmo, porque eu babava assistindo as palestras dele e mais do que isso, depois quando chegou num determinado tempo, ele me convidou para ser seu assistente. Então, assistente do Dreyfus, eu tinha recebido o convite para ser assistente da mineralogia e assistente na...

**F:** Paleontologia.

**P:** Paleontologia e na zoologia também. Eu tinha um professor, Marcos, que era ótimo. Ele tinha complicações, mas era muito bom, muito bom professor. O Marcos gostava muito de mim, me tratava na palma da mão. Se eu quisesse, teria a chance de fazer zoologia também, mas estava babado pelo Pasteur e então o Dreyfus era o caminho mais certo, e eu fiquei com o Dreyfus.

---

**F:** E qual era disciplina que ele ministrava no primeiro ano?

**P:** Biologia geral, com ênfase especial na genética e embriologia. Então, foi uma coisa que deu certo. Mais tarde, quando estava recém-formado, por volta de 1942, soube que o pessoal de Manguinhos, no Rio de Janeiro, ia fazer uma excursão para o Pantanal. Aí eu pedi para o Dreyfus me inscrever nessa excursão. Eu era uma pessoa que tinha futuro e o Travassos aceitou. Então eu fui com o Travassos, o filho dele estava também...

**F:** O Travassos era ligado a Manguinhos?

**P:** Manguinhos, e era o chefe dessa excursão. Foi uma excursão fantástica, porque tínhamos um trem com três vagões só para nós. Eles eram levados até o Pantanal, ficavam parados conosco. De vez em quando engatavam para voltar. Dormíamos nas cabines do trem, foi um negócio fantástico.

**F:** Nessa excursão devem ter acontecido muitas coisas interessantes. E com relação à sua formação? O senhor falou que foi assistente do Dreyfus. A partir de que ano?

**P:** 1942

**F:** Quando o senhor era estudante o senhor já era assistente dele ou não?

**P:** Não, eu era instrutor.

**F:** Instrutor já desde o primeiro ano?

**P:** A partir do terceiro ano eu era instrutor, porque no meio do caminho quando entrei no primeiro ano da história natural dei um duro doido e mostrei que era bom. O pessoal achava que eu era formidável porque tinha feito bem os exames, então o pessoal me tratava assim, mas depois eu fiquei meio boa-vida. "Bom, já que sou bom mesmo", e acabei entrando numa farra de novo e aí foi uma fase divertida, gostosa.

**F:** Uma fase de farra?

**P:** Inclusive, eu tinha...

**F:** 20 e poucos anos, não é?

**P:** É, mas antes de ter 20 anos eu usava a carteira de identidade do meu irmão, já dois anos e meio mais velho do que eu e entrava nos cabarés, dizendo que tinha 21 anos. Sistemáticamente, vinha um sujeito da polícia e dizia assim: "A sua carteira de identidade, puxa rapaz você não parece que tem essa idade!" E era uma farra, mas foi uma farra, uma farra gostosa.

**F:** Mas não se descuidou mais de...

**P:** Não, não, aí eu tinha responsabilidade, eu já tinha...

**F:** Já estava envolvido, não é?

**P:** É, eu já tinha responsabilidade.

**F:** Interessante, eu observei que o senhor teve muita autonomia, muita liberdade para escolher sua profissão. Seus pais lhe aconselhavam, tinham alguma expectativa com relação a alguma profissão ou sempre apoiaram suas decisões?

**P:** Meus pais, meu pai era formidável. Eu tinha grande admiração por ele, pela sua intelectualidade, ele sabia fazer umas coisas que eu achava que eram impossíveis.

**F:** Autodidata, não é?

**P:** Autodidata, exatamente. Ele era totalmente autodidata e mais do que isso, quem sabia não queria ensinar, então ele tinha que ler livros estrangeiros, principalmente livros franceses. Foi um negócio formidável, mas o conselho que ele dava sempre era de responsabilidade. Faça o que você quiser, mas com responsabilidade e eu sempre tive a sorte de escolher, sorte mesmo.

**F:** E eles sempre apoiaram financeiramente o senhor na sua trajetória de estudante?

**P:** Sempre.

---

**F:** Seu irmão seguiu que profissão?

**P:** Lauro fez Química. E o meu terceiro irmão, o Clovis, que é o mais moço dos homens, fez Aeronáutica. Ele fez sucesso como Brigadeiro, na época do Brigadeiro Eduardo Gomes, e teve um papel muito importante. A minha irmã Ida, que tem o mesmo nome da irmã do meu pai que havia morrido quando menina, fez História Natural.

**F:** Também.

**P:** E a minha irmã Ana fez odontologia.

**F:** Todo mundo para as exatas, seu pai tinha uma coisa de engenheiro...

**P:** Sim, mas ele tinha só curso primário.

**F:** Sim, mas ele tinha vocação, talento não é?

**P:** Tinha talento sim, sem dúvida nenhuma, teve cinco filhos formados na universidade. Então, deu um salto...

**F:** Muito impulsionado pelo estímulo que seu pai deu para a educação.

**P:** Ah, sem dúvida, sem dúvida, porque ele era formidável, e depois ele nos dava muita liberdade de escolha, nós o respeitávamos muito.

**F:** Então voltando à fase da farra, o senhor já estava para terminar a faculdade ou foi assim no segundo, terceiro ano? E quem eram seus companheiros de farra?

**P:** Segundo ano, terceiro não. Eu tinha um colega da faculdade de medicina, e o divertido da história é que freqüentávamos cabarés. Esse rapaz tinha mais de 21 anos, era o Rubens Brito, já tinha idade suficiente, enquanto eu usava a carteira de identidade do meu irmão mais velho.

**F:** O senhor dançava, professor?

**P:** Dançávamos.

**F:** Aprendeu a dançar nesses cabarés ou já gostava de música também?

**P:** Mais do que dançar, gostávamos de ir ao cabaré. Como tínhamos pouco dinheiro, a gente tinha que ir ao cabaré no começo da noite. O gerente colocava uma garrafa vazia com uns copos, e as meninas sentavam conosco, para mostrar que tinha freguesia. Se alguém entrasse e visse gente, ficava, se não tivesse ninguém, ia embora. Éramos o chamariz. Tínhamos um comportamento fantástico ao conversar com as bailarinas. Não eram mulheres da vida e nunca tivemos qualquer ligação sexual com elas. Conversávamos, simplesmente. Aconteceu uma coisa divertidíssima, pelo menos para mim. Uma das vezes em que estávamos em um desses cabarés na Avenida São João, chegamos cedo como sempre e sentamos...

**F:** Os cabarés estavam localizados na Avenida São João?

**P:** Na Avenida São João, na Praça João Mesquita, perto da Rua Tibira. Então, aí, o quê que eu estava lhe falando? Ah, chegamos cedo, nos sentamos à mesa, e perguntei:

- Onde é que está fulana de tal?

Era uma moça de quem eu tinha pena porque era feia, e eu perguntava muito porque que ela estava ali. Como éramos dois alunos de universidade, aquelas meninas ficavam babadas e não tínhamos outro interesse, queríamos bater papo. Não queríamos fazer outra coisa, para isso tínhamos outras oportunidades, não precisava essa, então eu perguntei:

- Onde é que está a fulana?

- Deve ter ido ao banheiro, ou então está aí no corredor, porque ela brigou com o namorado, respondeu uma outra moça.

Então, disse que ia ao banheiro. Encontrei-a no corredor mesmo e ela estava chorando e perguntei:

- O quê você tem?

- Nada, nada, nada!

Como eu era conselheiro dela, e meu colega da medicina também, ela aceitou a conversa. E eu disse:

- Mas menina, você está perdendo uma oportunidade incrível! Vá ao Metro!

O cinema Metro era ali perto.

- Vá ao Metro e assista à fita do "E o vento levou" e, veja, você tem a cara da Scarlett O'Hara.

---

**F:** Vivien Leigh, que era a atriz, não é?

**P:** É. E continuei falando:

- Você vai ver como vai criar alguma coisa. Você vai perceber que é mais gente do que pensa.

E ela estava chorando, e até parou de chorar. Tudo bem. Foi embora. Uma semana depois voltamos lá e encontramos a mesma personagem na frente de um espelho se penteando, dizendo:

- O quê que você acha agora?

Eu disse:

- Agora está ainda mais parecida!

E não tinha nada parecido, mas ela estava toda feliz ...

**F:** De alguém ter achado que ela era bonita e...

**P:** É, e no fundo, no fundo ela mesma se preparou mais, e procurou imitar quanto podia imitar. Não adiantava nada, mas de qualquer maneira foi uma coisa feliz.

**F:** O senhor ia muito ao cinema nessa época, o cinema era muito...

**P:** Era muito concorrido. Íamos muito ao cinema, coisa que hoje não faço mais. Nem na televisão eu assisto filme. Gostava de filmes, fui educado com aqueles filmes para me distrair. Não tinha sofrimento, no fim sempre dava certo.

**F:** Tinha um *happy end*.

**P:** Tinha um *happy end*, esse *happy end* ajudava a gente a ficar feliz, essas coisas. Hoje não existe mais *happy end*, nem *happy*, é tudo tristeza; e isso me afeta muito, até porque eu sinto que não gosto de assistir a um negócio desses. Vá tomar banho! Eu vou para me divertir e não para sofrer...

**F:** Se deprimir, não é?

**P:** É, mesmo com toda a parte artística e cultural do cinema, eu não quero não, eu não assisto não.



**F:** E o senhor morava onde nessa época da faculdade, continuava morando lá na...

**P:** Barra Funda, e depois aluguei um apartamento na Rua Timbiras, num prédio chamado Treme-Treme, porque tinha tanta gente...

**F:** Tipo “balança, mas não cai”?

**P:** Não é só “balança, mas não cai”. No térreo havia um grupo de russos, desses que vinham da Rússia para cá para se mostrar. Faziam um barulho doido a noite inteira, e tínhamos que estudar. Mas tudo bem, era a felicidade reunida com a farra, não havia problema algum.

**F:** E o senhor morava com aquele seu colega de medicina?

**P:** Não, eu morei um tempo com meu primo, meu primo mais moço.

**F:** O senhor já tinha namorada nessa época da faculdade?

**P:** Tinha. A minha esposa foi minha aluna, eu dava de graça umas aulas de preparação para o vestibular.

**F:** Quando o senhor era estudante.

**P:** Quando eu era estudante e recém-formado dava aula e a minha mulher foi minha aluna nesse curso grátis.

**F:** É incrível isso, naquela época havia um “cursinho” dentro da própria Faculdade de Filosofia.

**P:** É, dava o curso e o pessoal aceitava. Ela fez química, e aí aconteceu uma coisa divertida que serve de exemplo. Minha mulher fez química por causa do pai, que era muito amigo do Julio Mesquita Filho, o criador da Faculdade de Filosofia. Ele não foi o criador da USP, mas de uma coisa essencial que era a Faculdade de Filosofia. Era uma coisa nova, pois foi quando se introduziu a parte das ciências sociais, uma mudança de base do sistema, inclusive do sistema cultural na universidade. As várias áreas, seja na sociologia, na história natural, na química, na física, passaram a ter não apenas aula, mas

---

também a pesquisa Todos eram programas, eram cursos básicos e com laboratório.

**F:** A propósito, essa era uma pergunta que já estava querendo fazer: o senhor começou a fazer pesquisa já durante o seu curso?

**P:** Não me chame de senhor não, porque eu fico mais velho ainda...

**F:** Não, mas o senhor...

**P:** Faz o favor.

**F:** Mas, então, a atividade de pesquisa já estava lá desde o primeiro ano?

**P:** Já estava, não do primeiro, mas desde o segundo ano.

**F:** Seus professores eram pesquisadores?

**P:** Todos, e mais do que isso. Eu, por exemplo, fiz uma experiência com uma barata d'água com um professor, e ele usou o resultado da pesquisa nas palestras que fazia. Mas nunca publicávamos, era só ele me orientando.

### ***As primeiras pesquisas***

**F:** O senhor participou de alguma pesquisa desenvolvida pelo Dreyfus?

**P:** Sim, comecei a fazer citologia com o Dreyfus e tinha como colega uma alemã chamada Martha Breuer. Foi quando decidi estudar os peixes cegos da caverna de Iporanga.

**F:** Essa pesquisa desenvolvida pelo professor Dreyfus, na qual o senhor participava como assistente, era financiada?

**P:** Não. Por influência do Dreyfus, alguns banqueiros davam uma ajuda, emprestavam caminhão para viajar. A firma mandava o caminhão lá para as cavernas de Iporanga.

**F:** A universidade não tinha recursos para pesquisa?

**P:** Tinha, dava algum, mas muito pouco. Muitas vezes, no caso da biologia com o Dreyfus, nós dávamos parte do nosso salário para pagar funcionários, porque o salário deles era muito ruim.

**F:** Resumindo: o Dreyfus era um pesquisador/empreendedor que montava um projeto de pesquisa, com apoio mínimo, e ia buscar recursos fora da universidade. Então, a partir de que ano da universidade o senhor e Martha Breuer participaram dessas pesquisas?

**P:** Durante a graduação, Dreyfus nos levava ao Instituto Agrônomo de Campinas e às vezes um ou dois dias na Escola Agrícola Luiz de Queiroz. Nessa época, Martha Breuer já era assistente de Dreyfus. Seu sobrenome de solteira era Erps, mas casou-se com Marcel Breuer, que teve grande projeção no instituto alemão Bauhaus. Eu o conheci e tenho até umas cartas dele.

**F:** Ela veio para o Brasil para estudar com o Dreyfus?

**P:** Não, ela estava casada e disse ao marido: “Eu quero ir para a América do Sul”. E ele disse: “Não posso” e ela disse: “Então você fica aí que eu vou” e veio com o irmão para cá.

**F:** Foi então que ela começou a estudar?

**P:** Não, ela nunca estudou, mas tinha um cérebro privilegiado; era uma técnica excepcional.

**F:** Qual era a formação dela?

**P:** Artística, mais do que científica.

**F:** Durante o curso, o senhor participava dessas pesquisas mais gerais e, ao terminar o curso, o senhor continua fazendo pesquisa com o Dreyfus. A pesquisa dos peixes de Iporanga foi ideia do senhor?

**P:** Não, foi do Dreyfus, ele estava me orientando. Eu ia para Iporanga para coletar os animais, depois conseguimos um pequeno lago para colocá-los na Alameda Gleite, num prédio famoso feito por um francês.

---

**F:** Essa parte da pesquisa ainda era do seu professor, Dreyfus?

**P:** Não, já era minha.

**F:** E o ano de didática que o senhor fez?

**P:** Foi formidável, porque nessa época eu tinha muito contato com o pessoal da Sociologia, Política...

**F:** História.

**P:** História e Geografia etc. Um negócio muito bem feito.

**F:** Quase multidisciplinar.

**P:** É, formidável. Eu assistia palestras em várias áreas.

**F:** Só para situar. Ao fazer o curso de didática, o senhor continuou nessa sua pesquisa que já era o início do seu processo de doutoramento?

**P:** Eu já trabalhava em tempo integral; eu "brincava" em tempo integral, como eu chamava meu trabalho.

**F:** Quando o senhor terminou a graduação, o senhor primeiramente foi contratado como técnico, não foi?

**P:** Sim, e depois passei a assistente.

**F:** Mas nesse período o senhor também fazia essa formação em didática?

**P:** Sim, eu tinha que fazer o curso de didática, que era parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

**F:** Nesse momento, o senhor estava já se propondo a fazer o doutoramento, uma vez que nessa época não havia mestrado - era doutorado direto - que implicava numa pesquisa, na elaboração de uma tese?

**P:** Exato. E aí nós estávamos organizando, em 1941, a pesquisa que ia ser feita quando começaram a surgir umas informações de que a Fundação Rockefeller queria ajudar a pós-graduação. Naquela época, a Fundação Rockefeller tinha recursos, mas por causa da guerra na Europa e Ásia, decidiram investir na América do Sul. Em 1942, recebemos a visita do representante da Rockefeller, o professor Harry M. Miller Junior, que veio ajudar o desenvolvimento científico brasileiro, e, dentre outros, o Dreyfus foi consultado se estava interessado. Eu tive a sorte de estar recém-formado e de ter ido almoçar com ele e o representante da Rockefeller. Foi então que o professor Miller lhe ofereceu uma bolsa para passar um ano nos Estados Unidos, seis meses em um laboratório para se especializar e seis meses para visitar instituições. E o Dreyfus aceitou. No dia seguinte fui para o laboratório e contei para todo mundo. Nesse momento, Dreyfus entra e diz que não aguenta ficar sozinho lá um ano. O Dreyfus era solteiro, não tinha família, a não ser a irmã dele que morava no Rio de Janeiro. O Miller tinha ido para o Sul, para a Argentina, creio. Quando voltou, telefonou para o Dreyfus e fomos almoçar novamente. O Dreyfus se disse muito interessado, mas que não poderia passar um ano inteiro, porque precisaria ficar no Brasil um semestre para dar aula teórica, uma vez que eu e a Rosina de Barros, os dois assistentes, não estávamos habilitados para isso. Então, o Miller propôs mandar um professor americano para cá, para passar seis meses lecionando teoria, enquanto o Dreyfus ficaria nos Estados Unidos um ano". Essa pessoa, Miller disse, era o professor Theodosius Dobzhansky, que havia pedido uma bolsa para ir para a América Central, mas que aceitaria vir para o Brasil para ver a Amazônia em troca. Nós já tínhamos estudado Theodosius Dobzhansky. Ele publicou um livro muito importante em 1937, *Genetics and the origin of species*. *The Origin of species* foi o livro de Darwin, e Dobzhansky acrescentou *genetics*. O livro teve uma repercussão extraordinária, sendo citado em todos os trabalhos de Biologia. Dobzhansky só não ganhou o prêmio Nobel porque no meio do caminho começaram a fazer a bioquímica da genética, do material genético, e aí com isso a moda mudou, a genética de população ficou para trás.

**F:** Esse livro foi lançado quantos anos depois da "Origem das espécies"?

**P:** A "Origem" foi de 1859 e creio que o de Dobzhansky foi de 1937, portanto quase oitenta anos depois. Dobzhansky, quando veio para cá, já tinha publicado a segunda edição, mais completa, em 1941.

---

**F:** Onde Dobzhansky estava radicado?

**P:** Ele era russo e foi convidado pela Fundação Rockefeller para fazer um estágio em Nova York com Morgan, teve um grande sucesso e acabou ficando por lá.

**F:** Em que época ele foi convidado?

**P:** 1927.

**F:** Depois da Revolução.

**P:** É, já era União Soviética e parece que ele não estava muito adaptado lá. Foi quando encontrou essa chance e foi para os Estados Unidos. Ele tinha lido os livros de Darwin e de Bates sobre a Amazônia e me disse depois que, desde que leu o livro, pensou: "Este é um lugar que eu tenho de visitar".

**F:** Acabou que deu tudo certo, o Harry Miller, da Fundação Rockefeller, fez o convite para ele vir fazer a parte das aulas teóricas.

**P:** Sim, mas o Dreyfus desistiu de ir. Quando foi confirmado que Dobzhansky viria, Dreyfus disse: "Se ele vier, eu não preciso ir, fico aqui" e ele foi formidável porque realmente deu a Dobzhansky todo o crédito. Dreyfus entregou tudo para Dobzhansky e disse para nós, assistentes e alunos dele: "Aproveitem bem esse personagem, porque isso é de extrema importância". O que nós fazíamos com grande satisfação.

### ***O convívio com Theodosius Dobzhansky***

**F:** Quando Dobzhansky chegou ao Brasil?

**P:** Chegou em março de 1943. O voo internacional era até o Rio e o Dobzhansky chegou em São Paulo num voo nacional em Congonhas, mas não pediu que a gente fosse buscá-lo. Foi de táxi para o Hotel Esplanada, onde nós fomos encontrá-lo. Dobzhansky não queria mordomia, ele fazia questão de ser simples. Quando nós nos encontramos com ele, ele disse: "Se falar português, por favor, fale lentamente, eu entendo castelhano, mas não português".

**F:** Quanto tempo demorou essa negociação, entre o encontro com o Miller e a vinda dele?

**P:** Foi rápido, somente o tempo de organizar sua situação, porque não podia largar o curso de imediato.

**F:** Em qual universidade ele estava?

**P:** Columbia University, Nova York.

**F:** Ele chegou já com essa base de espanhol que deve ter facilitado bastante.

**P:** Ele escrevia em inglês, o Dreyfus traduzia para o português e o Brito da Cunha e eu corrigíamos a pronúncia dele em português. Ele deu um mês e tanto de aulas em português. Era um grupo de sessenta, setenta pessoas e o Anfiteatro da Química enchia, o pessoal ficava sentado nas escadas, nos degraus da escada que subia para o anfiteatro. Dava aula em português e quando havia qualquer dificuldade o Dreyfus fazia a tradução e corrigia. Participavam professores da Medicina, do Instituto Biológico, do Butantan, do Agrônomo de Campinas e da ESALQ de Piracicaba. Foram aulas bem freqüentadas.

**F:** Havia então muita difusão de sua presença na USP?

**P:** Havia, mas é importante que se diga que Dreyfus nunca monopolizou Dobzhansky... Ele o compartilhou de uma forma extraordinária. Inclusive fomos fazer uma reunião em Piracicaba e organizamos um simpósio que o Dreyfus batizou de "Primeiro Simpósio da Sociedade Brasileira de Genética". Realmente, a partir daí criamos a Sociedade Brasileira de Genética, que já está com 50 anos de existência. Uma curiosidade: Dobzhansky chegou numa sexta-feira e já no sábado fez uma excursão; eu não pude ir porque tinha alguns compromissos de trabalho, mas dois colegas dele foram com ele até a Serra do Mar para coletar moscas. Na semana seguinte fizemos outra excursão. Aí, nós nos organizamos, ele tinha que dar as aulas, nessas conferências que ele fazia, aulas mais do que conferências. Nós estávamos organizando a coleta de material que foi feita no início aqui em São Paulo

---

e no interior e depois eu fui com ele para a Amazônia, que era onde ele queria ir.

**F:** O senhor foi com ele para a Amazônia?

**P:** Sim, fui.

**F:** Mas antes de falar sobre essa excursão, só uma curiosidade: o senhor já tinha definido o objeto de estudo da sua tese antes de Dobzhansky chegar. Por que essa escolha dos peixes cegos de Iporanga? Poderia falar um pouco sobre a importância desse trabalho?

**P:** Meu trabalho foi o de verificar qual era a relação entre os peixes de dentro e os de fora da caverna, uma vez que tal estudo não tinha sido feito pelos descobridores dos peixes. Dobzhansky quis visitar, em uma primeira viagem...

**F:** Havia um objetivo para saber porque eles eram cegos, se era por falta de luz dentro da caverna? Havia alguma indagação nesse sentido?

**P:** Havia várias explicações; o problema era identificar se eram de uma nova espécie e que diferenças existiriam entre eles e os peixes de fora da caverna. Foi isso que fizemos e publicamos o trabalho. Já publiquei nos Estados Unidos.

**F:** Quando terminou a tese?

**P:** Já com a ajuda do Dobzhansky, porque ele chegou e fomos para a caverna de Iporanga para ver os peixes.

**F:** Quer dizer que ele foi tipo um co-orientador do senhor?

**P:** Sem dúvida, porque Dreyfus era formidável como intelectual, mas como pesquisador ele tinha pouca experiência. Ele fez o trabalho de citologia e publicou; mas ele era mais professor e o Dobzhansky trouxe mais detalhes de como fazer a pesquisa.

**F:** Contribuições metodológicas.



**P:** Como já mencionei, Dreyfus nos levava todo ano durante o curso para passarmos uns dias no Instituto Agronômico de Campinas, na Escola Agrícola em Piracicaba e outros lugares.

**F:** Nessas oportunidades em que o senhor convivia com pesquisadores, perguntava, tirava dúvidas?

**P:** Sim. Dreyfus foi o integrador dos grupos de genética, porque ao contrário de ficar trabalhando separado, ele congregou esse pessoal que acabou por constituir a Sociedade Brasileira de Genética.

**F:** Voltando ao seu trabalho de pesquisa, já existia alguma difusão do conhecimento sobre os peixes de Iporanga?

**P:** Sim, já existiam umas publicações de um pesquisador, mas só com descrição. Não havia experiência, que era o que eu queria fazer. Era difícil conduzir as experiências porque eu não tinha recursos. Cheguei a colocar alguns peixes num lago na intenção de verificar, de dar injeção, fazer alguma coisa no peixe para ver se dava em alguma coisa, mas aí a tartaruga comeu. Eu não tinha recursos para fazer mais. Por exemplo, numa dessas viagens que fazia para coletar peixes, fiquei sem dinheiro e tive que voltar de carona em caminhões.

**F:** Todas essas viagens de coleta aconteceram antes da chegada do Dobzhansky?

**P:** Algumas tinham sido feitas antes.

**F:** Mas ele foi lá também com o senhor?

**P:** Foi e adorou, era uma das coisas que ele queria ver, e ele se interessou bastante...

**F:** Esses peixes são específicos dessa caverna?

**P:** São.

**F:** Só tem lá?

---

**P:** Só lá.

**F:** Até hoje ainda existem?

**P:** Sim.

**F:** Depois gostaria de saber como é que o senhor faz a avaliação desse trabalho. Creio que seria interessante o senhor falar agora sobre a viagem que fez com Dobzhansky à Amazônia.

### ***A viagem para a Amazônia com Dobzhansky***

**P:** Depois que Dobzhansky deu o curso, o sonho dele era ver a Amazônia, e foi realmente extraordinário. Era época da guerra e o Brasil estava cheio de tropas americanas no Nordeste. Para chegar até Belém do Pará, Dreyfus conseguiu um auxílio para comprar a passagem de avião, que levou de 16 a 18 horas, de São Paulo a Belém, porque foi parando...

**F:** Em todas as capitais do Nordeste até o Maranhão?

**P:** Até Pernambuco e depois o Rio Grande do Norte.

**F:** O senhor se lembra a empresa que fazia essa rota?

**P:** Era a Panair. Fazendo um parêntese, mais tarde, nós conseguíamos viajar com a Aeronáutica, pois meu irmão, que era tenente e depois passou a brigadeiro da Aeronáutica, nos ajudava a conseguir essas viagens via Correio Aéreo Nacional.

**F:** Mas, essa primeira viagem deve ter sido bem interessante...

**P:** Nessa primeira viagem nós fomos ao Instituto Agrônômico do Norte; o diretor era paulista.

**F:** Isso em Belém?

**P:** Sim. Felisberto Camargo era uma pessoa extraordinária e nos recebeu bem. Ele estava organizando o Instituto Agrônômico do Norte. Havia meia

dúzia de pesquisadores americanos lá, fazendo pesquisa de vários tipos. Eu, por exemplo, gostava muito de andar sozinho no mato, vira e mexe eu saía passeando. Dobzhansky, toda vez que estava no mato, precisava de alguém para quem explicar; ele parecia criança em loja de brinquedo, tudo que ele via ele dava uma explicação fabulosa para nós; eu ficava ouvindo e fazendo perguntas, e ele respondia com satisfação. Quando voltamos de Belém, uma das coisas que ele me disse foi: “Vem cá, Pavanzinho, vamos olhar bem essa ‘coisa’ porque eu não sei se vou ver isso uma segunda vez”. Percebi então que, como o pai dele tinha morrido muito jovem, a expectativa dele era, pela herança genética, morrer também jovem. Mas ele viveu 70 e tantos anos.

**F:** Vocês visitaram o Museu Goeldi?

**P:** Tínhamos contato com o pessoal do Goeldi. Eles vinham visitar Dobzhansky, que ajudava e fazia tudo que era demandado. Quando fui presidente do CNPq, posteriormente, dei uma boa ajuda ao Museu Goeldi.

**F:** Nesse primeiro momento, vocês não ficaram hospedados lá?

**P:** Ficamos hospedados no Instituto Agrônomo do Norte.

**F:** Havia algum interesse específico de Dobzhansky na Amazônia? Ele estava em busca de alguma coisa ou só queria conhecer a região?

**P:** Ele estava em busca de alguma coisa. Ele trabalhava com uma mosca, uma drosófila americana, e queria saber se existiam essas moscas na América Central. Como ele veio para cá, aqui não existia essa mosca que era a “pseudo obscura”. Então, o problema dele era estudar a genética de populações de insetos em lugares diferentes e estabelecer uma relação entre genética e o meio ambiente. Tanto que a minha tese de cátedra foi sobre populações naturais de drosófilas e o meio ambiente. Depois passei um ano na Amazônia em épocas diferentes, três meses uma vez e mais outras duas vezes. Então, viajei bastante na Amazônia, dormi no mato, dormi no barco...

**F:** Nessa primeira viagem vocês viveram muitas emoções na mata?

---

**P:** Vivemos, isso era o principal, pois o sonho de Dobzhansky era conhecer a mata.

**F:** E como foi a relação com o diretor do Instituto Agrônomo, o Felisberto?

**P:** Ele nos deu total apoio, nós tínhamos todas as facilidades...

**F:** Ele era biólogo também?

**P:** Ele era agrônomo.

**F:** E o contato era feito por carta ou telefone?

**P:** Cartas e às vezes telégrafo, que funcionava mais que o Correio.

**F:** Quanto tempo durou essa viagem?

**P:** Creio que passamos um mês e meio em Belém.

**F:** E ele encontrou a mosca que procurava?

**P:** A dele não, mas ele não estava interessado mais nessa mosca e sim nas nativas. Ele levou as nativas para os Estados Unidos para fazer a análise que ele queria. Para saber a genética da mosca, não bastaria pegá-la e examiná-la; era necessário pegar a mosca e preparar o seu cromossomo, a sua genética, para depois identificar como era a desse lugar e a do outro lugar; colocar o material e fazer uma experiência como mosca de laboratório, porque a gente tinha cromossomos marcados, então a gente conhecia qual era o marcado e depois testava o novo, nós fazíamos isso citologicamente. A drosófila, com a qual passei a trabalhar posteriormente, tem uma vantagem: ela tem umas glândulas salivares que saem próximas da boca, e essas glândulas têm células com cromossomos politênicos. O cromossomo politênico é uma situação em que o cromossomo se divide, mas não se separa, então fica um feixe de cromossomos de 100, 200, 500 e até 1000 fios, e esses fios tem um código de barra. O código de barra utilizado hoje pela informática foi copiado desses cromossomos.

**F:** Quanto tempo Dobzhansky ficou no Brasil?

**P:** Ele ficou cinco meses, depois voltou e passou um ano.

**F:** E a segunda vez foi em que ano?

**P:** 1949.

**F:** Seis anos depois. Houve, sem dúvida, influência dele no direcionamento da sua pesquisa?

**P:** Total. Não só para mim, mas para todo o Departamento de Biologia. Nós trabalhávamos só com drosófila, o laboratório inteiro. Depois nós convidamos pesquisadores da Argentina, do Uruguai, da Suíça, da Alemanha e até da Austrália fazendo trabalho conosco no laboratório.

**F:** Desse grupo aqui no Brasil que conviveu com ele, o senhor foi o que teve uma relação mais prolongada?

**P:** Não, todos tiveram. Por exemplo, o Brito da Cunha e eu fomos os que tiveram mais contato com Dobzhansky, mas todo o pessoal recebeu muita influência dele. Depois que Dobzhansky chegou, a drosófila tornou-se nosso material de pesquisa. Foi ele que nos ensinou a coletar drosófila, apesar de ela ser conhecida antes de ele chegar. Então, nós já tínhamos uma coleção, fazíamos criação de drosófilas, mas era só para a aula, não existia pesquisa. Na realidade, era para fazer demonstrações aos alunos. O grande desenvolvimento da genética se deu por intermédio da drosófila. Depois, vieram as outras coisas, tanto que a drosófila rendeu o prêmio Nobel para Morgan, que foi quem começou pela primeira vez a trabalhar com a mosca. Dobzhansky, por exemplo, trabalhava com um coleóptero, um besourinho com manchas na casca. Esse besourinho deu bastante trabalho para Dobzhansky, mas depois, quando ele foi para os Estados Unidos trabalhar com o Morgan, virou "drosofilista".

**F:** Ele mantinha contato com o laboratório de Cambridge onde Watson e Crick trabalhavam, ele os conhecia?

---

**P:** Não, Watson e Crick não eram conhecidos na realidade, nem na genética. No começo, ninguém acreditava na teoria deles, mas o modelo que eles fizeram é impecável, é um negócio extremamente difícil de imaginar, difícil de entender inclusive como a coisa foi construída.

**F:** Eu estava me lembrando aqui que Domenico de Masi organizou um livro chamado *A emoção e a regra*, no qual são analisados grupos de pesquisa - grupos de sucesso- na primeira parte do século XX, e um deles era o de Cambridge, esse laboratório onde Watson e Crick desenvolveram a pesquisa sobre o código genético que resultou na teoria da hélice dupla.

**P:** Essa descoberta foi, sem dúvida nenhuma, extraordinária.

**F:** Os autores do estudo relacionado à Cambridge relatam que havia outros grupos que estavam em torno também dessa pesquisa, que havia uma certa corrida em torno desse assunto.

**P:** Não era bem uma corrida, porque o negócio era tão complicado que não instigava interesse em quem estivesse fora do grupo.

**F:** A base da herança genética é, portanto o DNA.

**P:** Sim. É uma situação toda especial de uma molécula que se divide em duas, se separa, é um fio, separa-se em dois, A e B, o A modela a formação do B e o B modela a formação do A. Quero dizer, é uma situação toda especial, e deu na genética que temos hoje. Mas não é uma situação simples, o Ácido Desoxirribonucléico é uma coisa especial, só essa molécula apresenta essa característica na vida.

**F:** Muito bem. Depois dessa breve aula em torno da dinâmica do conhecimento genético, vamos tentar voltar ao seu processo de formação. O senhor conclui seu doutorado em 1944, consegue publicar sua tese, e continua como assistente de Dreyfus?

**P:** Sim, mas, terminado o doutorado, fui fazer pós-doutorado na Columbia University com Dobzhansky. Passei 18 meses lá, entre 1944 e 1945. Assisti ao fim da guerra em Nova York.

**F:** Como é que foi sua ida, professor? O senhor já estava casado nessa época?

**P:** Não, eu tinha namorada só.

**F:** A sua futura esposa.

**P:** Sim. Era época de guerra então a gente tinha obrigação de viajar...

**F:** O senhor defendeu sua tese e...

**P:** Eu defendi minha tese em 1944 e, depois de uns 6 meses, viajei.

**F:** Como era a estrutura de defesa, como era o processo? Seu orientador oficial era o...

**P:** Dreyfus.

**F:** Dreyfus. E aí havia uma banca que examinava...

**P:** Tinha 5 examinadores.

**F:** Essa ideia de fazer pós-doutorado, esse convite surgiu quando Dobzhansky ainda estava no Brasil ou foi por correspondência depois?

**P:** Depois. Eu fui o primeiro a ir para o laboratório dele, mas, depois disso, durante 10, 15 anos, ele sempre teve um brasileiro dentro do laboratório. Fui com bolsa da Fundação Rockefeller, e aí quero voltar a evidenciar o papel importante que essa fundação teve para a genética, para a pós-graduação no Brasil.

**F:** O que o senhor foi estudar lá?

**P:** Drosófila, continuando o que estávamos fazendo aqui. A primeira coisa que fizemos aqui no Brasil foi coletar e classificar as espécies novas, junto com Dobzhansky. Ele foi o ator principal e eu o associado. Já em 1943 nós começamos a publicar. Ao chegar na Columbia, publiquei dois trabalhos, um sobre a drosófila e outro sobre o bagre cego de Iporanga.

---

**F:** Como foi a sua adaptação aos Estados Unidos?

**P:** Foi formidável. Era uma situação privilegiadíssima porque os homens estavam na guerra e estava cheio de “muié” (risos). Para mim foi uma coisa extraordinária. A forma como eu fui recebido, não só por Dobzhansky, mas pelos outros professores da Universidade de Columbia. Eu era muito xereta e queria ver o que eles estavam fazendo, e eles me tratavam de uma forma toda especial; foi muito agradável. Foi a primeira viagem que eu fiz para o exterior, para Nova York. Tive a sorte de viajar com o Ermírio de Moraes e os dois filhos dele, José e Antônio.

**F:** Foi de navio?

**P:** Não, fomos de avião. Nosso avião saiu daqui e foi para Cuiabá, Mato Grosso, de Cuiabá foi para a Bolívia. Dormimos em Cuiabá e depois em Santa Cruz de La Sierra. Depois fomos para La Paz. Nessa viagem, fiquei conhecendo o Antônio e o José de Moraes no avião. Eu era um pouco mais velho do que eles.

**F:** Esse percurso era uma linha regular?

**P:** Era pela Branif, porque era época de guerra e não tinha escolha. Fomos depois para Miami e de Miami tomamos outro avião para chegar em Nova Iorque, mas foi uma viagem fabulosa.

**F:** Quer dizer que se parava, pernoitava em hotel. Nessa oportunidade, o senhor nunca tinha ido para o exterior e acabou por conhecer a Bolívia. Como é que foi essa experiência na Bolívia? Alguma coisa a ser registrada?

**P:** Foi formidável. Fui à Bolívia para coletar material que eu ia levar para Dobzhansky. Então de La Paz, desci mais para o sul, abaixo dos Andes, para coletar bichos, foi uma experiência extraordinária.

**F:** Então, foi uma coisa planejada ir pela Bolívia ou não?

**P:** Foi planejado ir para a Bolívia coletar material.

**F:** Nesse período o senhor dava aula também?



**P:** Dava aula prática.

**F:** O senhor já tinha seu doutorado, estava dando aula e fazendo pesquisa e havia essa interação com o Dobzhansky.

**P:** Lá na Bolívia foi formidável, com o pessoal todo eu não tive problema nenhum.

**F:** Tinha contato com a universidade, com alguma universidade de lá ou não?

**P:** Não.

**F:** Nenhuma base de pesquisa?

**P:** Não havia, mas visitei algumas pessoas, muito informalmente e fora da universidade; entrei em contato com um professor, mas foi no escritório.

**F:** Só para entender melhor, nessa sua ida para a Bolívia, os Morais estavam...

**P:** Estavam indo para os Estados Unidos, eles foram para o Colorado.

**F:** Mas, tinha-se de fazer essa rota indo pela Bolívia.

**P:** Tinha, era mais fácil do que ir pelo litoral.

**F:** O senhor falou que foi coletar uns animais, aproveitou para...

**P:** Coletar drosófilas. Fiquei na Bolívia alguns dias. Adorei, achei o lugar fantástico. Depois, embarquei de novo e fui para os Estados Unidos. Minha estada em Nova York foi fantástica em todos os aspectos, principalmente o cultural, porque lá havia muitos museus, tudo era formidável.

**F:** O senhor já falava inglês nessa época? O senhor estudou inglês antes de ir?

**P:** Já dava para falar inglês; não tinha dificuldade em falar e usar o inglês, se fosse necessário. A estada em Nova York foi extraordinária. Quando eu

---

estava quase para embarcar para o Brasil, um mês e meio antes de terminar a minha bolsa de um ano e meio, o Miller, Representante da Rockfeller, telefonou para combinar um almoço porque precisava conversar comigo. Na oportunidade, ele disse que a Rockfeller tinha por regra ajudar os bolsistas que tem sucesso na bolsa oferecendo recursos para montar um laboratório. Ele me disse para fazer um estudo do que queria, o que pretendia, fazendo um cálculo aproximado. Fiz esses cálculos com Dobzhansky e passei um telegrama para Dreyfus contando sobre a oportunidade oferecida por Miller, e pedindo sua opinião. Ele respondeu dizendo que o que eu combinasse com Dobzhansky estaria bem feito. Consegui fazer um projeto de cinco mil dólares, bastante dinheiro na época, e daria para comprar um microscópio de último tipo, grande, alemão.

**F:** O mais moderno.

**P:** O mais moderno que tinha uma lupa também muito boa. Eu levo o pedido para Miller no próximo almoço, ele pega a proposta, começa a ler e diz: "Pavan, você foi ao Texas, o pessoal gostou muito de você e deu boas referências; de Dobzhansky você tem todas as melhores referências. O problema é o seguinte: eu posso te oferecer 50 mil ou 500 mil dólares". Nesse momento, eu não sabia o que falar, e disse: "Você está falando sério?". Ele disse: "Estou". Eu disse: "Então espera um pouquinho porque eu vou combinar com o Dobzhansky e vou ver o que nós vamos fazer". Peguei um táxi e saí desesperado para Columbia, a uns 5 ou 10 quilômetros. Ao encontrar com Dobzhansky, já cheguei falando: "Ele me disse que tem 50 mil dólares ou 500 mil dólares, precisamos aproveitar". Dobzhansky recebeu a notícia sem mudar de cara e disse: "O melhor é você pedir o que você precisa". Passei um telegrama para o Dreyfus e ele respondeu: "O que você decidir com Dobzhansky está ótimo". Eu pensei, pensei, pensei e disse: "Está bem, Dobzhansky, vou lá pedir 5 mil dólares" e ele disse: "Tá bom". Quando comuniquei minha decisão na Rockfeller, quem perdeu a fala foram eles. "Pavan, mas você só quer isso mesmo?" Eu disse: "É, mas com uma condição, se o que eu estou fazendo der certo, eu volto para pedir 50 mil ou talvez 500 mil" e eles disseram: "Você é um cara excepcional". Harry pegou o telefone e ligou para o presidente da Rockfeller e disse: "Tem um bolsista da Rockfeller aqui que vai voltar para o Brasil e eu queria que ele conversasse com você", e ele disse: "Traga ele aqui porque nós vamos tomar um aperitivo e a gente resolve o problema". Nessa ocasião ele me pediu que eu explicasse

a situação, e eu disse: "Estou aqui pedindo 5 mil pois só quero 5 mil". Falei sobre a conversa que tive com Dobzhansky, etc. Aí o presidente da Rockefeller disse: "O Miller tem razão, você é um caso excepcional mesmo. Nós esperávamos que você pedisse os 50 mil ou os 500 mil". E realmente, daí em diante, eu nunca tive dificuldade, nunca tive de dar satisfação do dinheiro que eu pedia, nunca tive que prestar contas para eles. Eu tinha de prestar contas com a USP.

**F:** Essa foi a fonte financiadora durante quanto tempo?

**P:** 20 anos, não só na Genética, mas na Química e na Física.

**F:** Tudo que o senhor foi precisando no desenvolvimento de sua pesquisa o senhor conseguia, a parte toda de infraestrutura, bolsas para alunos...

**P:** Não havia problema.

**F:** Talvez seja oportuno aqui perguntar sobre a rede de genética que se formou no Brasil. O primeiro núcleo de pesquisa em genética foi esse do...

**P:** Instituto Agrônomo de Campinas. O clube tinha se formado em Piracicaba.

**F:** Em Piracicaba também se formava...

**P:** O início da ESALQ.

**F:** Então, o núcleo se originou em Piracicaba, e o senhor ampliou a rede para a Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e para outros grupos que existiam no Brasil.

**P:** Quando Dobzhansky veio pela segunda vez ao Brasil, o pessoal da Argentina, Suíça, Alemanha, Austrália e Itália já tinham vindo para cá.

**F:** Vinha para a USP? A USP, embora não tenha sido a pioneira, era a agregadora.

---

**P:** Foi. Por exemplo, quando Miller chegou, em 1954, disse: "Pavan, está começando um desenvolvimento da genética humana nos Estados Unidos com grande sucesso. Por que você não monta um grupo aqui no Brasil?". Eu disse: "Não posso mudar a minha área porque Dobzhansky não aceitaria e não estou interessado em genética humana; eu gosto de discussão, então eu vou continuar com as drosófilas". Nessa época, eu era presidente da Sociedade Brasileira de Genética. Então eu disse: "Vou fazer o seguinte: você me dá três bolsas porque existem três rapazes que eu acho que podem virar geneticistas humanos. Quando eles voltarem eu vou criar uma comissão para fazer esse desenvolvimento". Ele me deu as três bolsas e mais uma outra para o Frota Pessoa, que já estava nos Estados Unidos. As três bolsas foram para o Nilton Freire Maia, o Salsano, que é presidente da SBG agora, e o Pedro Saldanha. O Saldanha fez exame médico e passou, mas o médico perguntou se ele tinha alguma coisa. Ele respondeu que tinha uma infecção de garganta. Aí, o médico colocou a informação no exame, e a Rockefeller não deu bolsa para ele viajar.

**F:** Não pode ir para os Estados Unidos?

**P:** Não pode, por ter dito que tinha uma doença qualquer na garganta. Então, quando os três voltaram, coloquei essa nova linha de pesquisa dentro do Departamento de Biologia Geral.

**F:** Mas essa estrutura departamental não foi criada com a reforma universitária na década de 1960?

**P:** Não, desde a criação, quando criaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras haviam os departamentos. Aí quando os quatro voltaram...

**F:** Mas, um não ficou?

**P:** Sim, ficou aqui, mas se especializando também em genética e tendo contato com aqueles que foram para lá. Eu reuni esses quatro e disse: "vamos fazer uma comissão de genética humana". Lembre que eu tinha tido aquela experiência dos 50 mil para pedir 5 mil e depois disso eu nunca mais tive dificuldade. Daí eu poder dizer a eles: "vocês têm os recursos de que precisam para começar o negócio; agora, são vocês que vão decidir como é que vai ser feito aqui e podem gastar o que vocês quiserem que eu garanto o

apoio, mas precisam justificar; e tomem juízo". Assim, foram os quatro que começaram a coisa.

**F:** Mas o senhor foi o impulsionador.

**P:** Fui. A coisa deu tão certo que, quando saí da presidência da Sociedade Brasileira de Genética, o presidente seguinte teve necessidade de formar uma Comissão de Genética Vegetal, outra de genética animal e uma de organismo.

**F:** Essas linhas de pesquisa já existiam em diversos grupos?

**P:** Grupos separados, mas não coordenados. O que era formidável naquele momento era a Sociedade Brasileira de Genética, que reunia pessoal de áreas diferentes da genética para discutir problemas, e também o apoio da Fundação Rockefeller até 1962. Em 1961, eu soube que o negócio ia terminar no ano seguinte. Aí, fui à Nova York conversar com o presidente da Fundação.

**F:** Era o mesmo presidente ou era outro?

**P:** Não.

**F:** Mas o Miller tinha que cargo?

**P:** Ele era um dos diretores, muito cotado. Eu chego lá e digo para o presidente: "Olha, vocês fizeram um negócio tão fantástico que vocês não podem terminar agora; têm de continuar ". Aí ele disse: "Professor, desculpe, mas a Rockefeller dá a partida, se der certo, a gente espera que o governo continue, porque temos que fazer o mesmo em outros lugares". Bom, acabou-se a marmelada, e terminou mesmo. Tenho bom contato com o pessoal da fundação, mas nunca mais tive financiamento. De toda forma, o papel da Fundação Rockefeller foi extraordinário no Brasil, seja para a genética seja para outras áreas como a física, química e agronomia. A única área que não quis participar no começo, não sei porque, foi a matemática. Depois eu fui insistindo com eles para ver se conseguia, mas eles não queriam. Depois começaram a pedir um pouco também, mas a matemática foi a que menos usou recursos da Rockefeller.

---

**F:** Nesse momento em que essa fonte se esgotou, como é que ficou a questão do financiamento, do apoio a pesquisa genética? Como funcionava o fomento do CNPq que já havia sido criado desde 1951? Vou aproveitar também para perguntar como o senhor viu a criação do CNPq em 1951. E também da SBPC, que já atuava desde o final da década de 1940. O senhor participou diretamente de algum movimento para a criação dessas instituições?

**P:** Com relação a SBPC, por exemplo, o principal responsável foi o José Reis. Havia quatro pessoas: o José Reis, o Maurício Rocha e Silva, o Gastão Rosenfeld e o Paulo Sawaya. O José Reis era a mola mestra porque ele tinha essa intenção e ele escrevia na Folha. Não tem importância se foi ele ou foi outro, mas em geral o pessoal coloca o Mauricio Rocha e Silva e depois o José Reis. Ele foi o principal líder, foi lá no Instituto Biológico que a coisa se formou e deu resultado.

**F:** E o papel da Academia Brasileira de Ciência nesse processo?

**P:** A Academia Brasileira de Ciência tinha, por ironia, o pessoal mais qualificado, etc. Mas, não tinha essa intenção, não tinha política e nem queria criar alguma coisa.

**F:** Como, por exemplo, associar o desenvolvimento científico e tecnológico ao processo de desenvolvimento da sociedade como um todo, isso começou a ser pensado mais nesse momento?

**P:** Foi o negócio da SBPC.

**P:** E o José Reis tinha a possibilidade de escrever, e ele "cutucava" nessa área, escrevia e justificava essa coisa toda...

**F:** Qual era o jornal em que ele escrevia?

**P:** Folha de São Paulo, que naquele momento era chamada Folha da Manhã. Ele teve um papel extraordinário, e eu acredito que a SBPC teve uma importância tão grande, com relação ao desenvolvimento científico do país, quanto a fundação da Universidade de São Paulo. A USP trouxe professores, etc. A SBPC estabeleceu a política necessária para desenvolver,

usando também o pessoal da universidade, naturalmente. A SBPC teve um papel extraordinário em incentivar...

**F:** Em organizar os cientistas.

**P:** E valorizar o cientista que fazia pesquisas e principalmente os estrangeiros que tinham vindo para cá, incentivando a “molecada” a se integrar no sistema e teve um resultado extraordinário.

**F:** E a cobrar do Estado uma política de ciência e tecnologia.

**P:** Mais do que isso. Quando a coisa começou, pelas explicações que o Zé Reis dava do porque que fazemos ciência e porque precisamos de ciência e tecnologia para o desenvolvimento do país, o governo acreditava e começou a financiar a pesquisa.

**F:** Nessa época, o presidente do Brasil já era o Dutra? Porque em 1951 na época da criação do CNPq era o Dutra.

**P:** Disso eu não tenho certeza.

**F:** Professor, poderia falar um pouco mais sobre sua relação com esses pioneiros da SBPC e de quando se filiou?

**P:** Eu era amigo dos quatro fundadores. Me dava muito bem com o Zé Reis, com o Maurício Rocha e Silva e com o Paulo Sawaya, que era meu professor. Eu frequentava as reuniões biológicas das sextas-feiras, as chamadas sextas-ferinas. Fui o sócio de número 181, já tinha muita gente antes de mim. Depois disso, acompanhei bem a SBPC e frequentava todas as reuniões anuais, todas as sessões.

**F:** Eu queria aproveitar para fazer uma pergunta relacionada à situação política no Brasil da época, porque centrei mais as perguntas no seu processo de formação. O senhor acabou indo para os Estados Unidos para o pós-doutorado em 1945. O período que o senhor esteve na universidade correspondeu ao Estado Novo, quero dizer, a ditadura de Vargas. Como é que era o clima dentro da USP nesse período da ditadura Vargas?

---

**P:** Havia pessoas que eram contra Vargas. Creio que a maior parte era favorável, então não havia uma onda específica como hoje existe o PT, o PSDB; os contra Vargas existiam, mas não tinham força e não eram intelectuais. Óbvio que havia pessoas que eram radicalmente contrárias, mas dentro da universidade não havia um movimento. Isso só aconteceu depois, no final do governo do Getúlio. Foi aí que houve uma campanha real do pessoal das universidades.

**F:** Dentro da USP havia uma política estudantil forte, o senhor se aproximou disso ou não tinha tempo?

**P:** Não, eu tinha tempo sim, eu era metido nisso também e nós, por exemplo, recriamos a ADUSP, a associação dos docentes. A associação dos docentes existia no passado e aí acabaram por causa dessas revoluções.

**F:** Deve ter sido o Getúlio.

**P:** Sim. Aí, nós recriamos a ADUSP e eu fui o primeiro presidente.

**F:** Nesse período de 1938 a 1941, existia algum movimento estudantil?

**P:** Existia. Antes existiam movimentos mais como a história da revolução de São Paulo em 1932 contra o Getúlio Vargas.

**F:** Revolução Constitucionalista.

**P:** Exato, mas aí não era só uma coisa da comunidade universitária, era da população de um modo geral. Lógico que a comunidade universitária tinha prioridade nisso. Ocorreu principalmente na Faculdade de Direito, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Na faculdade do pessoal de Biologia, Física, Química e Matemática.

**F:** Já havia a tradição de movimentos estudantis. Mas, enfim, o senhor não tinha esse ambiente dentro do seu curso, mas acabou participando já como docente. Quando é que foi recriada mesmo a ADUSP? Foi antes do seu doutorado ou depois?

**P:** Depois. Eu já era professor.



**F:** Sim, mas o senhor praticamente começou a dar aula logo depois de formado.

**P:** Sim, mas eu estou falando como professor catedrático.

**F:** Então foi depois de 1952, porque o senhor fez a livre docência em 1952.

**P:** Em 1954 me tornei professor catedrático, em substituição ao Dreyfus, mas não teve muita diferença de quando eu era assistente e quando era catedrático.

**F:** Agora, voltando a esse período da ditadura Vargas, o senhor acha então que havia muita gente favorável, não era nada que se configurasse com o período dos militares na década de 1964?

**P:** Na verdade, depois de 1932, em São Paulo, havia uma onda radicalmente contrária ao Getúlio, e era forte por razões óbvias, porque São Paulo havia perdido a revolução.

**F:** Mas, o senhor falou que tinha muita gente favorável ao Getúlio. O senhor também era favorável ao Getúlio nessa época?

**P:** Não, eu era paulista, como podia ser? Eu era radicalmente contrário. Mas havia pessoas, óbvio, de fora que realmente apoiavam o Getúlio. Ele tinha um carisma todo especial para fazer as coisas e fez algumas das quais não podemos reclamar. Ele tinha defeitos, mas também tinha qualidades e marcou sua época.

**F:** Há quem afirme que a repressão era mais velada do que durante o regime militar de 1964. Muita gente foi presa. Mas, enfim, era uma curiosidade, porque o senhor tinha toda uma tradição de família, do anarquismo. Por isso é que achei interessante saber como foi essa relação com o período da ditadura que correspondeu ao seu momento inicial na universidade. Outra curiosidade que ficamos de retomar: O senhor mencionou que no final da Segunda Guerra Mundial estava em Nova York. Como é que foi sua experiência nos Estados Unidos nesse período?

**P:** Eu cheguei no começo de 1945. Na universidade havia muito mais mulher do que homem porque os homens tinham ido para a guerra. Mas os ameri-

---

canos já sabiam que iam ganhar, tinham experiência em ganhar, eram mais ou menos os donos do mundo...

**F:** O senhor já sentia isso naquela época?

**P:** E tinham razão porque tinham muita força e faziam o que era preciso.

**F:** O senhor sabia do Projeto Manhattan?

**P:** Não, eu não estava interessado na política deles.

**F:** A questão da bomba atômica era falada, mas era meio velado, porque se sabia, na época, que tanto a Alemanha quanto...

**P:** Falava-se e existia o medo de os alemães fazerem a bomba, isso nos Estados Unidos era sempre discutido.

**F:** Mas também não se revelava...

**P:** O que eles estavam fazendo.

**F:** O senhor conhecia de nome o Oppenheimer na época?

**P:** Sim, tudo era muito comentado, não só nos jornais, mas na própria sociedade. Era uma situação que a gente acompanhava bem.

**F:** A base de Los Alamos, onde estava a sede do projeto, era divulgada?

**P:** Era, o pessoal sabia.

**F:** Quer dizer que quando se jogou a bomba no Japão o senhor estava em Nova York? O senhor estava no término da guerra, quero dizer, exatamente na rendição da Alemanha?

**P:** Sim, estava em Nova York na primeira fase; depois, quando soltaram a bomba no Japão, fui radicalmente contrário, porque soltaram no meio de duas cidades. Eu até pregava com os americanos e dizia assim: "Como é que pode, porque a coisa mais lógica seria jogar no mar, na frente do país, e

dizer a próxima, se vocês não resolverem, vai ser dentro de Tóquio”, porque pegar Nagasaki... Os japoneses cederiam porque depois de pegar uma bomba na frente do país eles saberiam que...

**F:** A coisa estava valendo.

**P:** Mas jogar como jogaram... Na verdade, a coisa foi muito complicada, porque a propaganda que os americanos faziam contra os japoneses, o que os japoneses faziam com os prisioneiros de guerra incentivava a fazer o que eles fizeram. Acho que foi um absurdo, mas isso aí é a guerra e guerra é guerra.

**F:** Como é que o senhor se instalou lá? Quais foram as suas principais relações? Porque o senhor falou rapidamente que foi um período importante de muito aprendizado, com facilidades para a pesquisa e que o senhor se saiu muito bem, tendo adquirido um significativo apoio da Fundação Rockefeller. Conte um pouquinho mais.

**P:** Os professores, nas universidades americanas, recebiam os brasileiros com uma gentileza extraordinária.

**F:** Mas o senhor não ficou só na Columbia University?

**P:** Não, nos Estados Unidos inteiro.

**F:** Sim, sua bolsa lhe dava essa mobilidade.

**P:** Passei o verão no Texas, que tinha um laboratório parecido com o da Columbia, e complementei o meu pós-doutorado, mas visitei várias outras universidades. Dobzhansky era muito querido, muito respeitado, de maneira que, sabendo que eu trabalhava com ele, me recebiam nos vários laboratórios com uma referência toda especial. Agora, o que eu achei extraordinário foi que, depois de terminada a guerra, houve uma onda de brasileiros que foram para os Estados Unidos, muito mais do que para a Europa e para a Ásia. Não havia comparação. Eu que viajava pela Europa e pelos Estados Unidos, visitando as universidades, sempre perguntava se havia alunos brasileiros. Sempre que os encontrava, eles estavam muito satisfeitos, eram tratados de uma forma toda especial. Eu reclamava perguntando

---

se eles podiam fazer aquela pesquisa no Brasil. Eles respondiam: "Não sei"; E eu dizia: "Então está errado, você tem de procurar uma coisa aqui, para depois continuar a fazer aquilo que você aprendeu lá no Brasil", porque tinha facilidades com a Rockefeller de obter apoio para fazer um laboratório. Eu só achava errado porque muitas vezes eles ficavam tão satisfeitos por fazer uma coisa importante e quando voltavam ao Brasil não podiam fazer nada.

**F:** Isso é um problema sério, que acabou fazendo com que muita gente não voltasse, acabasse ficando.

**P:** Durante todo o tempo os americanos foram muito amigáveis, muito cooperadores.

**F:** Nesse momento, a pesquisa básica era muito prestigiada nos Estados Unidos?

**P:** Sem dúvida.

**F:** Porque logo depois da guerra ocorreu aquela comissão presidida pelo Vanevar Bush que apoiou o modelo que dava ênfase em pesquisa básica e fazia um elo direto com a tecnologia. O caminho para a tecnologia era via pesquisa básica. O senhor via alguma discussão nessa época, porque o senhor estava em uma área de pesquisa básica que tinha muito apoio lá nos Estados Unidos?

**P:** Muito apoio. Eu defendia desde o começo, mas eu fazia diferente, eu mesmo agia diferente; eu trabalhava com drosophila, mas dizia que a gente no Brasil tinha de pensar uma pesquisa básica, mas que tivesse possibilidade de se aplicar, de ajudar a aplicação. E sempre tentei fazer isso, mas o pessoal não queria, queria pesquisa básica e só.

**F:** E nesse sentido a SBPC, quero dizer, esse grupo que começou no Instituto Biológico, tinha toda uma reflexão desenvolvida sobre o papel da ciência e tecnologia no desenvolvimento, e chamava um pouco o cientista a essa responsabilidade. Quando o senhor reencontrou esse grupo?

**P:** Metade de 1946.

**F:** Então, nesses dois anos anteriores, eu imagino que já existia toda essa movimentação.

**P:** Mas o movimento era fazer ciência. Eu era um dos que pregava a coisa para os meus alunos, mas eu mesmo não fazia nada. E depois quando mais tarde eu tentei fazer...

**F:** Na linha da aplicação.

**P:** Exato. Depois de tanto eu falar, comecei a trabalhar com moscas, pragas e com cigarrinhas das pastagens.

**F:** Que teria uma aplicação no processo produtivo.

**P:** Usar o que eu havia aprendido em genética para fazer alguma coisa de interesse prático. E trabalhei muito tempo nisso e deixei alguns alunos.

**F:** Quando é que o senhor começou a trabalhar mais com essa preocupação? Já na década de quarenta ou depois?

**P:** Depois, foi na década de cinquenta.

**F:** O senhor voltou como “delegado” da Fundação Rockefeller. O senhor já tinha recursos e essa conexão direta. Então o senhor volta em 1946 para a USP. Seu trabalho de pós-doutoramento foi publicado? O trabalho com as drosophilas?

**P:** Vários artigos. Pelo seguinte, quando Dobzhansky chegou no Brasil, nós não tínhamos nenhum trabalho publicado sobre drosophila, e ele nos introduziu ao sistema; nós publicamos várias coisas quando ele esteve aqui. E a publicação não era de cada um, era sempre de grupos, o que eu achava formidável. Era uma situação onde discutíamos e o trabalho saía sempre muito melhor do que se fosse individual.

**F:** E se publicava em que...

---

**P:** Nas melhores revistas dos Estados Unidos, como a "PNAS - *Proceedings of the National Academy of Sciences*", mas havia várias outras, muito menos do que agora.

**F:** O senhor chegou a publicar na Nature?

**P:** Na Nature eu publiquei mais tarde. Foi sobre o DNA nos cromossomos, antes da descoberta de que o DNA era um material do gene. Poucas pessoas trabalhavam no DNA e eu era um deles, antes da descoberta.

**F:** E no Brasil, o senhor voltou a publicar alguma coisa?

**P:** Já publicava. Agora, não em revista brasileira.

**F:** Então, esses resultados de pesquisa, toda essa discussão em torno da drosophila, era mais objeto de palestras, de comunicações dentro da universidade. Não tinha ainda a Sociedade Brasileira de Genética que só foi criada na década de 50.

**P:** Mas muitas teses eram publicadas. No meu caso, além da de doutoramento que publiquei nos Estados Unidos, publiquei a de livre docência, "Alelismo de Lelais no segundo cromossomo de *Drosophila Willistoni*" e a de cátedra, "Populações naturais de drosophilas e o meio ambiente".

**F:** Nessa tese em que o meio ambiente era parte do tema, a sua intenção de dirigir sua pesquisa para alguma aplicação já estava mais presente?

**P:** Na verdade era para conhecer o meio ambiente, era divertido.

**F:** O senhor sempre gostou dessas saídas para a natureza?

**P:** Me divertia muito.

**F:** E esse foi o motor para ter escolhido a sua área de pesquisa, não foi? Mas, enfim, o senhor volta em 1946, se integra novamente ao laboratório e continua dando aula. Aconteceu alguma coisa nesse período, 1946-1947? O senhor se casa quando?

### ***O período pós-doutorado***

**P:** Em 1946. Quando fui, já estava mais ou menos comprometido e, quando voltei, me casei logo.

**F:** O senhor já tinha conhecido a família dela, já estava namorando oficialmente?

**P:** Estava.

**F:** Então teve muita correspondência nos Estados Unidos?

**P:** Tudo em ordem, foi tudo muito bem produzido, a comunicação foi bem ativa. Aí aconteceu a primeira coisa importante depois do meu regresso.

**F:** Como era o nome mesmo da sua esposa?

**P:** Maria de Lourdes Vaz de Oliveira.

**F:** O senhor falou que tinha alguma ligação com os Mesquitas?

**P:** O pai dela, Otávio Godoy Vaz de Oliveira, era muito amigo do Júlio Mesquita Filho.

**F:** Então o senhor se casa em 1946; que idade o senhor tinha na época?

**P:** Vinte e sete.

**F:** Vinte e sete anos e já tinha terminado pós-doutorado! E como era nessa época o ambiente na USP com relação a salário? Pagava-se bem o professor?

**P:** Aí é que está, ninguém reclamava do salário. Por exemplo, no departamento, Dreyfus dava uma parcela para ajudarmos os funcionários, aumentar o ordenado dos funcionários. Eles ganhavam pouco, e nós também, mas dividíamos, dávamos uma contribuição para ajudar. Todos os assistentes davam sua contribuição. E o divertido dessa história é que eu uma vez fui solicitado, fui consultado sobre um rapaz, um estudante do Rio Grande do

---

Sul, porque nós ajudávamos um gaúcho a fazer as coisas que nós fazíamos - ele tinha vindo como bolsista e trabalhou conosco vários anos.

**F:** Como técnico?

**P:** Não, como colega, como pesquisador. E, depois de um certo tempo, ele queria trazer um colega. Então ele disse (ele estava no sul): "Tem um aluno que quer uma bolsa para fazer um curso com vocês". Aí eu disse: "Se ele quiser, tem que fazer o seguinte. Tem uma bolsa de tanto, mas é preciso dividir com outros dois pretendentes que não têm bolsa" e ele ficou louco da vida. Depois eu falei com ele "Olha, querido, aqui no laboratório a gente faz um trabalho cooperativo e todos estão envolvidos". Ele é atualmente o presidente...

**F:** E as bolsas eram tão "polpudas" que davam para dividir para três pessoas?

**P:** Não, era uma bolsa pequena, normal, mas eles aceitavam porque dava para sobreviver.

**F:** Duas coisas. Sua esposa já havia terminado o curso de química quando se casou?

**P:** Já.

**F:** E ela também foi ser professora na universidade?

**P:** Não, ela fez química, mas foi ser professora secundária. Ela era muito comunicativa, muito sociável, e tinha sucesso como professora de química, a forma como ela apresentava as coisas.

**F:** Tinha talento, vocação?

**P:** Tinha vocação e gostava do que fazia. Ela estava procurando um emprego público, no ginásio estadual, e tinha de fazer um ano de didática e licenciatura. Quando ela começou a fazer o curso, nós já tínhamos dois filhos. Um dia ela chega e diz: "Não sei porque fiz química, o que eu gosto mesmo é de psicologia". Então eu disse para ela: "Ué, então faça o Curso de Psicolo-



gia, você tem possibilidades, você não precisa de dinheiro para sustentar a família, a gente tem dinheiro suficiente”, ao que ela respondeu: “Agora eu vou competir com os meus alunos?” E eu disse para ela: “Sim, porque se você for melhor do que eles, isso prova que você não é uma professora excelente. Se eles forem melhores que você, você pode ficar orgulhosa de ser uma professora excepcional”.

**F:** E ela fez?

**P:** Ela não podia fazer psicologia, porque o curso não existia. Ela fez filosofia e virou psicóloga, porque no curso de filosofia havia um curso especial de psicologia. Ela se especializou na psicologia e mudou de temperamento. Tornou-se a pessoa mais feliz do mundo.

**F:** Tudo isso reforça aquela convicção que o senhor tem de que as pessoas têm de buscar fazer aquilo que mais dá satisfação.

**P:** Exato. Ela mudou de personalidade.

**F:** Ela chegou a ser professora da USP nessa área?

**P:** Tornou-se professora assistente com livre docência na USP, fez muito sucesso.

**F:** Agora, voltando a sua trajetória. Queria que o senhor me falasse um pouco sobre esse impacto, porque talvez o grande resultado do seu pós-doc foi o senhor ter estabelecido esse vínculo com a Fundação Rockefeller. Então que impacto houve dentro do grupo de pesquisa que era presidido pelo Dreyfus?

**P:** Nesse momento tínhamos todos os recursos de que precisávamos e com isso começamos uma coisa muito mais organizada.

**F:** O seu grupo de genética foi o primeiro a ser contemplado com recursos da Rockefeller na USP?

**P:** Não, a Fundação já atuava aqui. Agora, pelo menos no nosso caso, ampliou muito depois daquela conversa que tivemos nos Estados Unidos.

---

Eles me deram todas as garantias e facilidades para conseguir a bolsa que eu quisesse e foi formidável. Agora, um ponto importante, o papel da Rockefeller não foi só na Universidade, mas também nos institutos de pesquisa. Eles ajudaram muito e foram vinte anos de um grande progresso; começou em 1942 e foi até 1962.

**F:** Eram recursos de grande monta? Calculado por ano, quanto eles injetavam?

**P:** Variava muito de...

**F:** De ano para ano.

**P:** Não só de ano para ano, de área para área.

**F:** E na sua área?

**P:** Na nossa área, as despesas eram relativamente pequenas, em comparação com a Física. Na Química também não era muito, a Física é que tinha uns aparelhos muito complicados e era muito mais custosa.

**F:** Eram recursos mais dirigidos para a infraestrutura de pesquisa, montagem de laboratórios...

**P:** Exato.

**F:** E bolsas para os pesquisadores.

**P:** Exatamente.

**F:** O senhor acha que se dedicou mais à pesquisa ou ao ensino, nesse período pós-doutorado?

**P:** Eu gostava de dar aulas também, tanto que, depois de 1954, fiquei como titular e continuei dando aulas na cátedra de Biologia Geral.

**F:** Quantos professores existiam no período de sua volta? Ao final da década quantos professores havia, quantos alunos, o senhor se lembra?

**P:** Havia uns professores catedráticos, os assistentes fazendo doutorado, assistente de doutor e livre docente, e aí havia. Em número é meio difícil de calcular. Variou muito, mas eram mais ou menos dez professores.

**F:** Quantos alunos entravam por ano?

**P:** Eram 40 alunos, pois eram 40 vagas e todas eram preenchidas. Como o curso tinha duração de 4 anos, então tínhamos em média 160 alunos.

**F:** Houve, então, uma expansão do curso.

**P:** Eu exigia que quem desse o curso diurno daria o curso noturno também, porque eu ouvia várias propostas para mudar de professor. Eu acreditava que o bom professor tinha de dar aulas para o curso diurno e para o noturno.

**F:** E havia os técnicos de pesquisa também.

**P:** Havia os técnicos, alguns excepcionais, como por exemplo, a Marta Breuer. Ela inicialmente, como já mencionei, trabalhava com Dreyfus fazendo citologia e depois começou a trabalhar comigo com cromossomos politênicos. Ela tinha muita imaginação e dominava bem a técnica. Inclusive, nos trabalhos publicados, o primeiro nome era o dela e depois o meu.

**F:** Quantas pessoas faziam parte desse grupo de genética? Porque essa foi a principal linha de pesquisa do departamento.

**P:** Foi. Além de mim e Dreyfus, havia o Edgar Barroso de Amaral, um outro médico que agora eu não lembro o nome e a Rosina de Barros. Depois entraram o Brito da Cunha - que foi um professor excepcional e trabalhou também com Dobzhansky - e o Oswaldo Frota Pessoa, que dividiam o laboratório comigo. Uma das vantagens de eu ser catedrático é que era eu quem mandava, mas eles faziam sombra mesmo e eu aproveitava a sombra, tirava proveito dela. Em vez de ficar enciumado, eu dava apoio, como também estimulava que eles continuassem a serem bons, a serem até melhores que eu. Esses dois marcaram época, para mim, no departamento.

**F:** Esses são os principais personagens que participaram da construção, da consolidação desse grupo de pesquisa em genética?

---

**P:** Exato.

**F:** Existiam outras linhas de pesquisa dentro do departamento?

**P:** Não, era tudo genética. No começo havia citologia e outras coisas, mas depois tudo ficou integrado.

**F:** Com relação à publicação, como nessa época não existia ainda nenhuma publicação mais especializada de projeção, esse grupo estava situado dentro do contexto internacional das ciências, publicando nas revistas, sobretudo americanas?

**P:** Sim, e tínhamos uma receptividade muito grande lá fora.

**F:** Era ciência universal mesmo?

**P:** Sem dúvida nenhuma, isso era muito respeitado lá fora porque era uma novidade que nós criamos, que o Dobzansky iniciou.

**F:** E no Brasil, esse grupo tinha uma liderança dentro da área de genética?

**P:** Sim, o Dreyfus. Ele já desenvolvia um trabalho de interação com a ESALQ de Piracicaba e o Instituto Agrônomo de Campinas; com a chegada de Dobzhansky essa interação aumentou. Aqui em São Paulo, por exemplo, médicos, farmacêuticos e agrônomos estavam sempre nas aulas de Dobzhanski. E nós convidávamos pessoas da Bahia e principalmente do Rio de Janeiro para interagir conosco. Assim, contribuímos para uma integração geral dos geneticistas, o que foi formidável.

**F:** Talvez seja interessante lembrar aqui, professor, que nesse período do pós-guerra houve um incentivo muito grande à ciência. Se, por um lado, a bomba teve uma condenação generalizada, inclusive entre muitos cientistas, por outro, também chamou mais a atenção para o poder do conhecimento.

**P:** O incentivo foi extraordinário, não só na biologia, mas na física, na química. Como você disse, o que provocou esse incentivo foi a construção da

bomba atômica durante a guerra. Percebeu-se que ciência era uma coisa que tinha chance e isso foi um estímulo para fazer outras coisas.

**F:** Principalmente a física saiu fortalecida desse período. Aliás, eu gostaria que o senhor falasse sobre a reflexão que se fazia nesse momento em que organismos internacionais, como a ONU/UNESCO, estimulavam os diferentes países a construir seus sistemas de ciência e tecnologia, e grupos como os que fundaram a SBPC lutavam por uma participação maior do governo no financiamento da pesquisa e no desenvolvimento da ciência. O senhor pensava/discutia essas coisas na época?

**P:** Óbvio, nós éramos parte desse sistema, porque a SBPC congregou praticamente todos os cientistas, de todas as áreas, sobretudo das ciências exatas, porque as ciências humanas recebiam menos apoio.

**F:** O senhor acha que a criação do CNPq esteve também associada a toda essa pressão, a toda essa mobilização dos cientistas que demandavam maior apoio do Estado às atividades científicas?

**P:** Sim, essa união, esses incentivos foram fatores muito importantes.

**F:** O senhor, como membro número 181 da SBPC, estava lá também dando sua cota de participação.

**P:** E tinha até muito orgulho de estar, porque era a elite científica do país que estava participando.

### ***A criação do CNPq***

**F:** E como é que foi recebida a criação do CNPq?

**P:** Muito bem. Foi um desejo realizado e foi formidável porque funcionou.

**F:** O senhor ficou satisfeito com o tipo de organização que teve o conselho inicialmente, as áreas que foram escolhidas?

**P:** Muito.

---

**F:** A liderança dos físicos era patente nesse período?

**P:** A liderança dos físicos se dava na quantidade de dinheiro, porque na produção científica nós competíamos com eles também, principalmente na Agronomia. A Agronomia chamou a atenção desde o começo, e o Brasil viveu às custas do café produzido pelo Instituto Agrônomo de Campinas, das linhagens que introduziu no Brasil.

**F:** Todo o processo de melhoramento...

**P:** Então, era uma aplicação e funcionava muito bem, pois o Brasil vivia às custas dessa exportação.

**F:** É um exemplo concreto de que o conhecimento científico era de fundamental importância para o desenvolvimento econômico.

**P:** Exato. A vantagem dos agrônomos no Brasil é que temos condições formidáveis para a produção de alimentos, como a energia do sol e muita água. Engraçado, no entanto, é que a Amazônia tem sol, tem água doze meses por ano, mas tem o solo mais pobre do mundo, e possui a maior diversidade biológica do mundo. O Nordeste, por outro lado, tem sol doze meses por ano, e solo que por não ser muito usado é fértil, mas como não tem água, temos um problema que precisa ser corrigido.

**F:** Nesse primeiro período do CNPq a que o senhor estava se referindo, eles obtinham também uma boa parte dos recursos, não era? A propósito, o senhor foi usuário do CNPq já nesses primórdios?

**P:** Sim.

**F:** O senhor apresentou projetos que foram aprovados?

**P:** Sim, sem dúvida nenhuma. O que aconteceu é que o trabalho de *Drosophila* teve uma repercussão internacional, de maneira que nós éramos vistos como cientistas com uma linha de pesquisa importante. Então, recebíamos apoio do CNPq sem nenhuma dificuldade.

**F:** O senhor chegou a ir ao CNPq, conheceu o Almirante Álvaro Alberto?

**P:** Naquele tempo era meio complicado, porque era no Rio de Janeiro, mas eu ia sim. Não só ia, como me metia lá para bancar o pessoal do nosso laboratório que tinha uma boa reputação; porque estávamos publicando resultados extraordinários sobre genética de drosophilas em zonas tropicais, comparando as zonas tropicais com as zonas temperadas; quero dizer que era uma coisa fundamental.

**F:** Essa pesquisa não era feita em outra parte do mundo em desenvolvimento?

**P:** Nisso nós éramos pioneiros. E funcionávamos muito bem, era muito bem aceito; eram dados importantes sobre a variabilidade genética, e como funcionava essa variabilidade genética nos trópicos e na zona temperada.

**F:** Como foram seus primeiros contatos com o CNPq? Havia alguém com quem o senhor se relacionasse mais diretamente?

**P:** Sim. O Manoel Frota Moreira, por exemplo, e mais uma meia dúzia de outros que eu não lembro agora, mas eram pessoas formidáveis.

**F:** O processo de seleção, de apoio a projetos, era bem mais simplificado, não era?

**P:** Era simplificado. Havia o Conselho Deliberativo, havia uma comissão de análise dos projetos - que eram mandados também para consultores - e funcionava muito bem. Era muito bem organizado.

**F:** Não havia reclamação de que grupos estariam sendo privilegiados?

**P:** Até existiam situações como essa. Por exemplo, alguém mandava um projeto e dizia: "Por favor, não consulte pessoas da área tal" porque eles tinham divergências e "ciumeira". Era verdade, pedia-se para fazer com quem quisessem, menos com tal pessoal. Isso ocorreu várias vezes.

**F:** E essas sugestões eram aceitas?

**P:** Eram aceitas, porque a situação era verdadeira. De vez em quando, surgia um determinado projeto de repercussão que era ajudado sem muita aná-

---

lise, mas porque merecia. No meu caso, quando fui presidente do CNPq, existiram várias situações como essa.

**F:** E a solicitação de recursos para os projetos era atendida integralmente?

**P:** Não, o governo nunca deu muito dinheiro, sempre faltou um pouco. Nunca houve recurso governamental suficiente, até mesmo no período do Álvaro Alberto em que a quantidade de pesquisadores realmente interessados em pleitear recursos para pesquisa era muito pequena.

**F:** Havia uma difusão nacional da existência do CNPq, do seu apoio para a pesquisa?

**P:** Havia, mas faltava experiência aos pesquisadores.

**F:** Então a seleção não era tão difícil?

**P:** Não era difícil. Mas nunca houve situações como as do período 1942 a 1962 em que tínhamos recursos que permitiam que raramente uma pessoa qualificada ficasse sem o que pedia, embora frequentemente o pedido fosse cortado em pelo menos parte da verba.

**F:** O senhor teve então duas fontes: de 1951 a 1962, o senhor tinha recursos do CNPq e da Fundação Rockefeller. Foi um período fértil também para as atividades do grupo?

**P:** Sem dúvida nenhuma. E houve um progresso extraordinário. O CNPq, por exemplo, custeou um Programa Integrado de Genética (PIG), e durante dez anos todos os laboratórios de genética estavam sendo analisados em conjunto para traçar os planos: o que precisava mais, o que precisava menos, o que devia desenvolver, quais eram as outras áreas. Nesse caso, o Manuel da Frota Moreira do CNPq foi um agente formidável.

**F:** Um defensor desse programa. Esse programa foi uma iniciativa de quem?

**P:** Do pessoal da genética.



**F:** E o senhor participou ativamente?

**P:** Não só participei como depois fui o coordenador do programa.

**F:** O senhor tinha então recursos do CNPq e da Fundação Rockefeller para esse programa?

**P:** Exato.

**F:** Além de São Paulo, que outros estados se habilitavam para participar desse programa?

**P:** O Rio Grande do Sul foi o primeiro, depois a Bahia e o Rio de Janeiro.

**F:** O norte não tinha nada? Na Amazônia tinha alguma coisa? O Museu Goeldi? O INPA?

**P:** Muito pouca coisa.

**F:** Nessa primeira década de funcionamento do CNPq, o que é que o senhor criticava, além dos poucos recursos?

**P:** O problema eram os recursos mesmo. Faltavam estudos do que fazer, mas dependia da verba. O governo nunca deu o suficiente, quero dizer, sempre havia cortes.

**F:** Quando o Frota deu esse apoio ao PIG, ele já era diretor do CNPq?

**P:** Não, ele era do Conselho, ligado ao pessoal de Chagas e do CNPq.

**F:** O senhor conheceu de perto o Almirante Álvaro Alberto?

**P:** Costumava vê-lo em reuniões e cumprimentá-lo, mas foi uma fase que eu não estava ainda qualificado o suficiente para esse nível de aproximação.

**F:** Esse Programa Integrado de Genética foi o primeiro montado, proposto e apoiado pelo CNPq?

---

**P:** Foi o primeiro e funcionou maravilhosamente bem.

**F:** Além da Fundação Rockefeller e do CNPq, havia alguma outra fonte de financiamento?

**P:** Não, eram só essas duas.

**F:** O PIG tinha recursos expressivos?

**P:** Não muito, mas teve o suficiente. Quero dizer, é óbvio que a vontade era fazer muito mais, mas tínhamos que dançar conforme a música.

**F:** Em 1961, o senhor teve a notícia de que os recursos da Fundação iriam ser encerrados. Imagino quanto o senhor ficou preocupado, porque já tinha uma experiência, já sabia que os recursos do CNPq eram limitados. Qual foi o impacto que teve essa ruptura?

**P:** O governo realmente nunca deu recursos suficientes. Mesmo quando foi criado o CNPq, a quantidade de verba era pequena. Nunca houve uma garantia de recursos, de verbas.

**F:** A política de C&T não era prioritária?

**P:** Não era prioritária. Quer dizer, era prioritária, mas não davam recursos.

**F:** Era prioritária no discurso, mas não na prática.

**P:** Mas, veja o seguinte: No governo militar, por exemplo, a SBPC era respeitada por ser uma entidade de desenvolvimento científico, essencialmente, porque depois de um certo tempo as humanidades entraram também, mas o programa básico era o científico. Era a única sociedade que podia fazer uma reunião anual como o CNPq fazia. Nem os advogados nem os religiosos nem as outras instituições podiam fazer reuniões, e mais do que isso, o que há de interessante é que uma parcela considerável do que se discutia era contra o governo, eram feitas críticas ao governo em público. E nunca aconteceu nada, então, o pessoal respeitava.

**F:** Porque o ideário da C&T como caminho para o desenvolvimento foi incorporado pelo regime militar.

**P:** Sim.

**F:** Inclusive, nunca houve anteriormente um período com recursos tão vultosos para C&T. Ela passou de fato a ser prioritária, entrou nas prioridades do governo.

**P:** Ela começou a ser prioridade sem a contestação ou propaganda. Quero dizer, apoiaram sem fazer carnaval a respeito.

**F:** E também com o fato de saberem que o regime não era apoiado pela comunidade científica.

**P:** Esse é que era o problema: os cientistas eram contra a ditadura.

**F:** Contra o regime militar, contra a ditadura. A SBPC passou a ser um fórum de denúncias, de apresentação de estudos.

**P:** Creio que o maior erro deles foi acabar com as lideranças no Brasil e, inclusive, com as próprias lideranças.

**F:** Com as próprias como?

**P:** Com o pessoal das Forças Armadas, a liderança das Forças Armadas. Antes desse período, o brasileiro sabia quem era o Ministro da Guerra, o Ministro da Marinha, o Ministro da Aeronáutica e quem era o Presidente da República. Hoje, nos círculos intelectuais, duvido que eles saibam quem são os ministros. Na realidade, antes da revolução de 64, o brasileiro tinha uma crença absoluta de que se o governo agisse errado, as Forças Armadas controlariam. As Forças Armadas eram o controle, a honestidade do governo.

**F:** Das instituições democráticas...

**P:** De fazer o que tinha que ser feito. E atuavam como um fiscal, um fiscal formidável. Hoje, nós perdemos essa chance porque as Forças Armadas destruíram suas próprias lideranças, ninguém sabe quem é quem. Elas estão

---

numa situação que considero estranha. Era o patriotismo de controle, não havia a desonestidade que está sobrando por aí hoje.

**F:** Eles eram considerados os guardiões da ética, é isso que o senhor está querendo dizer?

**P:** Na realidade, deveriam ser porque eles tinham força suficiente para controlar.

**F:** Mas havia um Sistema Judiciário.

**P:** Sim, mas o judiciário não tem força. Não tem força política nem tem força própria. No Brasil, creio que o único grupo que tinha patriotismo eram os militares. Nós perdemos no ginásio, no curso primário, a educação cívica. No meu tempo de moleque, a gente acreditava na bandeira brasileira, acreditava no hino nacional, acreditava no país.

**F:** Quer dizer, existia a germinação de um nacionalismo que observamos em outros países.

**P:** E que é muito importante para o futuro do país.

**F:** Mas vamos voltar ao período dos primórdios do CNPq. O senhor afirmou que o José Reis publicava muito nesse período para pressionar o governo a criar uma política de C&T. O senhor chegou também a escrever para jornal, participou também dessa movimentação?

**P:** Eu dava entrevistas fazendo as críticas sempre, por exemplo, aos poucos recursos para o desenvolvimento da ciência porque o problema real é que nunca houve uma prioridade, que devia existir de vez em quando; não queria uma coisa permanente, mas devia existir um “vamos tentar começar o desenvolvimento”, mas nunca houve.

**F:** Havia disputa dentro do CNPq nesse primeiro decênio de funcionamento? Chegava-se a dizer: “Os físicos são os privilegiados, ganham mais do que as outras áreas”.

**P:** Na verdade, havia sim, por um motivo simples: o CNPq foi criado pelos resultados das pesquisas do Cesar Lattes. Ele descobriu alguma coisa importante, e a física virou "a área".

**F:** Havia também a questão da energia atômica que era uma preocupação nacional.

**P:** Exatamente. Eu até acho que foi burrice do Collor ter acabado com aquele poço do Brasil Central. Deixava-se lá, não precisava dizer se tem ou se não tem, deixava lá. Porque o pessoal tinha dúvida, sempre foi mais ou menos secreto esse negócio da bomba...

Então, era verdade esse negócio de a física ter sempre recebido mais dinheiro do que as outras áreas.

**F:** Isso gerava debates, denúncias?

**P:** Não. Havia uma crença de que o aparelho de física estava voltado para um grande projeto e era óbvio que era a bomba atômica. Havia um reconhecimento da necessidade de se ter algo assim. Um dos primeiros sujeitos que quis imitar a física com relação a dinheiro foi o Gilbert, o biólogo que foi o patrocinador do Genoma Humano. Foi a primeira vez que uma instituição biológica pediu recursos parecidos com o que era dado para a física.

**F:** Mas isso é bem mais recente.

**P:** Isso foi há cerca de dois ou três anos. Ele pediu apoio no ENAEID, mas seu pedido foi recusado. Ele, então, foi direto ao legislativo, no Congresso Americano, pediu e conseguiu dois bilhões de dólares para fazer o genoma humano.

**F:** Esse é o primeiro projeto que fez frente ao montante que é característico dos programas da física.

**P:** Particularmente, para falar a verdade, nunca aprovei esse Projeto Genoma Humano. Hoje, creio que 95% das descobertas sobre o Genoma não se sabe para que serve. Fazer o Genoma Humano agora está errado, porque isso só vai servir para daqui a dez ou vinte anos. O que a gente precisa fazer não é o Genoma Humano, porque isso pode ser feito por meio dos cromossomos politênicos de drosófila e de outros, que é o tipo de experiência que mostra

---

onde estão colocados os genes etc. Isso pode servir para o que eles querem do Genoma Humano. O problema é fazer Genoma Humano, agora, antes de saber o que o gene faz, porque até agora o gene tem características detectáveis, mas tem várias outras características que não conhecemos. Então, precisamos saber em primeiro lugar o que o gene está fazendo e como ele faz. Quero dizer, quantas características ele tem, qual é a sua relação com os genes vizinhos, qual é a relação entre eles. É preciso saber o funcionamento dos genes para poder integrar o sistema, o genoma. Agora, saber o que é o Genoma, o jeito como eles estão colocados, e não saber o papel de cada gene não interessa. Para quem tem muito dinheiro é perfeito, deve fazer assim mesmo, se tem alguém que queira fazer, pode fazer.

**F:** Então, o senhor acha que a FAPESP tomou a decisão errada ao dar apoio ao projeto aqui no Brasil?

**P:** Apoiou, mas em parte, nada parecido com os EUA. Fazer aqui e agora o Genoma Humano é burrice. A FAPESP premiou 272 pesquisadores que estavam fazendo o Genoma, que aprenderam a apertar botão, que não tem nada a ver com genética nem com ciência. Apertar botão de computador ou de um aparelho para tirar o genoma. Vai ser bom daqui a vinte anos, mas até lá, bobagem. Então, seria muito mais racional gastar esse dinheiro na parte básica, para saber o que o gene faz e a integração entre os genes, antes de você poder fazer o Genoma, se não, não interessa nada.

**F:** O senhor tem mais alguma memória desse seu convívio inicial com o CNPq? Alguma coisa que valesse a pena relatar?

**P:** O CNPq estava bem cotado, o que aconteceu também com a FAPESP aqui em São Paulo. Quer dizer, o governo nunca deu dinheiro suficiente, mas dava recursos e tinha-se possibilidade de se desenvolver projetos, como desenvolvemos.

### ***A participação na criação da FAPESP***

**F:** O senhor teve também papel importante na criação da FAPESP?

**P:** Eu fui membro do primeiro Conselho Superior da FAPESP. Eu acompanhava bem o José Reis, e ele foi um dos principais elementos que lutou para que se criasse a FAPESP.

**F:** Foi no final da década de 50, não foi?

**P:** Não tenho certeza, mas creio que a FAPESP foi proposta e criada muito antes, mas só passou realmente a funcionar no governo do Carvalho Pinto, quando foram repassados os primeiros recursos. Eu fui membro do primeiro Conselho, e o presidente era o Antônio Barros de Ulhôa Cintra.

**F:** Ele era de que área?

**P:** Medicina. Criamos, nessa época, uma estrutura funcional formada por um conselho técnico-científico, que tinha um presidente, um diretor ligado à parte burocrática, o diretor administrativo e o diretor científico. Eu fui do Conselho Superior que tinha só a função de controlar, de ver se a coisa estava funcionando e não de propor modificações, como nós estamos fazendo agora. Antigamente não havia isso. Era o Conselho diretor que designava o diretor científico, que era o principal elemento da gestão. Ainda hoje é mais ou menos assim, de qualquer maneira o Conselho Superior tem mais força hoje do que tinha no começo.

**F:** Bem, a presença da FAPESP veio suprir então uma carência de recursos?

**P:** Sem dúvida nenhuma, isso foi parte do objetivo.

**F:** O senhor foi usuário desde o início?

**P:** Sem dúvida.

**F:** Seu grupo de pesquisa se beneficiou também. E nesse ínterim, o senhor, que já tinha feito o exame para livre-docência em 1952, logo depois da implantação do CNPq, fez também o concurso para catedrático?

**P:** Em 1954.

---

**F:** O trabalho que o senhor fez para livre-docência “Alelismo de Lelais no segundo cromossomo de *Drosophila Willistoni*” foi publicado também no exterior?

**P:** Foi.

**F:** Ele deu alguma contribuição importante?

**P:** Foi um trabalho para criar uma idéia, para construir o conhecimento de uma determinada área da genética que era o comportamento dos genes e o lugar de diferença.

**F:** E, em 1954, o senhor se torna catedrático. Que mudanças ocorreram dentro desse grupo, a partir de sua gestão? Porque foi a sua primeira liderança oficial mais expressiva, não foi?

**P:** Exato. Nessa época eu tinha que competir com elementos mais qualificados, daí fui selecionado para fazer o exame para catedrático. Eu tinha dois colegas, o Antônio Brito da Cunha e o Oswaldo Frota Pessoa, como já mencionei, que eram os que me faziam sombra mesmo, mas em vez de competir com eles, eu aproveitava.

**F:** Até seguindo um pouco a linha do André Dreyfus, porque Dreyfus tinha essa postura também.

**P:** Foi onde eu aprendi. Dreyfus foi fabuloso nesse aspecto.

**F:** O senhor, que vinha de uma experiência de uma universidade norte-americana, que tinha estrutura departamental, se posicionava a favor de uma reforma universitária no Brasil? O senhor era influenciado por esse sistema norte-americano?

**P:** Na época que você está perguntando, não. Porque eu tinha só experiência como aluno, mas depois fui contratado professor-titular na Universidade do Texas.

**F:** Quando foi isso?

**P:** Isso foi de 1968 até 1978. Eu fiquei sete anos, na maior parte do tempo,



no Texas. Depois disso, tinha decidido sair, mas me pediram para reconsiderar, então fiquei mais três anos. Nesses três últimos anos, eu ficava nos Estados Unidos um semestre por ano, dava curso, e o resto do ano ficava no Brasil. Mas era um contrato que tínhamos desde o começo, quando eu fui para lá. Eu tinha a possibilidade de ficar no Brasil ou na Universidade do Texas. Quando eu estava aqui no Brasil, a USP me pagava, quando eu estava no Texas, eles me pagavam.

**F:** Vamos falar mais adiante dessa sua experiência, que deve ter sido muito importante. Antes seria interessante saber se esse primeiro contato que o senhor teve com a universidade norte-americana não fez com que o senhor discutisse a possibilidade de uma reforma na estrutura universitária, dentro da própria SBPC, já que o senhor era um membro ativo, ou na própria USP?

**P:** Eu acreditava que deveria haver essa reforma, mas com um certo controle, porque o que acontecia, e com muita frequência, no Brasil, era o catedrático "queimar" as pessoas que fizessem sombra a ele. Em muitas situações isso acontecia.

**F:** Então, o senhor era favorável à mudança?

**P:** Mas não do tipo que foi feito...

**F:** Que tipo de mudança o senhor acha que poderia ter ocorrido?

**P:** Uma mudança em que houvesse maior integração entre as várias áreas da universidade. Mais do que isso, algo que estimulasse o desenvolvimento integrado e não separado. Hoje na USP, por exemplo, os funcionários e os professores de um mesmo departamento não sabem o que o colega da porta ao lado está fazendo. Isso não tem lógica, eles têm ciúmes um do outro, cada um quer ser melhor.

**F:** O espírito de equipe acabou com a nova estrutura? Na estrutura anterior ainda se mantinha esse espírito de grupo?

**P:** Óbvio. Esse espírito de grupo foi destruído. Esse conselho departamental virou "panela", O próprio diretor não tem autoridade nenhuma e nem pode.

---

Se por acaso o diretor quiser impor alguma coisa ao conselho, e que deveria como líder, como diretor, ele será eliminado.

**F:** Então, vamos voltar a sua experiência como catedrático. O senhor manteve esse espírito de grupo, se sentia mais chefe do que monarca, e dava oportunidade a todos?

**P:** Posso garantir que uma das coisas que eu sempre disse é que o Antônio Brito da Cunha e o Oswaldo Frota Pessoa me faziam sombra, cientificamente falando. Agora, ao contrário de eu ficar enciumado, eu incentivava que eles fossem melhores; eu não tinha nada contra isso, ao contrário, eu apoiava essa história, e me dava bem com eles.

**F:** Houve alguma outra mudança que o senhor tenha feito? Aumentou muito o curso de Biologia na Universidade?

**P:** Aumentou, sim. Outra coisa, tornou-se um dos centros importantes de genética no Brasil.

**F:** Durante o Programa Integrado de Genética, o senhor já era catedrático?

**P:** Catedrático e colaborava no Brasil inteiro.

**F:** Então, esse período é de crescimento. O grupo se consolida, projeta-se nacionalmente e internacionalmente e vai de 1954... Quando acontece algo importante?

**P:** Acho que a reforma em 1968 degradingolou a história não só na Biologia, mas da USP.

**F:** Mas não foi discutida amplamente?

**P:** Não, fizeram uma "panela". Nesses conselhos departamentais, o sujeito faz o que quer, o conselho aceita. É uma falta total de responsabilidade que existe, mas obviamente há exceções.

**F:** E o chefe de Departamento, o coordenador da pós-graduação?

**P:** Não tem voz ativa, não existe pessoal para ver se os funcionários estão trabalhando...

**F:** Mas a comissão da pós-graduação tem poder, não tem?

**P:** Tem poder, mas esse poder não tem nada a ver com aquilo que deveria ser, de fazer uma análise real, profunda e que tenha sentido coletivo e não individual.

**F:** O senhor deixa de ser catedrático então em 1968?

**P:** É, deixei de ser catedrático e passei a ser titular.

**F:** Quando foi criado o Departamento de Biologia? Nesse mesmo ano?

**P:** Foi no ano de 1970.

**F:** O senhor foi o primeiro chefe de departamento?

**P:** Fui, no meu caso, fui mantido definitivamente, com as eleições e tudo o mais.

**F:** Houve algum avanço dentro da pesquisa em genética nesse período? O senhor gostaria de destacar algo de mais significativo?

**P:** Não foi nessa época, foi antes, em 1948, 1949, quando descobri um inseto brasileiro que tem umas características extraordinárias. Ainda hoje o pessoal está trabalhando nele, o *Rhynchosciara*. Foi um trabalho que teve uma grande repercussão internacional. Mas durante oito anos a comunidade não acreditou no que eu estava dizendo.

**F:** Vamos então retomar sua experiência na Universidade do Texas em Austin? Como e quando surgiu essa proposta?

**P:** Foi em 1968. Porque fui membro de uma comissão de ciências biológicas das radiações da ONU durante dez anos.

**F:** Radiações atômicas?

---

**P:** É. E foi uma comissão que teve grande sucesso.

**F:** E como é que o senhor foi nomeado? Como é que o senhor chegou lá?

**P:** O presidente da comissão brasileira era o Carlos Chagas Filho e, como eu trabalhava em ciências biológicas das radiações, ele me convidou pra ser vice-diretor ou vice-presidente ou vice-chefe, alguma coisa assim, então eu fui durante dez anos.

**F:** O senhor tem lembranças do período quando começou esse trabalho junto a Carlos Chagas?

### ***A amizade com Carlos Chagas Filho***

**P:** Eu me dava bem com o Carlos Chagas.

**F:** Como é que o senhor o conheceu? Foi a partir desse trabalho?

**P:** Não, eu conheci o Carlos Chagas por meio de Dreyfus. Ele era muito amigo do Carlos Chagas, pois tinha se formado no Rio de Janeiro e tinha contato muito maior com o pessoal do Rio. Dreyfus conheceu o pai do Chagas. Uma vez ele convidou o Dreyfus para fazer umas palestras lá no Instituto, que hoje se chama Instituto Carlos Chagas Filho, lá da Faculdade de Medicina do Rio. Eu era estudante ainda e o Dreyfus me levou com ele também para dar palestras sobre os trabalhos que estávamos fazendo. Falei sobre o meu trabalho com o peixe cego. Isso foi bem no começo, até antes de eu fazer doutorado. Dei-me muito bem com ele, ele foi extraordinário comigo, foi um grande amigo e um dos meus gurus.

**F:** Em que sentido ele influenciou o senhor?

**P:** Ele me incentivava, queria saber o que eu estava fazendo, como eu estava fazendo, e me elogiava muito. Como eu gostava muito dele e o achava um grande pesquisador, uma pessoa, um intelectual extraordinário, então isso me dava um estímulo.

**F:** O senhor disse que ele foi um dos seus gurus. Além desse incentivo, desses estímulos que ele de algum jeito lhe deu, que idéias dele influenciaram o senhor?

**P:** O laboratório que ele tinha no Rio de Janeiro foi o melhor, em ciências, do Rio de Janeiro.

**F:** Em Manguinhos?

**P:** Não, na Faculdade de Medicina. Ele trabalhou em Manguinhos, mas o laboratório era na Universidade Federal do Brasil.

**F:** Quer dizer que desde a década de 1940 o senhor mantinha uma relação com ele, trocava informações, conhecia pessoas do Rio.

**P:** Exatamente.

**F:** Toda essa mobilidade deve ter lhe favorecido na sua indicação para a presidência da Sociedade Brasileira de Genética.

**P:** Fui o terceiro presidente, mas o primeiro da nova geração, porque os dois anteriores foram do grupo que começou essa nova fase da genética no Brasil. O primeiro foi o Carlos Arnaldo Krug, do Instituto Agrônomo de Campinas, e o segundo foi Frederich Gustav Brieger, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba.

**F:** Qual foi mesmo o período que o senhor foi presidente? Não foi na década de 1950, foi?

**P:** Foi na década de 1950, sim. Acho que eram dois anos de mandato. Mas, o que eu estava comentando anteriormente era a minha gestão na comissão da ONU.

**F:** Sim, vamos retomar esse ponto.

**P:** Então, essa foi uma coisa importante. Na comissão da ONU, eu era um dos únicos no Brasil a trabalhar com a parte biológica das radiações. Eu trabalhava porque eu tinha descoberto uma mosca, a *Rhynchosciara Ange-*

---

lae, que tinha várias características extraordinárias. Em primeiro lugar, essa mosca tinha cromossomos salivares que são chamados politênicos, que existiam não só na glândula salivar, mas também no intestino e no tubo de Malpighi.

**F:** Como é que o senhor descobriu essa *Rhynchosciara*?

**P:** Eu sempre gostei muito de fazer excursões e por isso entrei na Genética. Numa das excursões que fiz na Praia Grande, no litoral de São Paulo, havia um professor visitante da Inglaterra, no Departamento de Fisiologia da Biologia, que fazia estudos biológicos com um verme. Então o levei para conhecer a Mata Atlântica, a grande floresta tropical, e ele achou fantástico. Então, ele foi coletar o material dele e eu fiquei na floresta coletando as drosophilas. Quando terminei a minha tarefa, fui verificar como é que ele fazia a dele, e escutei a explicação. Dei um chute numa bananeira que estava morrendo e encontrei um bolo de vermes. Eu, então, não sabia bem o que era aquilo, pego um bolo deles, ponho num vidro que eu tinha levado para coletar drosophilas e trago para o laboratório. O inglês ficou impressionado com a região, com o nosso método de coletar material e foi tudo perfeito. Dois dias depois, eu estava arrumando o material de coletas e vejo então essas larvas querendo sair do vidro, que estava com uma tampa de algodão. Eram onze horas da noite e eu estava no laboratório. Peguei uma larva dessas e verifiquei. Imagina o meu susto quando eu encontrei um cromossomo politênico que eu jamais tinha visto. E fiz só da glândula salivar, porque depois é que eu descobri os outros tecidos que também tinham.

**F:** Eram larvas de moscas, então, dessa *Rhynchosciara*?

**P:** Eu não sabia. Para falar a verdade, pensei até que fossem vermes a princípio, mas depois, conversando com o professor de Zoologia, Ernest Marcos, ele me disse que eram larvas de inseto. Depois verifiquei que essa mosca tem umas qualidades extraordinárias. Primeiro, uma fêmea bota 200, 300, 500 ovos. Ela pode colocar um grupo só ou então ela faz dois ou três grupos para descarregar todo o ovário.

**F:** Nesse material que o senhor coletou, o senhor viu formação de *Rhynchosciara*, da mosquinha?

**P:** Exato, então...

**F:** Elas foram se transformando até chegarem a ser uma mosca.

**P:** Foi. Daí foi fácil, sabendo que era...

**F:** Mesmo dentro de um ambiente novo?

**P:** Completamente novo; mas o incrível da história é que a fêmea bota um grupo de ovos que se transformam em larvas, todas do mesmo sexo, e que se desenvolvem sincronicamente durante quarenta dias, na seguinte situação: quando uma está fazendo um movimento qualquer, todas estão fazendo o mesmo movimento; se uma está comendo, todas estão comendo; quando uma está mexendo com a cabeça assim, todas estão mexendo com a cabeça. Existe um desenvolvimento sincrônico durante quarenta dias. Pegamos cinco larvas do mesmo grupo e examinamos. No dia seguinte, pegamos mais cinco larvas e constatamos que essas daqui estão um dia mais velhas do que as outras. Vamos fazendo assim para conduzir uma análise durante quarenta dias sobre o desenvolvimento total, como se estivesse olhando um único indivíduo. E mais do que isso, para a genética, isso ocorre porque os cromossomos politênicos podiam ser observados em três tecidos diferentes. Então, imagine saber o comportamento dos genes. E essas faixas dos cromossomos politênicos não são estáticas. Elas estão condensadas e parecem uma faixa definida e depois elas podem se desenrolar e virar uma coisa esponjosa. Quando se forma essa parte esponjosa, o cromossomo de DNA forma o RNA. Eu fiz depois uma experiência mostrando o que acontece quando aparece essa estrutura esponjosa; o que existe de produção e que depois é eliminado é o RNA, e o DNA fica nos genes. Isso é importante, porque nessa época nós não tínhamos ideia ainda de que o DNA era o principal responsável pelo gene. Sabia-se que o DNA estava ligado ao gene, mas não se sabia que era o principal.

**F:** Mas isso vai acontecer em 1953. Então, o senhor estava fazendo uma pesquisa pioneira com um novo inseto e é convidado para fazer parte dessa comissão brasileira da ONU.

**P:** É, havia quinze países fazendo parte dessa comissão. O Brasil apresentava um tal de Pavan que fazia um trabalho ligado aos efeitos biológicos

---

das radiações. Essa mosca era fantástica, você irradiava e via o que os genes estavam fazendo. Então, houve muita repercussão. Aí, nessa comissão da ONU, na parte americana, estava Alexander Hollander, diretor do Oak Ridge National Laboratory, que me convidou para montar um laboratório em Oak Ridge.

### ***A experiência em Oak Ridge***

**F:** Onde fica Oak Ridge?

**P:** No Tennessee. Esse laboratório em Oak Ridge era um dos quatro responsáveis pela bomba atômica. Os outros eram Los Álamos, Chicago e um outro do qual não me recordo no momento. Então, fui convidado para montar um laboratório com estudos dessa mosca. Porque o que eu apresentava na comissão eram pesquisas bem discutidas, e pouca gente tinha o trabalho com efeitos biológicos das radiações. Na radiação, a coisa mais importante eram os genes, e eu era o único que podia fazer essa observação.

**F:** Em que ano foi isso?

**P:** 1963. Fui convidado para ficar dezoito meses lá.

**F:** Quando o senhor saía do grupo da USP, quem lhe substituíam?

**P:** O Brito da Cunha, que era extraordinário.

**F:** Ele era, dentro da hierarquia, o primeiro-assistente?

**P:** Ele era muito culto, um bibliófilo doentio e tinha também uma boa relação com os colegas.

**F:** Vamos voltar para Oak Ridge. O senhor se mudou com família para os Estados Unidos pela segunda vez?

**P:** Novamente, pela segunda vez.

**F:** Se o senhor foi para Oak Ridge, Tennessee, em 1963, o trabalho dessa comissão foi anterior? A comissão da ONU em Nova York foi em 1962?



**P:** Sim. Nós tínhamos visitas de uma semana por ano em Nova York e uma semana por ano em Genebra.

**F:** Em 1963, o senhor foi morar nos Estados Unidos. O senhor interrompeu suas atividades aqui e montou um laboratório no Tennessee. Como é que o senhor montou esse laboratório? O senhor era o único brasileiro?

**P:** Era. Aqui no Brasil, para manter a *Rhynchosciara* no laboratório, havia quatro ou cinco técnicos. Enquanto nos Estados Unidos, não pelo país, mas porque o clima facilitava muito mais essa tarefa, uma única pessoa tomava conta da cultura de *Rhynchosciara*.

**F:** Professor, talvez fosse interessante se o senhor pudesse esclarecer uma questão que me ocorreu: O senhor demonstra ter um espírito nacionalista. Afirmou ter, desde cedo, um sentimento patriótico. Como é que o senhor se relacionou com esse fato de estar levando um conhecimento que no fundo iria beneficiar o andamento de pesquisas nos Estados Unidos? Por outro lado, parece que o senhor também sempre teve uma “cabeça científica”, com a ideia do universal, tanto que o senhor não hesitou em ir para o Tennessee, porque essa “cabeça universal” do cientista era predominante, não era? Estava, por assim dizer, à frente desse espírito nacionalista que também habita no senhor, não é?

**P:** Sim. Trabalhei um ano e meio no Oak Ridge e adorei. O laboratório e a cidade se chamavam Oak Ridge. No laboratório havia mais gente que na cidade, praticamente tudo girava em torno do laboratório.

**F:** Uma cidade-laboratório. A cidade era cosmopolita?

**P:** Não, o laboratório é que era. Muitos pesquisadores eram estrangeiros, e era visitado por muitos estrangeiros também.

**F:** O senhor era o único da América Latina?

**P:** Não, havia outros também, de outras áreas. Porém, na Biologia, eu era o único brasileiro.

---

**F:** O senhor expandiu muito o seu círculo de relacionamentos. Como é que era o contrato e trabalho? O senhor ganhava por lá ou por aqui? O senhor pediu licença sem vencimentos da USP?

**P:** O Reitor me disse que eu poderia viajar licenciado, mas eu queria manter o emprego, não o salário. Quer dizer, para contar na minha aposentadoria.

**F:** O senhor foi com a família?

**P:** Com a família inteira, levei a molecada para lá.

**F:** Seus três filhos já tinham nascido?

**P:** Sim, e aprenderam inglês bem.

**F:** Havia escola, toda uma infraestrutura urbana...

**P:** É verdade que o laboratório era importante, mas as escolas primárias e secundárias eram de primeira linha. Eu ia visitar meus filhos na escola e percebia que havia um interesse dos alunos. Faziam exposições e festas no fim de semana.

**F:** Sua esposa já era psicóloga na época?

**P:** Sim, e trabalhava no hospital de graça.

**F:** Prestava serviços?

**P:** Ela ficava satisfeita de trabalhar, não precisava ganhar, ela quase que pagava para trabalhar.

**F:** E todos frequentaram a *elementary school*.

**P:** Sim, e adoraram, foi muito importante.

**F:** O senhor já foi com esse tempo definido de 18 meses?

**P:** Fui. Óbvio que o diretor queria me experimentar, porque ele me conhecia por minhas palestras nas sessões da ONU, mas no laboratório ele não sabia. Então, ele queria me testar.

**F:** Ele queria pegar toda a sua experiência e montar o laboratório, não é?

**P:** Exato.

**F:** O senhor sempre teve a cabeça mais universal do que nacional?

**P:** Inclusive, agora mesmo, eu estou quase indo para os Estados Unidos, porque me convidaram para trabalhar. Aqui, o pessoal não acredita no que estou fazendo, no trabalho com os ovos, enquanto que nos Estados Unidos o pessoal colabora de uma forma extraordinária. Quando cheguei, por exemplo, na Universidade do Texas, e estava com o material da *Rhynchosciara* pronto pra fazer... Perguntei: "Querida fazer o microscópio eletrônico". "Fale com o Jack". "Quem é o Jack?". "É o técnico, ele é quem vai resolver". Falei que tudo bem e resolvi. Depois, tinha dois trabalhos publicados sobre a microscopia eletrônica de cromossomos politênicos e, no entanto, aqui no Brasil ninguém estava interessado em fazer.

**F:** O senhor também se atualizava nos recursos tecnológicos, não é?

**P:** Sim, claro.

**F:** O senhor acha que o ambiente da pesquisa básica, hoje, no Brasil, ficou menos favorável?

**P:** Ficou, porque atualmente, uma das coisas que eu lamento muito que tenha ocorrido no Brasil, e que eu vejo que na USP é praticamente geral, é que, no departamento eu exigia que tivéssemos uma reunião toda semana sobre um assunto do laboratório, ou convidava alguém de fora que discutisse uma questão de interesse para o grupo. Isso é algo extremamente importante que foi abandonado. O pessoal não está sabendo o que o colega da sala vizinha faz, o que considero um absurdo.

**F:** O senhor acha que a falta de apoio a um projeto de pesquisa básica como a do senhor poderia estar associada à falta de credibilidade que algumas propostas de pesquisa têm despertado?

---

**P:** Até certo ponto pode ser um reflexo disso. Mas, para eu provar alguma coisa que eu fiz com o trabalho com a *Rhynchosciara*, levei oito anos. Com esse material dos ovos, até agora, não consegui ninguém para fazer umas outras coisas. Estou pensando em experimentos com relação às células-tronco. Porque o ovo de galinha tem umas bactérias que comem a gema e produzem um alimento específico para o embrião, que é uma espécie de plasma ou uma goma. E se por acaso essa goma for de boa índole e deixar a célula-tronco crescer, vai dar um resultado muito interessante. Até digo que gostaria imensamente que não fosse bactéria, porque encontrar uma partícula química capaz de se comportar como uma bactéria... Achem que não, porque não pode ser, porque um ovo de galinha não pode ter bactéria viva dentro dele, porque é um absurdo. Mas, se eu demonstrar que tem, poderia ganhar o prêmio Nobel. Aí o pessoal vai aceitar e achar divertido.

**F:** Voltando a Oak Ridge, o senhor já falou da cidadezinha, da experiência benéfica para seus filhos que frequentaram a escola lá, de sua mulher que prestava serviço no hospital e de como o senhor montou um laboratório e uma equipe lá. Na verdade, o senhor deu continuidade ao que fazia no Brasil?

**P:** Exato, mas tinha outros recursos, como um bolsista da Alemanha, outro da Espanha, um americano e umas meninas que trabalhavam em seus doutoramentos. Foi um trabalho muito agradável.

**F:** O senhor tinha oportunidade para se atualizar em termos dos recursos tecnológicos disponíveis para a sua pesquisa?

**P:** Sim, em Oak Ridge eu tinha o que precisava, era só dizer "Eu quero" e eles compravam. Dessa forma, a experiência de Oak Ridge foi fantástica pois fui muito bem tratado.

**F:** Foi de 1963 a 1964.

**P:** Sim, até a metade de 1964.

**F:** Então, durante o golpe militar de 1964, o senhor estava nos Estados Unidos.

**P:** Estava me preparando para voltar.

**F:** Isso é uma coincidência em nossas vidas porque eu também estava lá quando houve o golpe.

**P:** Quando terminou a minha estada, recebi o convite para trabalhar no Texas. Ao mesmo tempo, Alexander Hollander, que era muito meu amigo, disse: "Pavan, se você vai ficar por aqui, é no nosso laboratório", mas eu disse para ele: "Acontece que sou mais de universidade do que de instituto de pesquisa, então essa oferta do Texas é uma coisa que eu não posso recusar" e ele conversou, conversou, conversou, mas ...

**F:** Como é que surgiu esse convite para o Texas?

**P:** Quando fui para o meu pós-doutorado, estive no laboratório da Universidade do Texas e, nessa época, publiquei um trabalho junto com o diretor do departamento. O diretor era o sucessor daquele que havia falecido. Nós nos conhecíamos bem porque nas reuniões da Sociedade Americana de Genética nós nos encontrávamos. Como eu tinha passado uma temporada lá e fazia um trabalho parecido com o deles, mantínhamos contato. Em uma das vezes ele foi para Oak Ridge e falou: "Pavan, seu lugar está lá", e eu disse: "Deixe-me pensar" e aceitei, mas pedi para voltar ao Brasil para dar uma satisfação. Então passei dois anos aqui. Estava na época em que se discutia se podíamos dispor de férias ou de afastamentos muito continuados. Então, passei pelo menos dois anos aqui para evitar problemas, antes de ir para o Texas.

**F:** Como foi essa volta para o Brasil já dentro do período da ditadura? Que mudanças o senhor encontrou na universidade?

### ***A volta ao Brasil depois do golpe militar***

**P:** Algumas mudanças ocorreram. Eu era contra a situação, mas achava que a universidade não podia se meter, para não perturbar o andamento da própria universidade. Eu achava que não devia fazer uma campanha, a não ser que fosse fora da época das aulas. Várias vezes eu briguei com alunos porque eles queriam fazer greve. O pessoal combinava greve para meia

---

dúzia deles ficar jogando e o resto ficar em casa sem fazer nada. Então, era uma coisa com a qual eu não concordava, mas acompanhei bem de perto o governo militar. Infelizmente, eles acabaram até com as próprias lideranças e caíram nessa situação de hoje em que as Forças Armadas não representam nada no Brasil.

**F:** Na sua área houve alguém que tivesse sido preso ou perseguido?

**P:** Vários colegas foram, mas da minha área nenhum colega teve consequências graves como precisar viajar para o exterior.

**F:** Como o Fernando Henrique.

**P:** O próprio Fernando Henrique, por exemplo. A mulher dele com mais quatro colegas vieram aqui na minha casa para saber se tinha jeito de eu perguntar para o pessoal do governo se... Porque tinham receio de estarem procurando o Fernando Henrique para prendê-lo. Aí, eu fui conversar com um amigo meu, o Miguel Reale, que era da Secretaria de Segurança daqui de São Paulo, e ele me garantiu que não tinha nada contra o Fernando Henrique. E não teve mesmo.

**F:** Então, o exílio dele foi mais procurado do que...

**P:** Foi uma forma de fugir de uma consequência, porque era muito chato o que eles faziam com o preso. Eles faziam coisas que marcavam a vida do sujeito. Mas não quero discutir essa questão. Eu não gosto de falar, porque conheço o Fernando Henrique há quarenta ou cinquenta anos, desde a época de aluno, e ele aproveitou muito da SBPC, por exemplo, com o meu auxílio, para ganhar popularidade e fazer coisas formidáveis, discursos etc. Depois, ele entra e chama os esquerdistas de incapazes, quero dizer, é complicado.

**F:** Foi uma decepção, não é, professor? Uma decepção que o senhor prefere não relembrar.

**P:** Uma das coisas que eu acho inconcebíveis foi o Fernando Henrique ter vendido a Vale do Rio Doce. Era a coisa mais estratégica para o futuro do Brasil e ele vendeu. Não vendeu, deu de presente para alguém que a gente nem sabe quem é.

**F:** E era uma empresa que dava lucro...

**P:** Dava lucro e era importante. Depois, invadem o território nacional inteiro, e o que se vai fazer? Não, eu nem quero discutir esse assunto.

**F:** Vamos voltar ao momento pós-golpe. Existia esse quadro político no Brasil, e o senhor fazia parte de um núcleo que acreditava no país, no ideário de desenvolvimento. Quais foram os impactos do golpe?

**P:** Era até divertida a história, porque eu não acreditava que eles iam fazer o que fizeram. Eu tinha confiança... Eles não eram contra a ciência, porque a SBPC teve apoio total deles durante todo o tempo. O erro foi realmente destruir as lideranças ou por meio de prisão ou por meio de expulsão do país ou coisa parecida. Isso eu achei inconcebível, horroroso e fui contra eles.

**F:** Quase nenhum cientista adotou o ideário da revolução, pois, de início, muitos intelectuais e cientistas foram perseguidos, o que foi um golpe na ciência; por isso, a SBPC, desde o início, se posicionou contra o movimento.

**P:** E nós éramos totalmente contrários mesmo.

**F:** Então, o senhor confirma que essa posição da SBPC foi a partir dessa perseguição que houve...

**P:** Aos líderes, que foi horrorosa e incompreensível também, até porque eles não tinham uma política própria, eles estavam tentando alguma coisa. Eles foram contra a esquerda de uma forma violenta, o que é um absurdo de lógica. De qualquer maneira, eles tinham lá suas ideias e nós tínhamos as nossas. Inclusive, eu fui presidente da SBPC no governo do Figueiredo.

**F:** Essa situação foi também um fator que lhe estimulou a querer ir para o Texas. O senhor já tinha vontade de ir ou essa situação contribuiu para sua decisão?

**P:** Sim, a situação contribuiu, pelo menos facilitou bastante a minha ausência, porque eu estava louco da vida com o que estava acontecendo. Era incompreensível que estivesse ocorrendo aquilo. Mais tarde, quando voltei, já como presidente da SBPC, encontrei o João Figueiredo numa festa e fui

---

conversar com ele. O engraçado é que ele estava sozinho numa festa, o presidente da República, sozinho... Eu fui conversar com ele e disse: "Presidente, a SBPC está pedindo uma entrevista com o senhor faz seis meses e nós não tivemos ainda resposta". Ele falou: "É, alguém me falou, mas eu não vou dar entrevista para vocês, não"; e eu perguntei por que. Ele disse: "Vocês são muito complicados e estão fora dos nossos ideais"; daí eu disse: "Senhor presidente, desculpe, mas eu posso garantir ao senhor que, se a SBPC não existisse, sem dúvida eu procuraria o senhor para criar uma SBPC. A SBPC é muito favorável ao governo, é contra os ministros e os ligados ao governo que cometem erros, mas o presidente, nós ajudamos até", ele disse: "É, vocês são 'bons de bico', mas eu não vou dar entrevista mesmo não". Foi uma conversa até muito amigável, mas ele não quis dar a entrevista. Tentei de todo jeito, porque seria uma vitória enorme se nós conseguíssemos fazer essa entrevista. Qualquer que fosse o resultado seria uma vitória, mas ele não quis.

**F:** Essa situação contribuiu para que o senhor tomasse a decisão de ir para os Estados Unidos?

**P:** Não foi por causa da revolução, mas de qualquer maneira facilitou, porque eu estava louco da vida mesmo.

**F:** O senhor disse que havia algumas regras para obter a licença da USP. O senhor saiu por um período longo. Quanto tempo o senhor ficou fora?

**P:** Depois de Oak Ridge, eu tenho a impressão de que dei umas voltas pelos Estados Unidos. Mas, só fui para o Texas em 1968; quer dizer, fiquei por um bom tempo ainda no Brasil.

**F:** O senhor disse que participava das reuniões da Sociedade Americana de Genética. Isso porque o senhor era presidente da sociedade brasileira?

**P:** Não, eu era membro da sociedade americana.

**F:** Quando é que o senhor ingressou nessa sociedade?

**P:** Foi um convite diplomático, me deram a possibilidade; eu podia ser um sócio, não um membro, mas um convidado.



**F:** Membro honorário ou algo assim?

**P:** Não, a filiação não foi nem registrada, mas eu tinha a liberdade de ir a todas as reuniões e era considerado um sócio. O mesmo ocorria com a Academia Americana de Ciências. Eu tinha convites para frequentar ou a própria universidade me convidava.

**F:** Isso a partir de que ano?

**P:** 1968.

### ***O tempo na Universidade do Texas***

**F:** Então, o senhor vai com a sua família, em 1968, para Austin, Texas. Quanto tempo o senhor deveria ficar lá? O convite era para ser professor visitante?

**P:** Não, o convite era para ser professor titular, e me deram 657 mil dólares para montar o laboratório.

**F:** O senhor dava aula?

**P:** Também dava aulas. Montei um laboratório no quinto andar, mas podia usar com facilidade o laboratório do sexto andar.

**F:** Eles não tinham laboratório de genética?

**P:** Tinham, mas o meu era especial, porque eu trabalhava com *Rhynchosciara*. Comecei a usar as facilidades do quarto e do sexto andar. Eles também tinham direito de usar o meu laboratório. Era uma coisa fantástica que não existe aqui, quero dizer, aqui é tudo separado.

**F:** O senhor não teve de fazer nenhum concurso ou apresentar trabalho?

**P:** Absolutamente nada e, depois do primeiro ano, eles me deram a vitaliciedade, a *tenure*.

**F:** Como é que foi o seu arranjo com a USP nesse período?

---

**P:** Me deram licença. No contrato com o Texas era para ser professor, mas eu podia vir para o Brasil um semestre por ano, quando quisesse. Nesses primeiros sete anos que passei lá, só fiquei um semestre no Brasil.

**F:** Em sete anos?

**P:** Sim. Depois dos sete anos, eu tinha direito a um ano sabático. Quando saí, disse para o diretor: "Tenho a impressão que vou ficar no Brasil"; aí ele disse: "Não, não faça isso, porque o pessoal tem muito respeito por você aqui". Eu ganhava duas vezes e meia o salário do Brasil e tinha vitaliciedade. Mas preferi vir para o Brasil. Numa das vezes em que estive na Universidade do Texas, o diretor me disse: "Vamos fazer uma coisa, passa um semestre aqui e o restante do ano no Brasil". Dessa forma eu mantinha minha *tenure*, então, eu disse: "Está bom".

**F:** E seus filhos cresceram lá?

**P:** O menor passou bastante tempo conosco; os outros dois tinham os cursos no Brasil, mas nas férias iam pra lá.

**F:** Eles já estavam na universidade quando o senhor foi?

**P:** O mais velho sim. Eles moravam nessa casa aqui e faziam uma farra tremenda.

**F:** O senhor já tinha construído a casa?

**P:** Essa casa já estava construída, então, eles ficavam aqui. Tínhamos uma empregada que ficou conosco por cerca de quarenta anos e que criou as crianças, de maneira que tudo funcionava muito bem, não houve problema algum. Quando eles queriam, podiam ir pra lá, tinham liberdade de ir quando quisessem. Agora, na Universidade do Texas, depois do primeiro ano, eles me deram o *tenure*, e no segundo ano que eu estava lá, dei um curso que eles chamam de graduação lá e pós-graduação aqui. Porque lá, você tem *under-graduation* e *graduation*. A *graduation* é a pós-graduação. Aqui tem graduação e pós-graduação. Então, eu dei esse curso para treze alunos. Lá, todo semestre o professor é julgado pelos alunos. Comigo aconteceu uma coisa divertida. Cheguei na primeira aula e falei: "Bem, nós vamos

estudar meiose". Aí, uma moça da turma disse: "Professor, eu tive genética no ginásio, tive genética na graduação e agora aqui também meiose?" Eu disse: "Tem mais alguém achando ruim?" Daí, mais três sujeitos levantaram e fizeram observações mais ou menos parecidas, achavam que era sem propósito. Eu disse: "Olha, vamos fazer uma coisa, vamos começar com o curso sobre meiose e depois vamos ver várias outras coisas, mas, se vocês não gostarem, eu mudo de orientação". Assim, separei o grupo de treze em quatro grupos e disse: "Agora, vocês vão à biblioteca e encontrem material sobre o assunto, porque na meiose existem várias fases de observação, trabalhos publicados, a demonstração de que isso acontece e é verdadeiro". Eles ficaram meio assim e eu disse: "Experimentem e vamos ver se dá certo". Foram para a biblioteca e aí foi um negócio fantástico, porque eles me pegavam de todo jeito. Uma coisa que eu achei mais divertida ainda era que eles me respeitavam, porque eu dizia: "Isso eu não posso te responder agora, mas vou dar uma espiada nuns arquivos e na semana que vem falamos sobre isso". Dessa forma, o curso foi um sucesso, e tenho inclusive um livro com a avaliação daquele semestre em que tirei o primeiro lugar junto com um professor da educação.

**F:** E esse curso era de especialização?

**P:** Sim, em Genética. Era um curso de genética e citologia, mas genética era o tema principal. Um ano depois, me deram um curso com seiscentas pessoas.

**F:** *Graduation* também?

**P:** *Under-graduation*. Como eram seiscentos alunos, me deram oito instrutores para corrigir provas. Eu tinha a obrigação de ler duas a três provas corrigidas por cada membro e o resto eles faziam. Quando terminei o curso, e muito bem, virei o dono do mundo, porque estava bem cotado entre os alunos e na instituição.

**F:** Essa avaliação deveria ser feita aqui no Brasil também, não é?

**P:** Óbvio, porque aqui é uma palhaçada.

**F:** Não se avalia.

---

**P:** Ninguém avalia nada. Por exemplo, os doutorados que estão saindo por aí agora têm um erro grave no Brasil. Tem-se certeza que o doutorado de pelo menos dois anos vai dar um resultado positivo. Ué, se você sabe que vai dar resultado positivo, o que foi avaliado, o que vale a experiência que você teve? Por exemplo, nos Estados Unidos, o *postdoct* vale mais do que o *doct*, porque no *postdoct* você faz alguma coisa sua, você não recebe informação do professor para fazer isso, você escolhe uma coisa e vai fazer. Se você for aprovado, torna-se cientista qualificado. Então, é diferente.

Outra coisa que eu achei fantástica foi a forma como na congregação se discutia os problemas do ensino. E aí, certa vez, uma aluna minha foi fazer um exame de qualificação em que um dos examinadores fez uma pergunta mais ou menos assim: "Poderia me dar o enunciado da primeira lei de Mendel?" Quero dizer, a pessoa está estudando o topo da genética e vai ser perguntada sobre o enunciado de uma lei que aprendeu no básico... E a moça respondeu, ela pediu um momento, e respondeu o suficiente, não diretamente como está no enunciado e como ele queria, mas isso a deixou muito nervosa. Acontece que eu assistia a todos os exames que eles faziam, já que tinha direito como titular e queria saber como era. Eu já tinha visto duas outras vezes que os examinadores faziam perguntas "inocentes" que atrapalhavam mais do que ajudavam. O aluno está querendo se expandir, e vem uma pergunta dessas de um conhecimento básico que nem chega a ser conhecimento básico, pois não chegava a ser uma explicação, era um enunciado.

Então, quando fizeram isso com a minha aluna, eu disse na congregação: "Gostaria de fazer um comentário a respeito do exame de qualificação que foi feito com uma aluna minha e tenho outras coisas para falar também sobre exames a que assisti". Expliquei como aconteceu no caso da minha aluna e contei sobre os outros casos. Os três professores responsáveis estavam na roda, e eu disse: "Isso não pode..." e nenhum dos três reagiu ofendido. Um deles até me disse: "Pavan, desculpe, concordo e não quero nem posso fazer isso aí". Os outros quiseram dar uma resposta, mas também aceitaram e continuaram meus amigos. Não reagiram brigando, e parece que as coisas mudaram porque estavam ruins mesmo. Isso eu achei formidável. Outra situação é que quando alguém pedia alguma coisa para a diretoria e era discutido no conselho, você podia dizer assim: "Isso aí que você está pedindo é de interesse do seu laboratório ou do departamento?" E o sujeito falava: "É de interesse do departamento, porque o meu laboratório pertence ao departamento" e eles respondiam: "Não, porque o departa-

mento tem um programa geral, um programa complexo e que é diferente do que você faz. Você pode até não estar ligado ao projeto geral do departamento, etc". E o sujeito brigava, xingava, mas continuava amigo do outro. Então, era um negócio assim...

**F:** Onde ficava patente a crença de que uma discussão em grupo é válida e que desentendimentos acontecem.

**P:** E são necessários até. Isso achei formidável e, mais do que isso, discutia-se sempre a qualidade do ensino. Todos os cursos eram avaliados depois de realizados, todo semestre havia uma avaliação.

**F:** Como um processo de aperfeiçoamento...

**P:** E de responsabilidade também, porque o professor não entra lá e diz o que ele quer, ele vai pensar bem.

**F:** Ele também está ali no processo de aprendizagem.

**P:** Que é o principal, quero dizer, se ele não está envolvido, há algo errado.

**F:** Era isso que se criticava com a cátedra aqui no Brasil, não é? Porque os catedráticos, muitas vezes, estacionavam.

**P:** É verdade. Certa vez, apliquei um exame na parte de biologia para um professor da odontologia que pretendia passar a titular. Então, ele chegou ao final, tinha sido aprovado, e disse assim: "Pavan, estou aqui, e agora não preciso fazer mais nada"; e eu disse: "Oh, seu bandido, agora é que você precisa fazer mais do que fazia antes; agora que você é titular tem uma responsabilidade; se você tivesse me dito isso, eu teria te reprovado só para você perder essa ideia".

**F:** Inclusive a proposição da educação continuada, que hoje está sendo mais considerada, representa um avanço não só para o ensino como também para a pesquisa.

**P:** Depois dos sete anos, combinei com eles que eu podia fazer um semestre lá. Depois que terminou o ano sabático que passei aqui no Brasil, eles

---

me chamaram para dar um curso lá. Mas, depois de três anos, achei que era demais ficar para lá e para cá.

**F:** O sabático foi o oitavo ano, ou seja, já era 1976 quando o senhor voltou para o Brasil. Como o senhor já evidenciou, suas atividades relacionadas ao ensino foram bem sucedidas. Lá, o senhor aperfeiçoou sua capacitação como professor. Seria interessante se o senhor falasse sobre a sua avaliação com relação ao avanço da sua pesquisa lá em Austin.

**P:** A verdade é que lá o trabalho era em dobro. Em Austin, eles tinham de 80 a 95 seminários por semana. Eu costumava frequentá-los, não só os relacionados ao meu departamento, mas eu ia a outros para saber como era.

**F:** Em todas as áreas?

**P:** Em várias áreas...

**F:** Inclusive as sociais?

**P:** Não, não saía da área das exatas. Eu ia a vários lugares para verificar e uma das coisas mais extraordinárias que eu encontrei - e que me animava muito - era a seriedade desses seminários, a frequência e o interesse.

**F:** A participação...

**P:** Sim, mas uma participação ativa. Faziam perguntas e surgiam discussões. Eu achava isso formidável. Outra coisa que eu aprendi em Oak Ridge: na hora do almoço, muita gente saía com um sanduíche e ia comer numa sala de aula. Aí, eu propus: "Então, vamos fazer uma coisa que o pessoal faz em Oak Ridge, vamos escolher um de nós para dar uma palestra ou convidar alguém de fora relacionado com a nossa área". Aí, eles decidiram que era melhor combinar com alguém de fora. O interessante era que a gente convidava professores de várias áreas.

**F:** Na hora do almoço...

**P:** E depois de um ano, isso se tornou um curso válido, com créditos. Era fantástico.

**F:** Muito interessante essa abertura para incorporar atividades...

**P:** Entre Oak Ridge e Austin, eu levei quatorze colegas do departamento para passar de um ano a um ano e meio patrocinado pelos Estados Unidos.

**F:** Do Departamento de Biologia da USP?

**P:** Sim. Vários deles foram convidados para ficarem por lá, mas nenhum ficou. Voltaram como eu também voltei depois.

**F:** Voltando ao seu trabalho de pesquisa, o senhor montou o laboratório e no início teve recursos polpudos de 657 mil dólares...

**P:** Bem, 657mil em 1968 era o equivalente, hoje, a uma bolada.

**F:** Como é que avançou a sua pesquisa? O senhor ficou só repetindo experiências daqui?

**P:** Não, também publiquei trabalhos em colaboração com outros colegas de lá.

**F:** E a sua relação com a Columbia continuou mais intensa nesse período?

**P:** Não. O Dobzansky já tinha saído e ido para a Califórnia.

**F:** Mas o senhor manteve contato com ele?

**P:** Sim, todo encontro.

**F:** Quando o senhor foi para Oak Ridge, ele já tinha falecido?

**P:** Não, nessa época houve aquela semana que passei em Nova Iorque. Eu passava a hora do almoço e do jantar com ele. Nós éramos muito ligados, ele era como um pai pra mim.

**F:** Quer dizer que foi um período também que o senhor publicou muito?

---

**P:** Sim, foi ótimo. Mais do que isso, porque foi algo interdisciplinar. Quero dizer, não era só fazer o que eu fazia ou coisa parecida; não, um colega fazia um complemento do que eu fazia e fazíamos uma coisa juntos e publicávamos.

**F:** De lá mesmo da universidade?

**P:** Dos dois laboratórios.

**F:** Além dos assistentes de pesquisa, havia algum técnico trabalhando com o senhor?

**P:** Havia o técnico que cuidava da cultura dos bichos, mas técnico de fazer experimentos, não, era o pesquisador mesmo que tinha de fazer.

**F:** Nesse período que o senhor esteve mais afastado, o senhor mantinha contato estreito com a USP, não é?

**P:** Mantinha sempre. Vira e mexe, sempre que alguém viajava, passava por lá para me ver, tanto em Austin quanto em Oak Ridge.

**F:** E houve a ida dos quatorze pesquisadores que o senhor também viabilizou.

**P:** Foi, e o pessoal também adorou.

**F:** Os cientistas brasileiros surpreendem. Hoje, sei, por exemplo, que na França eles são muito prestigiados pela criatividade, pela seriedade, uma coisa que talvez não seja bem difundida aqui. E nessa época, eu imagino que era ainda mais surpreendente, sobretudo para os americanos.

**P:** Foi formidável, os cientistas eram muito bem tratados. Depois disso, na época em que a Fundação Rockefeller dava bolsa quando eu estava lá, eu procurava em várias universidades por brasileiros para saber o que estavam fazendo.

**F:** Eles iam para um curso de pós-doutorado?



**P:** Não, eles já tinham feito pós-doutorado aqui e faziam estágios específicos em áreas de interesse.

**F:** Eram só da USP ou de outras partes do Brasil também?

**P:** Só da USP.

**F:** O senhor já tinha sido presidente da Sociedade Brasileira de Genética e acredito que a essas alturas o senhor tinha relações com todo o Brasil?

**P:** É, eu já tinha feito esse trabalho do Programa Integrado de Genética do qual fui coordenador durante muito tempo, mas...

**F:** Mas, na verdade, a massa crítica da genética estava localizada no estado de São Paulo.

**P:** Não, mais do que isso, eu queria desenvolver o meu grupo, porque isso aí era caro para eles; então, tendo tudo pago, eu procurava levar o pessoal do laboratório e tinha outros mais, só que eu não pude levar.

**F:** Eles continuavam também a linha de pesquisa que o senhor desenvolvia.

**P:** Nessa época, havia uma integração de todos, fazia-se coisas muito parecidas e coisas complementares. Agora, está tudo mudado lá e cada um faz uma coisa que considera ser especial para si e não quer saber do outro, para evitar ciúmeira e coisas parecidas.

**F:** Nesse período que o senhor esteve em Austin, quem é que ficou como chefe de departamento? Foi o Brito?

**P:** Sim, o Brito da Cunha.

**F:** O senhor se lembra dos nomes de alguns desses colegas que o senhor convidou para fazer estágios?

---

**P:** Eu me lembro bem que era o pessoal do meu laboratório aqui da USP. Acho que um dos primeiros foi o Renato Basílio, depois o André Luiz Peron-dini, entre outros.

**F:** Essas pessoas todas foram e voltaram para o laboratório?

**P:** Se tivessem vontade, vários poderiam ter ficado por lá durante mais tempo, mas voltaram.

**F:** Agora, o senhor estava em uma situação bastante confortável lá nos Estados Unidos. O senhor tinha muitas facilidades para a pesquisa, relatou experiências com ensino e avaliação, estava satisfeito com seus alunos, já tinha conquistado um espaço ali. Quais motivos o senhor encontrou para voltar ao Brasil?

**P:** Nós, minha família e eu, gostávamos muito dos Estados Unidos e, sem dúvida, não tinha ninguém que falasse: “Não fique aqui”. Eu tinha muitos amigos e era tratado com excepcional cordialidade na universidade; eu tinha todas as regalias e fiz muitas coisas na congregação da universidade; minhas sugestões foram muito bem recebidas, e depois que ganhei aquele prêmio, me deram uma classe de seiscentas pessoas e foi formidável. Porém, na realidade, eu me considerava um funcionário da USP. A USP sempre facilitou minha vida; sempre que eu não estava na Europa ou nos Estados Unidos, eu recebia por lá. Toda vez que eu chegava ao Brasil, mesmo que fosse por alguns dias, eu podia entrar no quadro da USP e receber, mas isso eu não fazia. Toda vez que eu voltava, meu emprego estava aberto e eu retomava. Achei que eu podia fazer muito mais pelo Brasil aqui do que lá. A USP me ajudou tanto, eu achava que não seria justo.

**F:** Fora a sua carreira como cientista, o senhor tinha esse compromisso político. Havia algo de idealismo também nessa sua volta, porque imagino que o senhor pensava muito no Brasil quando estava lá, não é?

**P:** Ah, isso aí sem dúvida nenhuma. Eu achava que no Brasil eu podia fazer menos para mim, mas muito mais para o país do que lá. Lá eu tinha vantagens, quero dizer, eu ganhava duas vezes e meia a mais do que aqui e tinha todas as regalias, podia viajar, podia fazer tudo. Mas, eu preferi consertar as coisas e vir para cá.

**F:** E sua situação de vitaliciedade lá na Universidade do Texas? Com essa sua decisão, foi mantida?

**P:** Não, rompi meu contrato. Pagaram-me o correspondente ao tempo que eu fiquei lá e tudo se resolveu, não houve problema algum.

**F:** Os filhos também não pressionaram a volta do casal? Eles estavam sozinhos.

**P:** Para eles isso era um paraíso, corria até o perigo de quererem que eu ficasse lá. Minha mulher até insistiu que a gente podia ficar mais e tal, mas eu tinha decidido voltar.

**F:** Aí, o senhor regressa para o Brasil em 1978, não é isso?

**P:** Não, eu regressei em 1975 para usar o sabático e depois, de 1976 a 1978, eu passei um semestre por ano nos Estados Unidos dando aula e o outro semestre no Brasil, mas as férias, eu passava no Brasil.

**F:** Certo, mas a volta definitiva foi em 1978, não foi?

**P:** Sim, foi em 1978.

**F:** Ao voltar, que atividades de maior destaque o senhor desenvolveu no Brasil? O senhor dá continuidade à sua pesquisa, o grupo já era um grupo consolidado, com muita gente já treinada inclusive lá, não é?

**P:** Isso. Nessa época, eu tinha bastante contato com o Sérgio Mascarenhas da Universidade de São Carlos, e ele fez um movimento de criar a Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Tivemos uma série de reuniões que foram muito importantes para estabelecer o que iríamos fazer no futuro. Nesse caso também, mais uma vez, eu fui o sortudo, e me deram a primeira presidência da Academia de Ciências do Estado de São Paulo.

**F:** Isso foi logo em 1978?

**P:** Não, foi depois.

**F:** O Sérgio Mascarenhas também era biólogo?

---

**P:** Não, engenheiro físico, e foi um dos principais fundadores do laboratório de Física. Ele era do Rio de Janeiro, é um caso parecido com o do Frota Pessoa. O Frota Pessoa saiu do Rio de Janeiro e veio para São Paulo; o Sérgio Mascarenhas saiu do Rio de Janeiro e vai para São Carlos, de maneira que essas pessoas representam para mim um idealismo fantástico, porque largar o Rio de Janeiro por São Carlos é duro... Mas ele teve grande sucesso e continua até hoje.

**F:** Então, o senhor se tornou o primeiro presidente. Por que a idéia de fundar uma academia em São Paulo? O senhor também já participava da Academia Brasileira de Ciências, não é?

**P:** Exato. A questão da Academia de Ciências do Estado de São Paulo é que seria uma forma de incentivar um desenvolvimento maior ainda aqui, porque isso integraria o pessoal de São Paulo que, sem dúvida nenhuma, era o maior grupo de pesquisadores no Brasil. O sentido disso é sempre defender a classe e, mais do que isso, incentivar o governo federal a nos dar mais dinheiro para pesquisa, já que nenhum governo se destacou por ter dado ao Brasil o que ele precisava para ciência e tecnologia. Sempre deu recursos, mas sempre muito menos do que deveria ou do que gostaríamos e do que seria importante para o futuro do país. Nós não estávamos pedindo aumento de vencimentos. Estávamos pedindo aumento de recursos para fazer pesquisa e para realmente elevar o nível científico e tecnológico do país, que tinha um sentido muito importante para o progresso.

**F:** Certo. Nessa época, a FAPESP já estava em pleno funcionamento, não é? O senhor se ligou à FAPESP ou a alguma atividade da FAPESP quando voltou?

**P:** Primeiro eu fiquei como presidente da SBPC.

#### ***A presidência da SBPC e do Conselho Técnico-Científico da FAPESP***

**F:** Então, o primeiro cargo que o senhor assumiu, depois de voltar, foi na SBPC.

**P:** Não logo depois, mas alguns anos depois que eu cheguei, fui presidente da SBPC.

**F:** Como ocorreu a sua chegada à presidência da SBPC?

**P:** Bom, eu já tinha sido vice-presidente e me dava muito bem com a diretoria, sempre tive muito contato...

**F:** Quando é que o senhor foi vice-presidente?

**P:** Foram várias vezes, inclusive na época dos militares.

**F:** Foi antes de ir para os Estados Unidos?

**P:** Antes e depois também, logo que eu cheguei. Mas o ponto importante é que na década de 1980 eu fui presidente da SBPC e em 1982 ou 1983 eu fui indicado para presidente do Conselho Técnico-Científico da FAPESP.

**F:** O senhor nesse período era presidente também da SBPC?

**P:** Sim, presidente da SBPC. A situação era a seguinte: a FAPESP estava realmente falida. O problema era que a FAPESP, por lei, tinha um recurso que correspondia a 0,5 % do orçamento do Estado, mas esse 0,5 % só foi recebido na época do Carvalho Pinto. Vários governos faziam de tudo para complicar a história porque foi uma fase muito dura no Brasil, uma grande inflação. Um dos governos só dava a porcentagem devida para a FAPESP depois de o Tribunal de Contas fazer o julgamento do orçamento do Estado. Isso levava um ano ou um ano e meio para acontecer. Outros governadores só davam depois da aprovação, o que demorava de um ano a um ano e meio, e eles não corrigiam a inflação. Com isso, a FAPESP chegou a receber 0,1 %, quer dizer, 20 % do que tinha direito. A FAPESP ficou numa situação em que não havia recursos até para manter o prédio em que funcionava. Então, um dos professores da USP, o economista José Pastore, sugeriu, como algo emergencial, que se colocasse um bilhão de cruzeiros no banco para render juros e a FAPESP pegaria o que precisasse para sobreviver. Naquele momento, a situação ficou muito complicada, porque o que o governo entregava não dava para continuar.

**F:** Mas essa proposição do Pastore foi efetivada?

**P:** Foi.

---

**F:** E quem foi que fez esse depósito de um bilhão? Foi o Estado?

**P:** Não. Foi a FAPESP, desde que foi criada seguiu as regras dos ingleses que acham que além do recurso normal tem de ter um patrimônio para exatamente compensar no caso dessas crises. Por exemplo, se um governo falhasse, teria esse recurso.

**F:** Então, esse um bilhão foi tirado do...

**P:** Do patrimônio da FAPESP e colocado no banco.

**F:** Quer dizer, parte dos recursos que ela tinha foi colocado no banco. Quem era o presidente da FAPESP nesse período?

**P:** Lembro que o Hélio Guerra era presidente do Conselho Superior e era também reitor da USP.

**F:** O Conselho Técnico-Científico era muito importante, dentro da dinâmica do trabalho desenvolvido pela FAPESP?

**P:** Eram três pessoas, uma cuidava do administrativo, outra era o diretor científico e outra, o presidente. Então, eu, como presidente do Conselho Técnico-Científico, perguntei: "O que está acontecendo?". Eles me mostraram os relatórios e identificamos que nunca havíamos recebido 0,5 % desde o governo Carvalho Pinto. Então, houve anos, como eu disse, que só se recebeu 0,1 %. Fui então ao Conselho Superior da FAPESP, informei que a situação era muito ruim e que eu ia montar uma campanha para sanar essa situação. Aí, no próprio conselho, recebi a seguinte dica de alguns conselheiros: "Você precisa tomar muito cuidado, porque a situação é muito mais grave do que você está colocando. A FAPESP é a única fundação estadual no Brasil inteiro que depende do governo do estado por lei. Como é a única e tem muita gente que não gosta, a gente pode perder tudo". Então eu disse: "Eu vou assumir a responsabilidade disso". Eu era presidente da SBPC e achava que tinha muita força. Daí, o próprio Hélio Guerra falou para eu ficar responsável por isso. Eu topei e fui conversar com o governador Montoro.

**F:** O senhor já o conhecia?

**P:** Sim, desde o tempo em que meus filhos estavam na escola e estudaram com os filhos dele no Santa Cruz. Então, nós nos dávamos bem, ele me dava bastante atenção.

**F:** Ele já era político naquela época?

**P:** Sim, ele sempre foi bem político. Daí, ele me disse: "Pavan, eu gostaria de ajudar, mas você precisa convencer dois dos meus secretários, o Serra, (do planejamento) e o Saad (das finanças)". Eu fui conversar com os dois e não recebi nenhuma esperança, apenas disseram que iam pensar.

**F:** O que exatamente o senhor propôs?

**P:** Que pagassem o 0,5 % real e não o que eles davam, mas não consegui o apoio. Fui, então, conversar com o vice-governador, na época, o Orestes Quércia, e ele disse que era para eu conversar com o Aluísio Nunes, deputado estadual. Daí, ao conversar com o Aluísio, ele foi formidável e propôs uma porção de coisas. Durante algum tempo, eu consegui levar para a Câmara dos Deputados, em duas reuniões, 300 pesquisadores e professores. Isso, na Assembléia Legislativa, porque, dentre outras coisas, queríamos aproveitar a situação não só para resolver o problema da FAPESP, como também para resolver o problema dos institutos de pesquisa estaduais que estavam recebendo pouquíssimos recursos. Resolveu-se o problema da FAPESP, mas para os institutos estaduais melhorou um pouco, mas não foi o que gostaríamos. Então, nesse caso, nós conseguimos que fosse estabelecida por lei, a cota que a FAPESP tinha de receber. Eu não sei como tinha sido feito antes, mas não estava na Lei. Nessa ocasião, o Fernando Lessa veio conversar comigo e disse que tinha uma sugestão melhor: que esse recurso da FAPESP fosse pago em duodécimos e no ano em que estava sendo devido. Tudo com a seguinte condição: se pagasse menos nos primeiros meses, poderia pagar mais nos últimos meses e se pagasse mais nos primeiros meses, pagaria menos nos últimos. Isso aí foi aprovado e foi um sucesso extraordinário porque a FAPESP...

**F:** Passou a receber seus recursos com regularidade.

**P:** Não só isso, sem a defasagem do valor. Daí eu pergunto para o diretor administrativo: "Como vai o negócio do bilhão que está no banco?" Porque

---

aí podia tirar. Ele chegou e disse: “Eles pagam 6 %”, e eu digo :“6 %? Quem é que está mamando nesse negócio?” E ele respondeu: “O problema não é aqui não, é lá no banco mesmo”. Era um banco do estado que fazia ameaças. Se não deixasse o bilhão lá, eles não davam o dinheiro na época certa, a contribuição que era devida. Então, eu disse: “Espera um pouquinho, mas por que 6 %?” Ele disse: “Porque é o único que eles nos dão”. Daí, eu fui novamente para o Conselho e lá isso foi discutido de novo. Estava ainda no meio da discussão da primeira parte de regularizar a situação, quando fiz o comentário, e o Hélio Guerra, que era o reitor, disse para eu consultar o Stephan Kanitz da Faculdade de Economia e Administração da USP. Eu conversei com o Kanitz, e ele foi extraordinário porque, sem cobrar nada, colaborou com a gente e conseguiu vários bancos que pagassem 28 %. Teve um banco no Nordeste que se propôs a pagar 35%, mas como esses 35 % eram um risco...

**F:** 35% por mês?

**P:** Agora eu não sei. Porque eu não sei como era a legislação na época. Devia ser por mês mesmo. Então, nós desistimos do banco do Nordeste para não correr o risco. Ainda tinha o Citibank, o Bank of Boston, o Itaú... Cinco bancos dos mais qualificados e que davam até 28,5 %. Eu, então, falei para o diretor administrativo: “Telefone para o banco, diga que nós queremos retirar o dinheiro no fim do mês e se perguntarem o porque, diga que temos ofertas de bancos que nos pagariam até 28,8 %” – mentira, era 28,5 %. Sabe qual foi a resposta do banco?

**F:** Qual?

**P:** “Nós pagamos também”. Concebe um negócio desse? E com isso a FAPESP recebeu quatro vezes o que vinha recebendo.

**F:** Esse um bilhão foi depositado paulatinamente?

**P:** Não, foi direto. Quando abriram a FAPESP, além da promessa de um recurso anual, eles deram também um patrimônio. Então, o patrimônio era exatamente para isso, para o caso de haver alguma dificuldade financeira.

**F:** Esse bilhão foi decorrente, então, de vendas desse patrimônio?



**P:** Na verdade não sei como é que foi. Mas o patrimônio era exatamente para prevenir contra a possibilidade de qualquer problema no banco ou no governo e possíveis dificuldades que pudessem ocorrer.

**F:** Não foi nessa época que, por proposição do deputado Aluísio Nunes, aumentou-se o percentual de recursos para a FAPESP?

**P:** Não, foi depois. Mas, para concluir essa história da FAPESP: depois do que fiz, embora eu me desse muito bem com o Montoro, fui substituído.

**F:** Foi a sua primeira experiência como gestor público.

**P:** Não sei se eu era gestor público, mas de qualquer maneira foi...

**F:** Mas era um cargo executivo importante dentro da FAPESP?

**P:** Era importante, sim, e foi de onde saiu a resolução do problema.

**F:** Foi a primeira vez que o senhor trabalhou em uma agência voltada para o apoio do desenvolvimento científico. Porque, antes, o senhor tinha apenas experiência acadêmica, muito de pesquisador, não é?

**P:** É, não tinha nenhuma experiência desse tipo.

**F:** Uma experiência administrativa mesmo, onde o senhor entrou de cabeça na política.

**P:** É, e felizmente com sucesso.

**F:** Foi, talvez, muito importante para a sua experiência posterior no CNPq, pois já tinha acumulado algum aprendizado. O senhor não estava mais só lidando com seus pares, estava lidando com políticos também, com o jogo político.

**P:** É. Aí, nessa campanha, quem me ajudou muito foi o João Alexandre Viegas...

**F:** Era deputado também?



---

**P:** Ele foi candidato a deputado, mas não entrou. Nós até publicamos um livro juntos.

**F:** De que forma o João Alexandre Viegas ajudou nessa sua gestão?

**P:** Ele estava envolvido na política e me informava qual era o caminho que eu tinha de tomar e com quem devia conversar.

**F:** De onde o senhor o conhecia?

**P:** Ele foi aluno da USP.

**F:** Da Biologia?

**P:** Não, da História. Nós fazíamos parte de um grupo de engenheiros e de outras pessoas; nós fazíamos política “por baixo do pano”.

**F:** Dentro da USP?

**P:** Não, no estado. Eu falei do estado, mas na realidade no Brasil também, porque a gente interferia.

**F:** Como é a história desse grupo? Como é que se formou?

**P:** É um grupo que se reunia, também, aqui em casa.

**F:** Tinha alguma filiação partidária?

**P:** Não. Óbvio que tinha algum vínculo partidário, mas da esquerda.

**F:** Nenhum dos participantes era filiado a algum partido, eram todos independentes?

**P:** O João Alexandre, que citei agora há pouco, foi candidato a deputado.

**F:** Isso é muito interessante. Foi depois que o senhor voltou dos Estados Unidos?

**P:** Sim.

**F:** Quem foi que teve a iniciativa de formar esse grupo?

**P:** Quando entrei, já existia o grupo, mas não estava muito ativo. Era mais um grupo de colegas.

**F:** Da USP.

**P:** Gozado que era também da USP, sim, mas...

**F:** Tinha membros de outras instituições.

**P:** Mais do Clube dos Engenheiros. O João Alexandre me levou para lá e a coisa funcionava muito bem; dentre outras coisas, nós defendíamos o Ulisses Guimarães.

**F:** Como era a organização desse grupo? Como era a dinâmica? Tinha reuniões semanais?

**P:** Na realidade, havia reuniões todos os dias. A gente se encontrava e batia um papo sobre algum assunto específico. Não era um grupo organizado; era um grupo meio caótico, mas muito funcional.

**F:** Vocês comungavam de análises...

**P:** Do mesmo idealismo.

**F:** Era um grupo de resistência à ditadura?

**P:** Não era bem contra a ditadura, era contra o governo militar.

**F:** Eram discutidas ações que poderiam ser desenvolvidas?

**P:** Sim, e defendíamos coisas, por exemplo, essas 300 pessoas que nós levamos para a Assembléia Legislativa, era uma ação pensada por esse grupo, que convocava as pessoas e levava para lá. Era um negócio bem organizado, mas não era assim com um presidente etc.

---

**F:** Onde é que ocorriam as reuniões?

**P:** A minha casa era um dos lugares.

**F:** Reuniam-se na USP também?

**P:** Não, só nas casas.

**F:** No Clube dos Engenheiros?

**P:** No Clube dos Engenheiros também.

**F:** Havia palestras?

**P:** Sim.

**F:** Debates em torno de algumas questões?

**P:** Sim, mas não do nosso grupo. Isso quem fazia era o Clube dos Engenheiros. Bom, o grupo incentivava e nós fazíamos por meio do Clube dos Engenheiros, que teve um papel muito importante.

**F:** Por que o senhor foi chamado para participar desse grupo?

**P:** Porque eu era da SBPC.

**F:** O senhor era uma liderança, não é?

**P:** A gente ia e fazia um "carnaval" gostoso. O que eu achava formidável era que nós não estávamos defendendo nada para nós, mas para a Pátria. Era muito, muito bom e funcionou, deu certo para várias coisas.

**F:** Como é que o senhor chegou a ser nomeado presidente do Conselho Técnico - Administrativo da FAPESP? Houve algum trabalho político desse grupo?

**P:** Mais ou menos. Foi principalmente o João Alexandre, porque ele é que foi...

**F:** O articulador político.

**P:** Sim, o articulador. Pelo menos era quem me levava para essas “coisas” todas. Chegamos a escrever um livro juntos.

**F:** Quanto tempo o senhor ficou na FAPESP?

**P:** Três anos.

**F:** E o senhor foi destituído pelo próprio Montoro ou foi em outra gestão?

**P:** Não, foi o Montoro. Fui substituído pelo Alberto Carvalho da Silva. Agora, outra coisa que quero falar. Durante esse esforço que fizemos para regularizar a situação dos repasses à FAPESP, houve um movimento geral, não só em São Paulo, mas em outros estados, para que fossem criadas fundações de amparo à pesquisa.

**F:** Creio que, nessa época já havia, por exemplo, a Faperj, no Rio, e a Fapergs, no Rio Grande do Sul. O senhor, com essa experiência na FAPESP e estando à frente da SBPC, deve ter feito algum movimento a favor da criação de outras fundações.

**P:** Nós fizemos. Mas eu não me lembro exatamente de onde partiu esse movimento. Foi uma fase muito gostosa. Inclusive, recebi em minha casa, duas vezes, o Fleury, aquele que mais tarde substituiu o Quércia no governo de São Paulo.

**F:** Essas reuniões contavam com um número muito expressivo de pessoas?

**P:** Quando o grupo se reunia, enchia a casa. Éramos aproximadamente quinze pessoas.

**F:** Então, o senhor acredita que essa ideia de incentivar a fundação de instituições como a FAPESP nos estados partiu também desse grupo?

**P:** Não. Nós estávamos envolvidos, mas não era a nossa ação principal.

**F:** Ciência e Tecnologia era uma área que o grupo discutia. A importância da ciência...

---

**P:** Sim, exato. Por exemplo, hoje, quando você chegou aqui, uma repórter chamada Marta me ligou querendo me entrevistar com relação ao grupo dos engenheiros. Faz parte do mesmo movimento que nós temos agora. Eu vou usar até o seu livro como referência. Porque o que eles querem é verificar o desenvolvimento de situações que produzam alguma coisa de ciência aplicada.

**F:** O senhor vai falar da questão da concentração. Desse cenário que analiso no meu livro, não é?

**P:** Exatamente.

**F:** Então, o senhor foi presidente da SBPC até que ano?

**P:** A gestão da SBPC era de dois anos. Então, foi na minha terceira gestão que eu interrompi quase no meio para assumir a presidência do CNPq, em 1986.

**F:** Durante esse período que o senhor esteve na FAPESP, na SBPC, o senhor continuou dando aula e trabalhando na sua pesquisa? Ou essas atividades absorviam todo o seu tempo?

**P:** Enquanto eu estive no CNPq, praticamente parei de fazer essas coisas.

**F:** Mas na SBPC e na FAPESP não.

**P:** Nesse caso, eu continuava no laboratório. Eu trabalhava à noite, mas nunca me preocupei por estar trabalhando demais. Houve um tempo em que eu ficava de manhã, de tarde e de noite e minha mulher dizia: "Ei, você está exagerando, hein?". Mas ela concordava e eu dava um tempo para ela no meio do caminho.

### ***A presidência do CNPq***

**F:** Então, vamos chegando agora, finalmente, ao CNPq. Era 1986, Nova República, e o CNPq, em 1985, deixara de ser cabeça do sistema de ciência e tecnologia quando foi criado o MCT. O primeiro presidente do CNPq foi o Roberto Santos, que fez uma gestão de um ano e a quem o senhor subs-

tituiu. Como foi que aconteceu esse convite para assumir a presidência do CNPq?

**P:** Nós fazíamos campanha, dentre outros, para o Ulisses Guimarães.

**F:** Ele fazia parte daquele grupo? Participou de alguma reunião desse grupo?

**P:** Não, ele apoiava, sabia da existência do grupo e até incentivava o que a gente fazia.

**F:** Mas o senhor o conhecia.

**P:** Dava-me muito bem com ele, esteve até na minha casa. Agora, com relação ao Renato Archer, que foi o primeiro ministro de Ciência e Tecnologia, não estou lembrado agora do tipo de contato que tinha antes de ele ser ministro, mas eu o conhecia antes. Tenho que lembrar com o João Alexandre qual era o grupo em que tínhamos contato com ele. De todo modo, eu frequentava muito Brasília.

**F:** Porque nesse momento o senhor era presidente da SBPC.

**P:** Exato. Nós apoiávamos o grupo do Renato Archer.

**F:** Qual o fator mais importante para sua indicação para a presidência do CNPq? O senhor acha que foi por conta da SBPC, ou por conta desse grupo político?

**P:** Foi pelos dois, mas o fato era que o Renato Archer era do grupo, era apoiado totalmente pelo grupo. Na realidade foi ele que me convidou.

**F:** O Luciano Coutinho, secretário executivo do ministério, também era próximo do seu grupo?

**P:** Não. O Luciano Coutinho apoiava porque era muito amigo do Renato Archer. Nos dávamos muito bem, apoiávamos ele também. Mas creio que o principal fator tenha sido esse grupo do Clube de Engenharia que apoiava também o Renato Archer.

---

**F:** O fato de o senhor ser um representante muito destacado da comunidade científica não contribuiu também para a sua indicação?

**P:** Não sei dizer.

**F:** O senhor acha que a repercussão do seu trabalho junto à FAPESP também foi importante?

**P:** Sem dúvida nenhuma. Eu tirei a FAPESP da falência, e seu orçamento quadruplicou com a reforma que foi proposta pelo Fernando Lessa. Ele entrou depois de tudo estar preparado, mas ele introduziu mais um detalhe que foi extraordinário: os dez duodécimos.

**F:** O Fernando Lessa era político também?

**P:** Era deputado e trabalhava junto com o Aluísio no PMDB.

**F:** O professor Roberto Santos estava no CNPq por pouco tempo quando saiu.

**P:** Não sei o que ocorreu, nosso grupo não teve nada a ver com isso. Eu me dava muito bem com o Roberto Santos e conhecia o pai dele também.

**F:** O Edgar era...

**P:** Reitor da Universidade da Bahia. Não houve nada contra. Eu não sei o que aconteceu. Enfim, o Roberto Santos não era da panela que estava em atividade.

**F:** Mas o senhor foi pego de surpresa com esse convite?

**P:** Até que fui.

**F:** Será que daria para detalhar mais um pouco como foi esse processo? O senhor assumiu de imediato ou se preparou antes de assumir?

**P:** Não, fui convidado e peguei de imediato.



**F:** O senhor sabia que teria que se mudar para Brasília?

**P:** Eu não tinha nada planejado. Foi uma surpresa terem me convidado e provavelmente o João Alexandre deve ter sido um dos principais agentes. Ele estava muito envolvido com o pessoal da política e com o Renato Archer.

**F:** O senhor é convidado em 1986 e aceita de imediato. O senhor pensou nos seus diretores, ou foram indicados pelo Ministro Archer?

**P:** Indiquei um dos diretores, o que tratava de dinheiro, que até me causou problemas depois. O nome dele era Adrian Ricardo Levinson. Ele era parte do nosso grupo, era um dos líderes lá.

**F:** A gestão do Ministro Archer não durou muito depois da sua chegada ao CNPq.

**P:** É, ele deve ter ficado menos de um ano, eu acho. Aliás, é uma coisa que eu quero destacar: passei por cinco ministros, o Luiz Henrique, o Roberto Cardoso Alves, o Robertão, o Ralph Biasi e o Décio Zagottis que era meu amigo também.

**F:** Antes de chegar nessa turbulência toda que houve, o senhor poderia dizer se foi defensor da criação do Ministério de Ciência e Tecnologia?

**P:** Sim, era parte das reivindicações do nosso grupo.

**F:** A SBPC também se posicionava favorável?

**P:** Sim, mas o problema era que o presidente do CNPq tinha status de ministro. Por exemplo, eu, quando fui presidente do CNPq, embora existisse o MCT, tinha status de ministro. Eu recebia todos os convites dos ministros para as sessões de chegada do presidente, de políticos, etc. Então, eles mantiveram isso comigo o tempo todo.

**F:** É, porque o CNPq, na verdade, tinha sido a cabeça do sistema, com atribuição inclusive de formular a política de ciência e tecnologia.

---

**P:** O divertido da história foi quando foi criado o museu de tecnologia, o MCT tinha bem menos verba do que o CNPq.

**F:** Pois é, como esse período em que o senhor assumiu a presidência do CNPq representava um período de transição, o senhor deve ter percebido a necessidade de muitos ajustes.

**P:** Exato.

**F:** Só para complementar: o CNPq era uma instituição sólida responsável pelo fomento, pela política de C&T, de repente volta a ser uma agência sem as atribuições anteriores; além do mais houve um esvaziamento da casa, pois boa parte do seu corpo técnico foi requisitado pelo MCT, o que gerou resistências. O senhor deve ter muita história para contar sobre esse período.

**P:** Certo. Durante a gestão do Archer, tudo funcionou maravilhosamente bem. Inclusive ele me disse: "Pavan, eu não vou fazer um grupo grande, aqui no Ministério, com pessoal da cooperação internacional, porque vocês já têm lá no CNPq". Eu disse: "Ministro, não sou só eu que tenho não, o senhor também tem, é mais seu do que meu".

**F:** A ideia era se ter um ministério enxuto e mais voltado para a política, não é?

**P:** Exato, mas os outros ministros que chegaram depois queriam tudo, não queriam deixar nada para o CNPq. Mas eu aguentei bem e até briguei com três deles como, por exemplo, o Biasi. Vou até contar uns detalhes divertidos. Biasi estava numa reunião do Conselho, quando ele pegou o telefone, na sala onde nos encontrávamos, e começou a conversar com alguém: "Não, pode deixar que isso aqui é minha responsabilidade". Daí, ele chegou e disse: "Esse aí é o presidente da FINEP e eu precisei dizer a ele que quem manda lá sou eu..." Aí, eu disse a ele: "Biasi, eu preciso conversar com você depois dessa reunião". Ele nem me deu atenção, mas depois da reunião eu fui conversar com ele, e disse: "Você sabe o que você fez aí? O presidente da FINEP é irmão do Reinaldo Guimarães que é do núcleo da revista Ciência Hoje". E continuei: "Se ele estivesse na sua frente, você poderia fazer esse comentário, mas ele estando ao telefone e você usar as expressões que usou

contra ele, está errado. Ele foi indicado pelo Renato Archer, então você deve respeitar não só a ele, como aquele que o indicou...". Ele respondeu: "Pode deixar, que o seu dia chegará" e aí eu falei: "E faça direito, se não, eu mando te castrar, hein?". E foi uma briga assim, ele ficou louco da vida comigo, mas passou. Depois, nunca mais ele fez nada demais, tudo foi muito avisado e corrigido.

**F:** Então, havia mais entendimento durante a gestão do Archer? Não ocorriam discussões para definir atribuições, o que deveria permanecer?

**P:** Nós tínhamos apoio total do Ulisses Guimarães; eu combinava com o pessoal da SBPC e ia conversar com as lideranças dos partidos. O Ulisses me dizia como é que eu podia agir lá dentro e quem eram aquelas pessoas que eu precisa explicar, ou pelo menos, badalar... E eram, principalmente, os líderes de partido. Aí, levava a diretoria da SBPC e íamos conversar com os líderes dos partidos e dizia: "Nós estamos aqui não como políticos partidários, a nossa política é científica para o bem do país, de maneira que estamos pedindo isso, aquilo etc".

**F:** Quer dizer que a sua primeira preocupação quando chegou foi conseguir mais recursos, diretamente e não via Ministério de Ciência e Tecnologia?

**P:** Exato, perdi praticamente o semestre inteiro indo badalar os políticos. Havia bolsa de doutorado e bolsa de mestrado, cada uma com um determinado valor; os políticos pretendiam dar cada vez menos, enquanto eu queria cada vez mais. Então, fomos conversar com as lideranças, e eu usava esse argumento: "Nós não estamos fazendo política partidária, estamos fazendo política nacional, para o bem do país". Com isso, conseguimos estabelecer por lei o número de bolsas e o valor das bolsas. Quanto ao número de bolsas, quando cheguei, eram 13 mil bolsas no país e 3.900 no exterior. Nos três primeiros anos que eu estive no CNPq, demos mais bolsas no país do que nos 30 anos anteriores à minha gestão no CNPq.

**F:** Essa sua orientação para angariar mais recursos foi sem dúvida exitosa.

**P:** Muito exitosa, por conta, inclusive, dos conselhos do Ulisses Guimarães.

**F:** Então, professor, o seu primeiro empenho como presidente do CNPq foi o de ampliar os recursos. Poderia comentar sobre a sua chegada ao CNPq?

---

Como é que o senhor se relacionou com o corpo técnico? Como era a questão da estrutura? O senhor resolveu modificar alguma coisa? Enfim, todo esse processo que normalmente não é abordado.

**P:** O problema era organizar o CNPq depois da criação do Ministério. Mesmo antes de ser convidado para ser presidente do CNPq, eu já fazia parte desse processo de organização porque participava de um grupo que estava pensando sobre o assunto. O receio que tínhamos é que o CNPq podia perder as vantagens que tinha antes. Na verdade, nosso grupo, que contava inclusive com a participação de Gilberto Velho e Reinaldo Guimarães, estava querendo estabelecer uma nova estrutura. Mas o mais importante que fizemos foi primeiro organizar o Conselho Deliberativo. A SBPC ajudou nesse processo propondo os nomes para esse Conselho.

**F:** É, depois da reforma de 1975, o Conselho Deliberativo tinha sido extinto e substituído pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, o CCT. Como foi a sua aproximação com o corpo técnico do CNPq?

**P:** A informação que eu recebia de amigos e do pessoal com quem tinha contato era que os funcionários tinham mil defeitos. É aquela velha estória: existe meia dúzia de sujeitos que cometem alguma desonestidade, ou uma malandragem qualquer, e que passa a caracterizar os outros... Por exemplo, havia o problema do controle de ponto. Havia muita gente que assinava o ponto e ia brincar lá fora. Nesse sentido, eu recebi informação de que o negócio não estava bom. Coloquei na cabeça do pessoal da diretoria que iríamos aprovar a existência da ASCON como um controle contra nós. Eu disse: "Olha, vocês fazem a sua parte, nós fazemos a nossa". Eu tinha até umas desavenças artificiais, mas dava total apoio, sem facilidade. Quero dizer, então, eu queria que a diretoria fosse fiscalizada, pelo menos, para evitar qualquer panela. Dizia que não íamos aprovar tudo, íamos discutir, como eu exigia que eles também nos pedissem o que quisessem, mas de uma forma que pudesse discutir não como inimigos, como amigos, mas também como classes separadas, para que houvesse espaço para trabalhar. E funcionou muito bem. Eu me dava muito bem com o presidente e brigávamos e xingávamos. Eu não quis fazer panela com eles, algo como "Eu te dou isso, você me dá aquilo", não. Eu estava fazendo uma separação totalmente artificial. O que eu não queria fazer era facilitar as coisas porque uma panela entre amigos é pior. Então, eu fazia questão de manter a separação e

dizia: "Vocês fazem o que tiverem que fazer, e nós vamos analisar friamente se vale a pena ou se não vale".

**F:** O senhor teve alguma dificuldade, sentiu alguma reação contrária à sua gestão no começo, por parte dos funcionários?

**P:** Não, mas o representante dos funcionários no Conselho Deliberativo era um rapaz do Rio. Era ele quem trazia os problemas para o conselho, mas era discutido friamente.

**F:** O senhor já falou do Adrian, que foi o único diretor indicado pelo seu grupo. E os outros diretores? O senhor manteve algum do Roberto Santos?

**P:** Não me lembro, mas coloquei alguns outros também.

**F:** Com relação aos institutos, que providências o senhor tomou?

**P:** Bem, o IMPA e o museu Goeldi receberam um apoio especial. Não foi nada de exagerado, mas eles foram considerados importantes para o CNPq. Depois, fizemos o Laboratório de Luz Síncrotron.

**F:** Tinha uma diretoria dentro do CNPq que cuidava dos institutos, não é? Não era o senhor diretamente, mas o senhor colocou também como prioritária essa ação junto aos institutos?

**P:** Sim. Nós tivemos um processo muito bem elaborado. O Conselho Deliberativo tinha muita força. Havia muita gente do Rio, uma grande parte dos institutos, uma parte ponderada era do Rio de Janeiro.

**F:** Já se discutia, na época, sobre tirar os institutos do CNPq?

**P:** Não.

**F:** Porque, paulatinamente, eles foram saindo. Na sua gestão, eu me lembro que o CNPq tinha ainda as agências regionais.

**P:** Sim

---

**F:** Tinha as Agências Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul e postos em Belo Horizonte e Salvador. Eu até participei de um estudo sobre as agências, que foi pedido em 1986 pela Superintendência de Planejamento do CNPq para se fazer uma avaliação.

**P:** Mais tarde, na gestão Gerard Jacob, foram extintas.

**F:** O que teve muita repercussão.

**P:** Favorável ou desfavorável?

**F:** A agência do Rio era muito questionada. A de São Paulo, também. Mas a do Nordeste, muita gente era a favor de que fosse mantida, pelo que eles estavam fazendo, pelo grupo, pela seriedade do trabalho e pela manutenção de uma política de descentralização. A Agência Nordeste ajudava, assim, a operacionalizar alguns programas para a região Nordeste, sendo enfim um posto avançado do CNPq, pois, naquela época, a comunicação era mais difícil e isso facilitava a entrada de projetos, de propostas. Eu me lembro que nós levamos a sério a demanda que foi feita pelo João Alexandre, seu assessor de planejamento, na base de: "É para amanhã esse estudo". Fizemos um grande esforço para cumprir o prazo, mas depois não tivemos nenhum retorno sobre a utilização da análise que conseguimos desenvolver.

**P:** O João Alexandre era meu braço direito, mas o gozado da história é que eu não me lembro de ter participado a favor ou contra esse movimento.

**F:** Mas com relação aos institutos foi diferente.

**P:** Apoiei muito, não tive problemas com eles, não; eu acho que fiz tudo que pude fazer, por exemplo, pelos institutos da Amazônia, pela CBPF, pelo LNCC.

**F:** O senhor chegou a propor um desmembramento desses do CNPq, porque na sequência alguns passaram a funcionar não sobre égide do CNPq, mas do Ministério.

**P:** Na minha gestão, o próprio Ministério ainda não tinha uma função definida, estava se organizando e não tinha uma deliberação determinada. Depois que se organizou, partiram para a ideia de querer a separação e foi uma coisa que eu apoiei.

**F:** O senhor se concentrou mais no sentido de conseguir mais recursos para o que já existia, mas o senhor chegou a pensar, por exemplo, em termos de uma política regional de ciência e tecnologia? Porque essas agências, de alguma forma, eram para ser braços operacionais para uma descentralização que era pregada, que era requerida por muitos segmentos do grupo de cientistas.

**P:** Sim, mas o problema era que precisávamos de verba.

**F:** Para essas ações.

**P:** Para qualquer ação, não só para essas, mas essas teriam sentido se nós tivéssemos verba, porque aí haveria potencial. Se a gente tivesse verba em potencial, podia fazer porque o estímulo do próprio governo do Estado impulsionaria a máquina. O que fiz, e que acho que era até uma novidade, foi que eu chamava os jornalistas para entrevistar o pessoal do Conselho Deliberativo, a quem eu pedia para fazer as reclamações devidas. Então, fazia uma campanha a favor de alguma coisa, mas a sugestão vinha de dentro do CNPq. Eu achava que era muito importante convidar a imprensa para falar da questão da falta de verbas. Era uma crítica que se fazia ao governo de dentro do CNPq.

**F:** Era a partir do Conselho Deliberativo, quer dizer, era a própria comunidade científica falando. Uma outra questão: o senhor acha que a instabilidade institucional - o senhor já disse que durante sua gestão teve cinco chefes-ministros, num período de quatro anos - atrapalhou muito a sua gestão?

**P:** Não, porque, na realidade, eu não sei de onde vinha a minha força, mas de qualquer maneira, eu brigava com esses ministros, por exemplo, o Biasi, Robertão e o Luís Henrique. O Biasi e o Robertão só não me tiraram porque não puderam. Eu tinha divergências com eles. No caso do Biasi, eu tinha brigas do tipo que já falei.

---

**F:** O senhor já o conhecia?

**P:** Já.

**F:** Conhecia todos?

**P:** O Robertão menos. Lembro que na hora que o Robertão e o José Dirceu tomavam avião comigo...

**F:** O José Dirceu do PT?

**P:** Exato. O José Dirceu ficava de pé na primeira fila virado para o povo e conversando com alguém, se mostrando. O Robertão cumprimentava todo mundo. Eu achava essa atitude divertida. Um dia o Robertão disse que queria falar comigo. Eu, então, fui ao Ministério às quinze para as duas horas. Fiquei sentado em uma poltrona que a secretária me indicou e ele, várias vezes passando na minha frente, me cumprimentou uma vez e depois só olhava. Estava demonstrando que não estava fazendo nada e não me atendia, para mostrar que eu não era importante para ele. Está bom. Aí, chegou e me chamou na sala e disse: "Eu queria verificar com você a situação de você dar mais bolsas para a sociologia, do que para a informática". Eu disse: "Ministro, o senhor deve estar enganado, eu posso garantir que a informática é uma das áreas que eu protejo, porque eu - sendo uma coisa nova - fiz campanha a favor da oficialização. Posso garantir que para a informática não foi negada nenhuma bolsa para pessoas que mereciam. Agora, com relação à sociologia, é uma situação nova, eles nunca receberam tantas bolsas como estão recebendo agora". Na verdade, cheguei a conversar com o ministro da cultura querendo que ele ajudasse a aumentar o número de bolsas das humanidades.

**F:** Essa também foi outra determinação que o senhor tinha, não é? O senhor acha que essa decisão de aumentar o número de bolsas para as áreas das Humanas, das Ciências Sociais advém da sua experiência como presidente da SBPC? Era uma demanda?

**P:** Era uma demanda. Eu acho que nas Humanidades há defeitos, mas não por causa deles. Porque a situação real é a seguinte: nós das Ciências Básicas temos tempo integral e ficamos mais de doze horas por dia em laboratório,



porque tem laboratório. No caso das Humanidades, a maior parte não tem laboratório, não tem o que fazer durante o dia inteiro. Então, a maior parte não fica dentro da escola, dentro da universidade durante as oito horas, não ficam. Mas isso é um problema que a gente precisa reconhecer que era falta de apoio, principalmente do governo. Eu sempre achei que eles eram mal servidos, então procurei dar chance a eles.

**F:** O senhor tinha convicção de que se devia dar apoio a essa área, porque ela também era importante.

**P:** Dando esse apoio, dando bolsas etc, você aumentava o serviço. Era uma forma de utilizar melhor a capacidade deles.

**F:** E viabilizar a pesquisa.

**P:** Uma vez, o Robertão pediu uma reunião com o Conselho Deliberativo, quando ele voltou de uma viagem que fez a São José dos Campos. Nessa reunião, ele disse: "Eu estou acabando de voltar do INPE e verifiquei que esse negócio da destruição da Amazônia não é verdadeiro; é muito menos do que o pessoal está falando e etc". Aí, eu disse para ele: "Ministro, é verdade que nós discutimos isso há pouco mais de uma semana no Conselho Deliberativo, e a situação nós sabemos bem qual é, porque estamos bem informados". E ele: "Não, mas eu vim de lá agora e...". Ele próprio já estava a par das informações recebidas pelo CD, mas veio com essa história. Daí, ele ficou louco da vida e quis ir embora. Fui acompanhá-lo até o carro que era o normal, por educação. Lá ele me disse: "Eu quero que você me demonstre que essa questão da Amazônia é mais do que eu disse". E eu respondi: "Ministro, eu posso lhe garantir que nós recebemos informações do INPE, do pessoal de São José, de maneira que é isso..." Mas, ele discutiu mais uma vez. Aí, eu disse: "Está bem, vou demonstrar para o senhor" e ele foi embora. Daí, o Banco do Brasil fez, poucos dias depois, em Brasília, uma exposição sobre várias coisas e inclusive do gráfico das queimadas na Amazônia e etc. Aí, eu pedi para a secretária dele me informar quando é que ele iria visitar a exposição e também fui.

**F:** Onde foi, exatamente, isso?

---

**P:** Não sei bem, mas acredito que tenha sido num dos espaços do governo mesmo. Era uma exposição, especificamente sobre a Amazônia, em que eles explicavam várias coisas, inclusive havia um pôster exatamente sobre esse negócio da destruição. Eu fiquei na frente do pôster e esperei que ele viesse chegando. Quando ele chegou, eu disse: “Ministro (peguei ele pelo braço), eu queria mostrar esse pôster”. Ele olhou e disse: “Ah, muito obrigado” e sem falar nada, saiu.

**F:** Havia, então, um embate.

**P:** Total e global.

**F:** O senhor falou que ele não lhe tratava muito bem.

**P:** Quer dizer, queria demonstrar que eu era inferior, mas eu nem estava ligando para isso. Então, ficava tudo bem e passava. Depois, felizmente, ele saiu e entrou o Luiz Henrique. Com o Luiz Henrique, eu tive uns atritos iniciais, mas aí a coisa mudou. Eu conversei com ele já no início. Mudou de tal maneira que nós, ao contrário, ficamos amicíssimos e ele fazia uma propaganda doida de ciência e tecnologia mesmo depois de sair do Ministério.

**F:** O senhor diria que toda essa instabilidade institucional, na qual o MCT não conseguia se consolidar, porque ora ele era transformado em Secretaria, ora vinculado a outros ministérios - como o de indústria e comércio - contribuiu para que o CNPq continuasse a ser considerado como órgão central do Sistema de C&T? O senhor mesmo afirmou que parecia ter status de ministro.

**P:** Sim, eu ia a todas as reuniões de ministros a que me convidavam; eu não era recebido como ministro, mas frequentava todas. Agora, o ponto que eu vejo de grave nessa história é que durante meu tempo de CNPq tivemos cinco ministros de Ciência e Tecnologia. Quero dizer, não havia uma organização sensata.

**F:** Isso expressava o que em relação ao governo?

**P:** Um completo desinteresse pela área, porque, se houvesse interesse, obviamente o governo ia colocar alguém e manter. Porque essa troca de gente do governo de um lado para o outro era um negócio absurdo.

**F:** O senhor acredita que essa mudança, essa criação, inicialmente, ao invés de trazer os benefícios esperados prejudicou a área?

**P:** Não, na realidade, o Archer, como o primeiro ministro, organizou bem a história que estava propondo e foi formidável, inclusive comigo. Ele dizia: "Vou organizar a coisa, mas vou usar o seu grupo para o Ministério", e eu dizia: "Não é o meu grupo, é seu mais do que meu, por favor, use da forma que quiser, não tem problema". Enquanto que os outros ficavam loucos da vida e com ciúme de o CNPq ter mais verba do que o Ministério. E tinha mais verbas por razões óbvias; nós tínhamos despesas, era uma instituição consolidada, enquanto que o ministério ainda estava sendo organizado. Ele saiu porque precisou fazer outras coisas, mas foi ideia dele sair, não foi substituído simplesmente.

**F:** O senhor acha que o Ministério foi criado sem o planejamento necessário?

**P:** Eu não sei se houve planejamento. A coisa pode ter sido planejada, mas mudaram. O Archer teve que ser passado para uma outra tarefa. Então, perdeu-se...

**F:** Esse foi o problema, o principal fator da crise que ocorreu com relação ao ministério foi a saída do Archer.

**P:** Sim, porque ele é que estava realmente fazendo um negócio formidável.

**F:** Ele tinha perfil para ser ministro.

**P:** Não só perfil, como tinha as ideias do que devia fazer, enquanto os outros foram temporários e não houve nenhum que tivesse...

**F:** Nem chegando a tomar pé direito.

---

**P:** Não dava tempo.

**F:** Então, a sua gestão na área foi muito importante para se manter acesa a política, a atenção para o desenvolvimento científico e tecnológico.

**P:** É, e felizmente o CNPq passou a ter mais verba.

**F:** Que iniciativas o senhor teve com relação às ideias que eram defendidas pela SBPC, de que a produção de conhecimento científico e tecnológico poderia estar atrelada ao desenvolvimento do país? O senhor pensava nisso?

**P:** Não, nós lutávamos. A única coisa que a gente podia fazer era usar o CNPq. Então, o CNPq precisava de quê? Precisava de verbas. E foi o que nós conseguimos.

**F:** Mas, para onde canalizar essas verbas? Como atrelar a produção técnico-científica ao desenvolvimento sócio-econômico do país? Vou dar um exemplo: hoje, somos informados que estamos formando mais de 10 mil doutores. Mas, por trás dessa formação existe algum planejamento de direcionar a formação de doutores para áreas que são mais estratégicas, para atividades produtivas necessárias para o desenvolvimento?

**P:** Garanto que nós discutimos isso no Conselho Deliberativo e do lado de fora, na SBPC.

**F:** O RHAÉ é um programa que surge justamente dessa discussão. Quero dizer, sabia-se que havia carência de recursos humanos em áreas estratégicas, porque aí já estava se pensando em termos de projeto de desenvolvimento. Então, programas como o RHAÉ demonstraram que havia uma preocupação. Acredito inclusive que o Renato Archer e o Luciano Coutinho tiveram um papel importante. Eu queria saber se, dentro do CNPq, o senhor, como presidente, também pensou em outros programas que viessem fazer essa ligação com o setor industrial e uma maior articulação das universidades com as empresas?

**P:** É, nós tivemos no início, eu me lembro, um negócio com contatos no exterior. Um projeto coordenado por Cerqueira Leite, em Campinas. Ele

comprou um quartzo e sabia que o quartzo não prestava. Foi uma malandragem.

**F:** Com recursos do...

**P:** Do CNPq. Deu um processo aí. Mas não sei se foi julgado ou se está em andamento ainda.

**F:** Desde essa época?

**P:** É.

**F:** O senhor teve problemas também com um dos seus diretores?

**P:** Mas o Adrian foi extraordinário, porque ele não empurrou para outras áreas: ele assumiu e nunca acusou ninguém de dentro do CNPq.

**F:** Como é que foi mesmo essa história do Adrian? Eu não me recordo. Eu sei que houve um processo sério.

**P:** O Rogério Cerqueira Leite era diretor de uma...

**F:** Era uma empresa tecnológica dentro da UNICAMP.

**P:** Tinha um rapaz brasileiro, nos Estados Unidos, que negociava com as instituições públicas, e o Rogério Cerqueira comprou, por intermédio desse rapaz, creio que uma tonelada de quartzo para fazer experiências aqui no Brasil. Por acaso, esse quartzo era falsificado. Além disso, o quartzo custava muito menos do que eles pagaram. Assim, essa verba se acabou, colocou até o CNPq numa situação muito atrapalhada. Depois ele pegou esse quartzo e deixou num depósito qualquer para ser analisado, mas talvez ele tenha sido tapeado, pode ter acontecido.

**F:** E o Adrian foi responsabilizado por ter autorizado? Ele conhecia esse intermediário nos Estados Unidos?

**P:** Eu não sei o nome desse personagem, nunca o vi, nunca conversei nem fui informado a respeito dele.

---

**F:** Como foi que eclodiu esse caso para o senhor? Foi pela imprensa?

**P:** Não, foi porque abriram um processo e fui envolvido nele por ser presidente do CNPq...

**F:** Quem abriu o processo?

**P:** Primeiro foi o próprio CNPq.

**F:** A auditoria do CNPq.

**P:** É, a auditoria do CNPq.

**F:** Mas isso durante a sua gestão ainda?

**P:** Não.

**F:** Foi depois?

**P:** Isso tudo ocorreu no final da minha gestão. Inclusive, atualmente, tem um processo que foi criado pelo Rogério Cerqueira Leite, que está em andamento ainda, acusando todos nós como responsáveis pela coisa. Não só eu, como os outros diretores.

**F:** O Adrian não está nos Estados Unidos?

**P:** Está.

**F:** O senhor acha que esse episódio contribuiu negativamente para uma avaliação da sua gestão?

**P:** Não, porque eu não tive nada com isso. Foi um negócio completamente fora da minha esfera. Ao contrário, eu estava no final da minha gestão.

**F:** Isso quer dizer que o senhor dava muita autonomia aos seus diretores, para tomarem decisões?

**P:** O que eu acho razoável. Ou você acredita ou não acredita. Então, não tem problema nenhum. Óbvio, que se acontecer alguma coisa, a gente breca e não esconde.

**F:** Mas essas decisões não eram tomadas em reuniões de Diretoria? O senhor não teve essa prática de reuniões de diretoria para tomada de decisões?

**P:** Tinha. Eles inclusive reclamavam que tinha reunião demais e que demoravam muito. Imagina a gente discutindo cada um dos processos... Óbvio, os principais eram discutidos e esse talvez até tenha sido. Só que uma coisa eram os dados e outra coisa eram os fatos que estavam escondidos. Não tínhamos elementos para fazer outro julgamento, até para o próprio Adrian. Ele cedeu porque ofereceram uma coisa, mas entregaram outra.

**F:** Imagino que quem controlava isso era o coordenador do projeto que era o Rogério Leite. Mas agora abriu processo contra a diretoria do CNPq. Será que ele também se sentiu ofendido?

**P:** É. Para amenizar a própria situação dele.

**F:** O senhor tinha uma assessoria de imprensa na época. O senhor tentou tornar sua administração transparente. O senhor há pouco falou que chamava os repórteres para que entrevistassem os membros do CD. Isso também era uma decisão política sua?

**P:** Exato. Tive dois assessores de imprensa: o que eu achei muito bom foi o Marco Antonio Coelho. Foi excepcional

**F:** Era de São Paulo?

**P:** Era. Agora ele está no Instituto de Estudos Avançados da USP.

**F:** E como foi sua mudança de percepção com relação ao corpo técnico do CNPq?

**P:** Vou lhe contar uma história relacionada ao Gerhard Jacob, que foi presidente depois de mim. No final da gestão dele no Conselho Deliberativo, ele fez um relatório que criticava fortemente os funcionários do CNPq.

---

Ele me deu para ler, então disse a ele: "Olha, querido, se você quiser fazer isso, eu acho que você tem de ser racional, tem de dizer quais são os ruins, porque imaginar que todos sejam ruins é um absurdo de lógica e é uma situação injusta, porque eu saio daqui às dez horas da noite e vejo gente trabalhando e desço para ver o que eles estão fazendo e eles estão fazendo alguma coisa, terminando um trabalho do CNPq. Então, dizer que o pessoal é irresponsável é um absurdo". Aí, ele disse: "Ah, não, mas eu vou fazer" e fez essa declaração no Conselho Deliberativo, quando saiu. Eu mesmo disse no Conselho que achava o que ele estava fazendo um absurdo, discordei e considerei injusto. Mas ele fez e depois foi presidente do CNPq. Você pode imaginar como ele foi recebido. Eu, por exemplo, ao sair do CNPq, cheguei até a receber uma pedra com uma placa que os funcionários me deram.

**F:** O senhor chegou com essas informações negativas a respeito deles. Mas o senhor verificou que era um grupo que, no geral, tinha compromisso com o trabalho, que tinha competência, com o qual o senhor se relacionou muito bem, não foi?

**P:** Eu me dava muito bem. Os funcionários me deram duas festas e com explicações públicas de que nos dávamos bem e que me apoiavam. Então, eu saí muito feliz, pois me dava muito bem com eles.

**F:** De uma forma verdadeira, porque o senhor tentou até manter uma certa distância inicial...

**P:** É, eu fiz questão de não fazer uma panela. Dois grupos que combinavam muito bem em tudo. Eu queria deles uma fiscalização.

**F:** E houve essa fiscalização?

**P:** Houve. Eles faziam críticas e eu achava ótimo quando vinha qualquer coisa e discutia e não tinha problema de...

**F:** De se chegar a um acordo ou de aceitar as críticas pertinentes. Sintetizando, o que o senhor gostaria de destacar de importante da experiência como presidente para seu aprendizado pessoal, da sua contribuição e daquilo que o senhor acha que marcou a sua gestão?



**P:** A única coisa que eu acho que fiz bem feita e que teve sucesso foi ir ao Congresso para conversar com o pessoal da liderança dos partidos e demonstrar que eu não estava defendendo uma política partidária, mas que eu tinha uma política para o desenvolvimento do país.

**F:** E como tal deveria ser uma política de Estado.

**P:** Que queria apoio de todos os parlamentares e que acabamos por receber na medida em que o número de bolsas foi aumentado e depois seus valores.

**F:** O senhor acha que, diante da situação de instabilidade, de toda a confusão que ocorreu com a saída do Archer, a sua presença, a sua liderança com o grupo de cientistas foi importante para manter a verba?

**P:** Para manter inclusive o CNPq numa posição privilegiada. Então, nós tínhamos essa vantagem.

**F:** Porque se dependesse dos ministros que não tinham experiência na área, a situação da ciência e tecnologia poderia ter piorado.

**P:** Isso. Por exemplo, apesar das divergências iniciais que tive com Luiz Henrique quando ele entrou, eu sempre o apoiei e no final ele saiu fazendo propaganda do desenvolvimento científico, em várias situações, mesmo não sendo mais ministro da Ciência e Tecnologia. Ele foi uma pessoa formidável e sem dúvida fez uma gestão que para nós foi excepcionalmente boa. É a história de dançar conforme a música e mudar a música, quando é preciso, para dançar com ela. Outra coisa, eu tinha muita consideração pelos funcionários do CNPq, eles me davam uma atenção especial, o que me fazia sentir orgulhoso.

**F:** Então, o senhor diria também que o CNPq ficou fortalecido, praticamente, como órgão ainda central da política de ciência e tecnologia?

**P:** Estava em melhor situação que o Ministério. Acho também que a comunidade não colaborava muito. Mas, por exemplo, quando eu estava no CNPq, o pessoal se movimentava bastante.

---

**F:** Quem lhe substituiu na SBPC na época?

**P:** Foi a Carolina Martuscelli Bori, depois o Ennio Candotti.

**F:** Eu me lembro da importante participação que a SBPC teve em todo aquele trabalho preparatório para a primeira Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, no início da gestão Archer, que fortaleceu muito a questão do planejamento para a área. Como foi sua relação com as outras agências, com a Finep e a Capes?

**P:** Eu nunca tive problemas.

**F:** Mas havia uma briga por espaço e por uma certa autonomia. O senhor até contou a história do Biasi com o presidente da FINEP.

**P:** Quando ele era ministro, não é? Quando eu brigava com eles, eles poderiam até querer me tirar, mas não teve nenhum sinal de que eles quisessem me tirar.

**F:** Sim, mas parece que o senhor, na verdade, acabou sendo a figura de maior destaque dentro do Sistema de Ciência & Tecnologia. Mas, voltando ao evento "Ciência e Tecnologia numa Sociedade Democrática", que teve grande apoio da SBPC que estava sendo dirigida, na época, pela Carolina Bori. Os documentos produzidos pela Conferência ajudaram o senhor a nortear algumas ações?

**P:** Sim, porque nós tínhamos planos e eles foram testados e apoiados pela SBPC. Eu posso garantir também que tive uma gestão no CNPq muito apoiada pelo Sarney, que era o presidente.

**F:** O senhor tinha relação com ele?

**P:** Tinha boas relações.

**F:** O senhor chegava a despachar diretamente com ele?

**P:** Não despachar com ele, mas recebíamos convites para o CNPq fazer uma reunião no Palácio para discutir assuntos. Ele era muito acessível para nós. Acreditava no que fazíamos e apoiava, o que era uma coisa muito boa.

**F:** O trabalho do CPCT - o Centro de Estudos em Política Científica e Tecnológica do CNPq, que funcionava lá no prédio do Ministério de Ciência e Tecnologia - era bem visto pelo CNPq?

**P:** Havia um atrito.

**F:** Gostaria de saber.

**P:** Tinha algumas coisas meio atrapalhadas, mas...

**F:** As pessoas achavam que nós estávamos mais a serviço do MCT do que do próprio CNPq, o que de certa forma não procedia. Eu inclusive já citei até uma demanda que veio da Superintendência de Planejamento do CNPq, aquele estudo sobre as agências.

**P:** Exato, mas eu não me lembro dos detalhes. Uma coisa importante que se passou na minha gestão no CNPq e que me causou vários problemas foi a informatização do sistema. O que ocorreu foi que, com a informatização, alguns funcionários do CNPq imaginaram que iríamos tirar o emprego deles, então fizeram umas brincadeiras como trocar os processos de lugar na prateleira. Mudando de lugar, o pessoal da administração não tinha jeito de encontrar e com isso, atrasava. Desse modo, tive que acalmar a comunidade científica. Algumas associações chegaram a dizer que o CNPq estava morrendo.

**F:** As sociedades científicas?

**P:** Eu estava numa delas uma vez, e o pessoal estava reclamando que o processo tinha sido perdido. E era verdade, acontecia mesmo, porque o pessoal que trabalhava com os processos mudava para atrapalhar.

**F:** Para dificultar.

---

**P:** Para dificultar o processo. Aí, uma vez, eu estava numa discussão qualquer, com uma pessoa, em tempo de ter uma briga mesmo.

**F:** Quem foi?

**P:** De Meis, do Rio. Ele estava reclamando e eu disse para ele: "Olha, você não está entendendo o que está acontecendo, de maneira que você precisa ter calma nas suas críticas, verifique se você está entendendo o que está se passando, para eu poder explicar. "Então, eu justifiquei e ele disse assim: "Eu tenho a impressão de que a gente pode e deve fechar o CNPq." Aí falei: "Ótimo, isso é o que eu acho que a gente deve fazer, porque aí, não tem uma empresa que dê dinheiro para os picaretas fingirem que fazem pesquisa e fazer não sei o quê. ..." Foi uma briga muito difícil; aquela foi uma fase de transição extraordinária, mas que, na realidade, trouxe problemas, principalmente para mim. Eu me divertia também, brigando com o pessoal, eu tinha liberdade de brigar com o pessoal.

**F:** Quer dizer que o senhor fez política em duas frentes: junto à classe política e junto também à comunidade científica? Só que com a comunidade científica, o senhor tinha um maior respaldo. O senhor acha que isso também facilitou a sua gestão?

**P:** Acho que sim.

**F:** Porque eles se sentiam representados pelo senhor; afinal de contas, o senhor foi um líder eleito. Quando o senhor saiu, o CNPq já estava todo informatizado?

**P:** Estava.

**F:** Quer dizer que o senhor investiu muito na compra de computadores, essa parte toda da informática...

**P:** Foi muito com meu apoio. Isso aí foi principalmente uma proposta do Adrian e que eu apoiei totalmente e dei tudo que podia dar.

## ***O Laboratório de Luz Síncrotron***

**P:** Outro destaque do meu trabalho foi com relação ao Laboratório de Luz Síncrotron. Tínhamos uma comissão do CNPq para discutir sobre a criação do instituto. Havia restrições a respeito do que alguns queriam fazer, dentre outras coisas, em que membros dessa comissão estavam propondo a compra de material pronto vindo da França ou de outro país qualquer e nós queríamos que a "coisa" fosse feita aqui, nacional ou estrangeira, mas que fosse feita no Brasil. E, havia uma série de divergências com relação a isso...

**F:** Que tipo de material era produzido aqui no Brasil também? Eram aparelhos?

**P:** Eram. Eles queriam comprar o sistema pronto, só seria instalado no Brasil. Nós estávamos propondo a criação aqui no Brasil. O pessoal queria trazer depressa. Nós éramos contra, mas acabei assinando a coisa e aprovamos totalmente.

**F:** Aprovou totalmente, como?

**P:** Foi fundado o Síncrotron.

**F:** Porque o projeto do Síncrotron vinha da época do professor Lynaldo, não é?

**P:** No tempo do Lynaldo começou a discussão. Depois teve o Lobo.

**F:** Creio que quem ajudava o professor Lynaldo, na época, era o Roberto Leal Lobo, pois ele foi diretor durante a gestão do Lynaldo.

**P:** Então, o Lobo era presidente dessa comissão da qual fazíamos parte e discutíamos. Nessa fase, um rapaz da Física e eu éramos contra algumas coisas. Tanto que eu assinei o negócio do Syncrotron, pois o Archer também não estava totalmente de acordo. De qualquer maneira, eu assinei, mas lá dentro do Syncrotron eu não fiquei responsável por nada, de ter assinado qualquer coisa... Foi na minha gestão, mas...

---

**F:** Mas o senhor fez dentro daquilo que o senhor acreditava ser mais justo. Parte do maquinário foi comprado aqui no Brasil, ou foi tudo importado?

**P:** Não, só parte. Eu não queria comprar um sistema pronto em outro lugar.

**F:** E o senhor não comprou?

**P:** Não. Foi feita da maneira que nós queríamos porque a “coisa” foi elaborada por brasileiros aqui, lógico que copiando as “coisas” de fora, mas fazendo aqui dentro. Porque com qualquer projeto estabelecido fora, você pode querer fazer modificações e gastar mais, enquanto que fazendo aqui, a gente pode substituir todas as coisas erradas ou que não deseja por outra coisa e assim foi feito. Assim, então, eu me sinto responsável também por isso, porque eu, desde o começo, na época do Lynaldo quando o Lobo era o diretor, nós discutimos muito tudo isso. O pessoal não me considera um apoiador do laboratório, porque eu fiz muita crítica.

**F:** Mas, hoje é uma organização...

**P:** Muito boa.

**F:** Que tem até uma certa autonomia, porque eles também...

**P:** Fizeram a coisa muito bem feita. Está perfeito.

### ***A Estação Ciência***

**P:** Outra coisa importante foi a criação da Estação Ciência. Creio que a Estação Ciência foi fruto de uma reunião com o Sérgio Mascarenhas e o José Reis. Eles queriam na realidade fazer um museu. Então, bolei de fazer um museu móvel, um museu que ao contrário de apenas mostrar os aparelhos, mostrasse-os em funcionamento, um museu dinâmico; daí, criamos esse museu em São Paulo. A diretora fez duas coisas fantásticas. Primeiro, conseguiu o nome de Estação Ciência, com esse famoso publicitário que até sequestraram por um tempo. Ele deu o nome de Estação Ciência. Outra coisa que a Nely Bacelar, a diretora, fez e foi importante, foi convidar alunos

das escolas secundárias para visitar o museu. Ela conseguia ônibus e levava o pessoal.

**F:** Onde estava localizada a Estação?

**P:** Está ainda na Lapa, perto de uma estação de estrada de ferro. Foi uma doação que nós recebemos do Orestes Quércia, quando governador. Nós arrumamos o prédio, mas mantivemos o tipo, porque era uma indústria... A coisa funcionou maravilhosamente bem.

**F:** Esse projeto teve apoio da FAPESP também?

**P:** Não precisou, porque o CNPq bancava bem. O absurdo é o que foi feito em épocas posteriores a nossa. O CNPq deu a Estação Ciência para a USP. Podia ter feito isso no começo, mas não era isso que eu queria. A questão é que o governo federal em São Paulo tem a Escola Paulista de Medicina, tem uma universidade federal em São Carlos e agora estão criando uma em São Bernardo.

**F:** Essa transferência foi em qual gestão?

**P:** Foi a USP que pediu. Então, eu criei aquilo porque tinha vários institutos sustentados pelo governo federal no Rio de Janeiro e São Paulo não tinha nada. Então, eu queria deixar pelo menos um a mais que era o Estação Ciência.

**F:** Então, foi criado como Instituto, o Estação Ciência? E o aspecto dinâmico que foi pensado no início? Como é que funcionava?

**P:** O que nós temos no Estação Ciência são aparelhos que são usados pelos visitantes. Os meninos babam com a história. Propus, na época, que fizéssemos dessa fase inicial uma coisa experimental, pois a minha ideia era fazer uma Estação Ciência dessas em cada bairro de São Paulo, e que se congregasse todas as faculdades do bairro para que usassem a Estação Ciência como laboratório de pesquisa.

**F:** Isso estava no projeto inicial.

---

**P:** Estava na conversa entre nós, mas não foi posto em prática.

**F:** A Nely ficou como diretora?

**P:** Ficou e saiu depois que eu saí.

**F:** Qual era a formação da Nely?

**P:** Ela é professora.

**F:** Da USP?

**P:** Ela é formada pela USP, mas era professora de uma faculdade particular.

**F:** Ela ficou no tempo da sua gestão como presidente do CNPq? Ela ficou como funcionária do CNPq?

**P:** Sim, foi ela que organizou o funcionamento da Estação e foi formidável, teve um grande sucesso e mantém-se até hoje. O que acho mais importante é o fato de os alunos estarem sempre fazendo visitas. Poucos meses atrás, soube que eram mil alunos por dia, com visitas de manhã, de tarde e de noite. É uma coisa extraordinária, pena que a proposta que eu fiz de se fazer uma Estação Ciência em cada bairro não tenha ido em frente, porque, assim, todas as escolas secundárias da região, públicas ou particulares, poderiam ter um laboratório de pesquisa, uma coisa que poderia fazer muito melhor do que qualquer uma dessas em particular, mas até agora ainda não se fez.

### **Questões finais - avaliação**

**F:** Gostaria, agora, de começar a finalizar a entrevista, fazendo umas perguntas de caráter mais avaliativo de sua atuação/contribuição como pesquisador, político e gestor público. A primeira que talvez seja interessante para uma reflexão do senhor - se é que o senhor já não refletiu - diz respeito ao seguinte: o senhor era representante do grupo de cientistas e sempre foi uma pessoa muito ativa na política pela visão dos demandantes das agências. De repente, o senhor passou para o outro lado, o senhor foi para as agências, foi para o governo. Que impacto teve isso? O senhor continuou



com as críticas que fazia às agências ou as dificuldades que encontrou fizeram com que mudasse de opinião?

**P:** Eu comecei a viver essa situação na FAPESP e funcionou muito bem. Eu sempre apoiei, por exemplo, a necessidade de o diretor científico ser autônomo e de ser, mais ou menos, o principal responsável pela área que ele está cuidando. Quando fui presidente do Conselho Técnico-administrativo, o Rui Vieira era o diretor científico e tinha toda a liberdade, fazia tudo que ele queria e não tinha interferência minha. Mas ali era uma situação diferente do CNPq, pois lá eu me sentia dentro da SBPC.

**F:** Com o cargo de gestor dentro da FAPESP, o senhor conseguiu corrigir aquilo que o senhor criticava?

**P:** Corrigi as coisas que eu achava que podia fazer.

**F:** E no CNPq, qual é a sua avaliação?

**P:** No CNPq, a situação foi um pouco diferente. Eu era o presidente, tinha muito contato com toda a comunidade, com os funcionários, e eu não me sentia do mesmo jeito que me senti na FAPESP.

**F:** Havia muita reclamação com relação aos julgamentos?

**P:** Sim, houve alguns casos. Alguns eram reconsiderados quando a reclamação era pertinente. Mas, de um modo geral, os que não ganhavam bolsa era porque não mereciam.

**F:** Então, o senhor começou a ter a visão de dentro, não é? O senhor passou a ver que as decisões dos Comitês Assessores no geral eram bem fundamentadas.

**P:** Foi muito bom. Eu tive, inclusive, discussões fortes com o pessoal da área de Humanidades quando eu quis fazer um convênio com o Ministério da Cultura para conseguir mais bolsas para a área das humanas.

**F:** Mas o senhor não conseguiu?

---

**P:** Não consegui, mas o pessoal das Ciências Humanas também não queria. Eles estavam pensando que eu queria pegar a demanda de Ciências Humanas e empurrar para o Ministério da Cultura, quando na realidade eu queria só dobrar o número de bolsas com a cultura, o que seria uma coisa formidável, mas eles não quiseram porque não queriam sair do CNPq. E eu dizia: “Vocês não vão sair do CNPq, o que eu quero é procurar ampliar o número de bolsas”.

**F:** Essas discussões ocorriam durante as reuniões do CD ou eram grupos que vinham ao CNPq?

**P:** Tudo, tudo.

**F:** E o ministro da cultura? Era favorável?

**P:** Muito favorável.

**F:** Mas o senhor, mesmo assim, conseguiu ampliar o número de bolsas para as Humanas, pois o senhor não queria apenas favorecer as Exatas. Nisso eu acredito que o senhor não foi criticado. Mas o senhor, sendo originário de São Paulo, não chegou a receber críticas de que favorecia mais a região Sudeste?

**P:** Não, porque eu insistia em atender mais as demandas das regiões Nordeste e Norte, e não só o eixo Rio-São Paulo.

**F:** Então, o senhor não teve esse tipo de crítica?

**P:** Não, o vice-presidente até era baiano, o José Duarte.

**F:** O senhor teve uma boa relação com ele?

**P:** Muito, muito boa. Ele era um dos que fazia propaganda do apoio que se dava para o pessoal do Norte e Nordeste.

**F:** Só para fechar a questão do “crítico x gestor”, o senhor acredita que conseguiu corrigir o que criticava no CNPq quando gestor?

**P:** Em parte, pelo menos.

**F:** E o que o senhor não fez, mas gostaria de ter feito, como presidente do CNPq?

**P:** Eu não sei, não. Eu tenho a impressão de que tinha muitas brigas com os cientistas nas reuniões. Eles criticavam sempre, eu achava que as críticas eram absurdas, eu brigava bastante.

**F:** Críticas com relação a que? À distribuição dos recursos?

**P:** À falta de dinheiro. Uma das coisas que eu tinha combinado com o Ulisses Guimarães era: primeiro conseguir bolsas destinadas à formação de pesquisadores, para depois conseguir mais recursos para pesquisa. O problema real é que o pessoal queria mais, sempre mais.

**F:** O senhor conseguiu também fortalecer os auxílios para pesquisa?

**P:** Isso foi menos. Só consegui já no final da minha gestão. Mas, sem dúvida, o caminho era fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

**F:** E as críticas vinham muito por causa dessa situação, de poucos recursos para apoio à pesquisa?

**P:** Não só. Eu achava algumas críticas aceitáveis, e a gente já estava lutando, mas outras, não. Por exemplo, a questão da informatização foi uma das coisas que fez aumentar as críticas. Em uma reunião, aconteceu de dizerem que haviam sido prejudicados com o sumiço de projetos a que já me referi. E eu perguntei: "Eu quero saber quantas pessoas sofreram com esse problema". Sabia que na verdade tinham sido poucas pessoas, mas 90% levantaram a mão, e eu disse: "Ótimo, eu estou muito satisfeito de verificar que vocês representam "muito bem" o Brasil, quer dizer: mentirosos, salafrários!". Xinguei mesmo.

**F:** Isso para quem, professor?

**P:** Era uma reunião do pessoal da biomédica, tinha muita gente...

---

**F:** Mas a sua sensação afinal é a de que a sua gestão foi bem aceita tanto no âmbito político, como dentro do grupo de cientistas e dentro também do próprio CNPq, não é?

**P:** Exato.

**F:** E o processo de constituição dos Comitês Assesores, o senhor quis introduzir alguma mudança?

**P:** Apesar das reclamações e de ter procurado fazer algumas substituições, não me preocupei em mudar o processo. Estava lá e continuou, só que com algum tipo de recomendação e fiscalização.

**F:** E sua relação com o CD?

**P:** Me dava bem, até mesmo porque o Conselho Deliberativo já tinha sido preparado por um grupo formado principalmente por pessoal da SBPC.

**F:** E a área de planejamento, de avaliação dentro do CNPq? O senhor fazia muitas demandas?

**P:** Eu pedia muito, mas não cobrava porque não tinha muita coisa para mudar, não tinham muitas propostas...

**F:** A que atividades o senhor se dedicou depois do seu mandato como presidente do CNPq?

**P:** Quando saí, tive um convite pessoal do Collor para ser diretor da Embrapa em uma das seções de Brasília, mas não aceitei. Também recebi um convite do pessoal do Ministério das Relações Exteriores. Tinha dado umas aulas no curso deles, no Rio Branco, e aí eles me convidaram também para ocupar um posto, mas eu disse que não.

**F:** Convites que implicavam sua permanência em Brasília. Aliás, o senhor me falou em *off* que gostava muito de morar lá em Brasília.

**P:** Eu achei a cidade uma novidade, a parte social, todas as partes são diferentes de qualquer lugar que eu morei antes. Até gostei de morar. Todavia,

depois de quatro anos, embora não estivesse saturado, já tinha gastado a minha ambição de conhecer Brasília.

**F:** Aí o senhor voltou para São Paulo.

**P:** Exato.

**F:** Nessa década de 1990, que atividades o senhor destacaria?

**P:** Essa é uma boa pergunta. Na metade dos anos 1990, eu comecei a trabalhar com bactérias fixadoras de nitrogênio.

**F:** Sim, porque nesse período que esteve em Brasília, o senhor se afastou completamente da atividade de pesquisa, não é?

**P:** Isso.

**F:** O senhor sentiu muita falta da atividade de pesquisa?

**P:** Não, por um motivo simples. Eu queria experimentar a outra.

**F:** O senhor teve dificuldade de voltar à pesquisa?

**P:** Não, o laboratório estava pronto e eu tinha tudo que precisava.

**F:** Durante esse período, o senhor tinha atenção especial para a sua área no CNPq?

**P:** Não. Eu fazia questão de não influenciar o pessoal. Acho que a minha área, que é a genética, sempre foi bem tratada, de maneira que uma interferência especial não era necessária.

**F:** E o senhor acompanhava o trabalho que estava sendo desenvolvido no laboratório?

**P:** Óbvio, mantive a minha relação com o pessoal do Departamento.

**F:** Quer dizer que não houve um desligamento?

---

**P:** Absolutamente, eu recebia telefonemas com várias perguntas e relatos de coisas que eles organizavam em São Paulo. Eles telefonavam e a gente discutia; vira e mexe eu passava por São Paulo e ia visitá-los. Então, não teve problemas no meu retorno.

**F:** Como foi o andamento de sua pesquisa com bactérias fixadoras de nitrogênio?

**P:** Bom, eu comecei a trabalhar em bactérias e aí a situação foi a seguinte, eu tinha uma colega, a Joanna Döbereiner, que era membro também da Academia do Vaticano, e passamos a ter mais contato. Eu já a conhecia antes e nos dávamos muito bem. Então, uma vez ela me disse que tinha descoberto bactérias fixadoras de nitrogênio em plantas não leguminosas e dentro da planta. Eu disse: "Vem cá, como é isso aí? Como é que funciona?" Ela respondeu: "Você passa no meu laboratório e em uma semana eu te ensino tudo". "Está bem", disse eu. Aí, ela me deu casa, comida e laboratório. Depois de uma semana no Rio de Janeiro, saí de lá e fui para São Paulo e comecei a fazer a coisa. Como no meu laboratório não tinha facilidade com esse negócio de bactéria, eu precisava comprar bactéria.

**F:** Era a mesma pesquisa, só que com objetivos diferentes da que ela desenvolvia?

**P:** Não. Era a mesma pesquisa porque era uma novidade muito grande o que ela fazia e o campo todo estava aberto Mas esse meu projeto teve muitos problemas e não posso dizer que tenha trazido os resultados que eu esperava.

**F:** O senhor voltou a dar aula na USP?

**P:** Eu dava aula, mas não dava curso. Fiz várias conferências, e era convidado muitas vezes pelo pessoal da Biologia para dar aulas pelos alunos que organizavam reuniões às quartas feiras.

**F:** Mas o senhor já estava aposentado da USP?

**P:** Eu estava aposentado da USP desde 1979, quando aconteceu o seguinte, eu acho que já te contei até, mas eu vou repetir; se contei, fica extra. O Frota

Pessoa, que era assistente do departamento, estava para prestar concurso para titular. Ele podia ficar no laboratório ou fora, mas ele queria permanecer. Daí, eu fui falar com o diretor do Instituto de Biologia para solicitar uma vaga para professor titular, pois, como eu ia aposentar, queria facilitar para que o Frota Pessoa prestasse concurso. O diretor disse: "Olha, eu não tenho possibilidades, você vá falar com o reitor". E fui falar com ele, que disse: "Você tem duas vagas abertas lá no Instituto de Biologia".

**F:** Já haviam criado o instituto, não era mais departamento?

**P:** Já era instituto. Aí, voltei ao diretor e falei: "Olha, o reitor me disse que você tem duas vagas". Ele então respondeu que essas vagas estavam prometidas. Eu falei: "Como prometido? Por que você prometeu? E eu agora com a necessidade, não posso usar"; aí, nós discutimos. Xinguei, disse tudo que precisava dizer e falei: "Olha, eu vou fazer mais uma coisa, eu vou me aposentar para sair dessa porcaria e vou exigir que abram concurso para a minha vaga" e fui embora. Aí, o Frota prestou concurso e entrou, porque, sem dúvida, ele era um excelente profissional. Então fui para Campinas e continuei fazendo o que eu estava fazendo aqui em São Paulo, que era estudar moscas de frutas, moscas de praga, de cana e essas coisas.

**F:** Como é que foi sua ida para a UNICAMP?

**P:** Continuei morando em São Paulo, mas mantinha um apartamento em Campinas; viajava segunda de manhã para lá e voltava terça à noite. Passava quarta aqui na USP e quinta-feira de manhã ia para lá de novo e voltava sexta-feira à noite. Detalhe, eu tinha de ir de automóvel.

**F:** Professor, quando o senhor foi para Campinas, tinha como objetivo dar aulas ou fazer pesquisa?

**P:** As duas coisas.

**F:** O senhor trabalhava com quem lá? Quem era o responsável pelo Departamento de Biologia?

**P:** Tinha o Departamento de Biologia e tinha um laboratório especial para mim onde eu fazia pesquisa.

---

**F:** O senhor era considerado professor visitante?

**P:** Não. Eu era um professor contratado. Mas, todo o pessoal insistia para que eu fizesse concurso. Eu era muito cotado, eu estava em plena atividade de pesquisa, trabalhando principalmente com moscas parasitas da agricultura.

**F:** Já era a genética mais aplicada à produção agrícola.

**P:** É, e vários alunos fizeram doutorado e mestrado.

**F:** O senhor também orientava lá?

**P:** Orientei três ou quatro doutores.

**F:** O senhor disse também que o senhor voltava para São Paulo, vinha também para a USP.

**P:** Continuei tendo uma sala na USP.

**F:** A mesma pesquisa que o senhor fazia lá o senhor fazia aqui?

**P:** A mesma.

**F:** Nesse período o senhor deve ter viajado muito, pois além das viagens regulares, de carro, para Campinas, imagino que havia aquelas relacionadas com seus compromissos na SBPC.

**P:** Exato. Para minhas viagens de carro, minha mulher colocou um aparelho de som bom. Eu escolhia, então, uma série de concertos do Mozart e Vivaldi. Naquela época, na estrada Bandeirantes, o limite de velocidade era 80 km/h. Então, eu ia mais devagar para dar o tempo do concerto e quando, por algum motivo, não dava tempo de ouvir o até o fim, eu parava no estacionamento e terminava de ouvir sentado no carro. Era muito agradável, porque eu gostava muito dos dois e foi de propósito que eu pedi para a minha mulher mandar colocar um som.



**F:** Ficou uma vida muito corrida, porque eram dois dias em Campinas, dois dias na USP e depois o senhor voltava de novo para Campinas.

**P:** Exato.

**F:** Como é que o senhor encontrava tempo para outras atividades: FAPESP, na SBPC?

**P:** Eu passava parte da semana em São Paulo. Aí aconteceu que, depois de dois ou três anos, acabei me tornando diretor do Instituto de Biologia da UNICAMP. Mas de qualquer maneira, dava para dançar.

**F:** Enquanto o senhor esteve em Brasília, o senhor teve de se afastar da UNICAMP?

**P:** Eu tive de me afastar, sim. Continuei com o emprego, mas sem receber. Quando completei setenta anos, em 1989, tive que me aposentar compulsoriamente.

**F:** Quer dizer que quando o senhor saiu do CNPq, não voltou para Campinas, foi para a USP, onde tinha o seu laboratório. Além da pesquisa sobre bactérias fixadoras de nitrogênio, que coisas significativas aconteceram ainda nesse período?

**P:** Fui convidado para ser membro do Memorial da América Latina.

**F:** Do conselho curador ou alguma coisa assim?

**P:** Não, fui diretor de uma unidade para organizar uma conferência sobre a Amazônia. Foi um negócio até muito importante, com um resultado impressionante e grande repercussão.

**F:** Creio que podemos retomar as perguntas gerais de caráter mais avaliativo. Começemos pela seguinte: o senhor desempenhou vários papéis dentro da comunidade científica e teve experiência como gestor público em agências como a FAPESP e o CNPq. Dessas atividades - o senhor que tanto preza a satisfação no trabalho - qual a que lhe deu mais retorno?

---

**P:** Para falar a verdade, eu sou um “bicho” meio esquisito. Eu aconselho os meus alunos - e faço o que eu aconselho também - de gostar do que faz. Qualquer coisa que eu estou fazendo, eu procuro gostar. Dá certo. De maneira que eu me divirto e tiro tudo que eu posso tirar de satisfação; nunca tive um desgosto, um arrependimento ou uma coisa qualquer nessa minha atitude.

**F:** Quer dizer que todas essas atividades em instâncias diferenciadas contribuíram para o seu enriquecimento?

**P:** Eu me senti contribuindo para o futuro da pesquisa ou do conhecimento aqui no Brasil.

**F:** Onde o senhor acha que deu a melhor contribuição? Como pesquisador, como gestor, ou como representante político do grupo de cientistas?

**P:** Não sei. Eu sempre tive muita cotação como professor e como pesquisador. Acho talvez que minha contribuição tenha sido maior na pesquisa. Tenho orgulho de falar da experiência que conduzimos com *Drosófila*, o fato de eu aproveitar o Dobzansky e continuar fazendo os trabalhos que ele nos indicou; Depois, a descoberta sobre a *Rhynchosciara* e depois a minha atuação no exterior. Finalmente, agora, que estou com 87 anos, acredito poder fazer uma descoberta que eu acho que vai marcar época também, porque ainda não sei o que eu vou obter, mas qualquer que seja o resultado, é uma novidade muito grande. Eu tenho esperança de que tenha um valor positivo para a ciência de um modo geral, porque é uma descoberta extremamente importante: são bactérias vivas das quais a planta ou a ave dependem. Então, é uma nova situação, que nunca foi descrita.

**F:** Dentro da genética.

**P:** Dentro da genética. E as propostas/possibilidades para se utilizar essas coisas no futuro parecem que são muito grandes, muito esperançasas.

**F:** Então, o senhor não tem dúvida de que a sua contribuição como professor, pesquisador, cientista é a mais significativa.

**P:** Era a coisa que eu mais gostava de fazer. Eu sempre me diverti muito, para mim não tinha hora, eu frequentava o laboratório de manhã, de tarde e de noite.

**F:** O senhor sempre gostou mais?

**P:** Sempre gostei mais, sem dúvida. Quando eu era presidente do CNPq, eu tinha mais saudade disso do que vice-versa. E depois, eu me dava bem com os meus alunos. Eu era relativamente rigoroso, mas compreendia a situação de todos e não procurava atrapalhar a vida do pessoal. Por isso, tive muito sucesso com os alunos também.

**F:** Chama a atenção na sua trajetória seu perfil de muita habilidade política. O senhor parece ter tido sempre essa habilidade de saber se movimentar, de conseguir melhorar as condições da sua pesquisa e do seu grupo. Depois, o senhor passou a fazer isso na Sociedade Brasileira de Genética, a seguir foi para a SBPC. Se o senhor foi escolhido para esses cargos é porque essa também é uma grande marca sua.

**P:** É, tive sucesso nisso, sem dúvida. Na SBPC, fui eleito três vezes, três gestões, o que me dava grande satisfação.

**F:** Esse prestígio que o senhor teve, por exemplo, junto à classe política durante a gestão do CNPq, não vinha muito do reconhecimento do que o senhor significava como pesquisador para o Brasil?

**P:** Eu acho que, de um modo geral, eu sempre aconselhei o pessoal: para se conseguir dinheiro, é pegar, por exemplo, a diretoria da SBPC ou dois diretores representando a sociedade, e ir para os líderes políticos explicar a eles que não se está discutindo uma política partidária, mas, sim, discutindo uma política científica para o país, da qual depende o futuro de todos.

**F:** Mas, o senhor sempre tinha portas abertas, é isso que eu quero lhe dizer. Tanto que, quando aconteceu sua experiência com o Roberto Cardoso Alves, o senhor estranhou, porque o senhor era sempre bem recebido. O senhor tinha fama de uma pessoa muito amigável, muito civilizada, muito respeitosa. E tudo isso foi aprendido durante sua carreira como pesquisador, não é?

---

**P:** Exato.

**F:** Tem mais um lado do seu perfil que eu gostaria que o senhor comentasse. Sua participação, nesse grupo que o senhor passou a frequentar quando voltou dos Estados Unidos, também não provou que o senhor tinha uma vocação e um gosto também pelas articulações políticas?

**P:** Deu certo, não é? Foi uma enorme satisfação, sem dúvida.

**F:** Como o senhor afirmou, o senhor continua cheio de planos para sua atividade como pesquisador, não é?

**P:** Não são poucos. Tenho várias coisas a fazer.

**F:** E a possibilidade de o senhor aceitar esse convite para ir para os Estados Unidos?

**P:** É, isso poderá ser muito fácil. Em breve poderei fazer contatos na Reunião da Academia do Terceiro Mundo.

**F:** O senhor também é membro da Academia do Terceiro Mundo?

**P:** Eu não sou só membro, mas sou um dos nove fundadores. A Academia de Ciências do Terceiro Mundo foi criada na Academia do Vaticano.

**F:** Então, qual a avaliação que o senhor faz da atuação da Academia de Ciências do Terceiro Mundo?

**P:** Eu acho formidável e, mais do que isso, uma das coisas que a gente tem de reconhecer, como eu reconheci a Fundação Rockefeller e os pesquisadores americanos que nos ajudaram a desenvolver a ciência no Brasil. A Itália paga para essa academia vários milhões de dólares.

**F:** A sede é em Trieste, não é?

**P:** Isso. A *TWAS (Third World Academy of Sciences)* não tem nada a ver com a Itália, a não ser a sede, mas eles ajudam muitos pesquisadores, financiando projetos. É uma coisa extraordinária.

**F:** O senhor acredita que, para que se possa atenuar tantas desigualdades observadas, a atuação desses organismos internacionais seja fundamental?

**P:** Sem dúvida, é muito importante porque o fato - estou me baseando em dados na ONU - é que mais da metade da população humana não consegue atingir o nível do humano normal. Eles usam suas condições físicas e fisiológicas, mas as mentais são sacrificadas, porque as mentais dependem de uma herança cultural, dependem da educação, do que é ensinado. Mas esse grande percentual da população não herda esses fatores. Isso seria relativamente fácil de solucionar se houvesse um interesse geral do mundo, principalmente dos países ricos, pois seria um problema dispendioso. Eu não diria caro, porque caro significa que o produto vale menos do que custa. É um negócio que vale muito: dar para as pessoas a capacidade de se desenvolverem como gente, que é o que eles não têm.

**F:** Embora o trabalho desenvolvido por esses organismos internacionais seja significativo, o senhor não acha que se investe muito pouco?

**P:** Não é que se invista pouco, o problema é muito grande e não há uma solução geral, tem de ser pedaço por pedaço. O que eles fazem ajuda bastante.

**F:** Eu vou puxar essa questão para a realidade do Brasil, onde o senhor atuou como pesquisador, como político, enfim, dedicou sua vida ao desenvolvimento da educação, da ciência e tecnologia. Então, como o senhor vê o resultado de todos esses anos, com tanta gente trabalhando? Há uma situação de grande desigualdade no Brasil e talvez possamos fazer parte dessa estatística de ter 50% da população brasileira também vitimizada.

**P:** Está nessa situação. Acredito que o brasileiro, sob o aspecto cidadania, seja mal-educado. Eu até estou propondo que se crie uma cartilha, principalmente, sobre cidadania, para ser oferecida para os alunos do curso primário com uma solicitação de que os pais ajudem as crianças a ler e interpretar essa cartilha. Aí, você tem educação tanto da criança quanto dos pais. Porque, é o que está faltando. O brasileiro não é patriota, ele pensa no futebol, mas o Brasil para ele é um abacaxi. Você percebe, por exemplo,

---

que o americano gosta do seu país. Veja o caso do vinho da Califórnia que comentei com você.

**F:** Só para ficar mais claro esse exemplo do vinho norte-americano, que o senhor comentou no almoço. Eles investiram muito para ter uma qualidade boa de vinho, vendem mais caro e os americanos compram, valorizam.

**P:** Têm orgulho em comprar e estar colaborando com o futuro do país, que é um negócio extraordinário deles e que nós não temos. Agora, eu, particularmente, critico tremendamente e duramente a Reforma Universitária dos anos 1970 que acabou com os catedráticos. Eu fui totalmente favorável a que se terminasse com os catedráticos, mas criaram uma situação que ficou pior do que a anterior. O que existe hoje, o chamado conselho departamental, é uma “panela” do “não faça nada, se divirta e deixe de ser bobo de trabalhar”.

**F:** Acho que o senhor já fez comentário a esse respeito, que se perdeu o sentido da equipe do grupo.

**P:** E outra coisa, começou a existir competição dentro do mesmo grupo.

**F:** O que contribui para o crescimento do individualismo?

**P:** Exato.

**F:** Creio que, de uma forma mais abrangente, o senhor apresentou críticas ao modelo educacional brasileiro como um todo. Na sua visão ele contribui pouco para a formação de cidadãos no sentido de que cada profissional, cada pessoa, tenha a clareza da importância da sua ação, da sua responsabilidade na construção do país.

**P:** Acredito que o comportamento da pessoa está relacionado com uma espécie de educação que diga respeito à coletividade, que não seja uma coisa particular. Então, uma colaboração entre pessoas é um exercício de cidadania, você não pode estimular competição entre pessoas que são colegas. Esta é uma situação que me leva a crer também que essa cartilha a que me referi deva ser utilizada também para o curso secundário, no começo do curso secundário; mas, a do curso primário deve ser feita para

os pais também. No curso secundário, eles começam a ter autonomia, eles mesmos vão estudar e vão pensar.

**F:** Por trás disso tudo está o fator político?

**P:** Exatamente.

**F:** Entre os fatores que têm contribuído para que o Brasil não tenha dado o salto qualitativo desejado, qual o senhor considera mais determinante? Nós falamos da educação, o senhor comentou a respeito da cultura, falamos da política...

**P:** O mais grave dessa história é que falta continuidade no desenvolvimento. Temos universidades, temos produção de gente, mas e as atividades dessas pessoas? Os chineses fazem uma coisa maravilhosa, (comunistas, veja bem): o governo compra o material por trinta dólares e vende por quinze. Mas esses quinze são lucro para o país. Aqui a gente pensa no lucro como sendo do indivíduo e lá o lucro é social. Assim, o que vejo de muito grave no Brasil é que, com poucas exceções, desculpe, os governos brasileiros não dão continuidade a uma coisa extraordinária que é a produção.

**F:** Do conhecimento.

**P:** Não só do conhecimento, mas a produção material, agrícola, industrial, etc; ajudar a gerar uma situação que favoreça a sociedade de forma mais ampla. Quando ajuda, é interrompido ou ajuda mal.

**F:** O que o senhor está dizendo é que nunca houve uma estratégia de desenvolvimento organizada, planos, projeto de desenvolvimento, ou melhor, que o planejamento é pouco praticado no Brasil?

**P:** Sem dúvida.

**F:** As avaliações necessárias, a seleção de potencialidades, a definição de prioridades mais condizentes com nossa realidade não chegam a ser realizadas de forma satisfatória. Por exemplo, a política de ciência e tecnologia talvez nunca tenha chegado a ser prioritária efetivamente.

---

**P:** Como a educação, que também não é, mas deveria ser.

**F:** E mais articuladas ao processo de desenvolvimento.

**P:** Exato.

**F:** Assim como a política de ciência e tecnologia poderia estar mais articulada a outras políticas públicas.

**P:** Considero completamente absurdo o governo dificultar o indivíduo a registrar uma patente, quando deveria facilitar ao máximo e até pagar para ele, porque é lucro para o país. Ao contrário de dificultar, o governo devia criar um setor que ajudasse o pessoal a ter patente, até pagar, dar uma ajuda.

**F:** Então, o senhor vê a legislação brasileira também como um vetor que integra o grupo de fatores que funcionam como entraves ao desenvolvimento?

**P:** Nesse caso foi mal pensada.

**F:** Diante dessa avaliação que visualiza tantos entraves, coisas que estão aí ao longo da história e que nunca foram superadas, o Luiz Fernando Candioti, que foi o primeiro superintendente de planejamento do CNPq, manifestou recentemente, numa entrevista que fiz com ele para o Programa Institucional de História Oral do CNPq, a opinião de que o Brasil tinha perdido o bonde da história no que tange ao salto qualitativo desejável no desenvolvimento científico e tecnológico. O senhor concordaria com ele?

**P:** Eu acho que não perdeu o bonde, mas que teve um vale para seguir que é muito difícil. O progresso aqui é um negócio difícil de se obter. Isso, por influência do governo. Quer dizer, falta patriotismo na comunidade científica também, sem dúvida, mas falta muito mais estímulo do governo, que deveria fazer muito mais.

**F:** Então, na sua opinião, o principal fator que impede que se atinja um grau de desenvolvimento maior é o fator político?



**P:** Sem dúvida.

**F:** Voltando à observação do Luiz Fernando, creio que ele tenta salientar que teve momentos em que o Brasil poderia ter dado um salto qualitativo. Acho que essas oportunidades não foram aproveitadas.

**P:** Na ocasião oportuna.

**F:** Penso que esse processo tortuoso esteja associado à falta de continuidade política a que o senhor mencionou. A esse respeito, o Celso Furtado escreveu um livro intitulado "Brasil: Uma construção interrompida". Mas de todo modo, não podemos deixar de considerar que, nesses últimos anos, tem-se conseguido manter uma certa continuidade.

**P:** Estamos melhores, mas está faltando muito. Uma coisa muito grave é que os partidos políticos aqui no Brasil são nojentos. No sentido de que, o que o outro fez, mesmo que seja uma maravilha, o sujeito abandona só para não dar crédito ao outro. É a razão pela qual os governos não fazem estradas ou não fazem coisas demoradas, porque quando ele começa e não termina, vai dar regalia para o outro que vai terminar. Então, é um problema, você não pensar no crédito. Devia-se dizer: "eu vou ter de dar crédito, você começou isso". Os Estados Unidos pode dar um exemplo fantástico. Lá você tem dois partidos, só dois, eles não deixam que exista o terceiro. Esses dois partidos são opostos entre si, mas os dois são iguais para o futuro do país. Então, se esse daqui fizer uma coisa que deu certo, esse outro vai usar, sem comentários.

**F:** Tanto que não se vê muita diferença entre um e outro.

**P:** É uma espécie de "ditadura democrática". Percebe a vantagem? Porque aqui, por exemplo, veja o que está acontecendo contra o Lula. Ele está fazendo uma porção de besteira, tudo bem, mas a campanha contra ele é muito intensa, porque não salva nada.

**F:** E não se pode dizer que ele não esteja, também, fazendo coisas úteis e importantes.

**P:** Exatamente. Porque eles querem acabar com a coisa simplesmente. Isso é um absurdo de lógica, é a parte errada, negativa da democracia.

---

**F:** A propósito, o senhor que vem dos primórdios de todo esse esforço para se ampliar a base técnico-científica no Brasil, como vê a cena atual do processo de desenvolvimento científico e tecnológico? Pode-se, por exemplo, dizer que não se deu o salto qualitativo almejado porque não se conseguiu atrelar ainda, pela política, os bons resultados que o conhecimento pode imprimir para as diversas áreas do desenvolvimento. Por outro lado, não se pode ignorar que se tenha conseguido muitos avanços.

**P:** Sim, nós progredimos, então, estamos preparados para fazer. Mas falta interesse governamental para organizar um sistema que possa ser ampliado.

**F:** É necessário, então, que se continue a fortalecer a consciência sobre a necessidade de se atrelar o conhecimento técnico-científico aos programas de desenvolvimento.

**P:** É fundamental.

**F:** Qual avaliação que o senhor faz, hoje, da atuação do ministério de Ciência e Tecnologia?

**P:** Está bom. Acho que ele procura fazer, mas a política não está dando certo. O problema é que não adianta nada ter um Ministério de Ciência e Tecnologia que não tenha recursos suficientes para alimentar os programas importantes.

**F:** Mas esses recursos não foram ampliados com os fundos setoriais?

**P:** Muito pouco. Posso garantir que há menos recursos hoje do que em 1990. Com o crescimento que houve, garanto que dariam menos recursos.

**F:** Mas, hoje, os estados também já estão investindo, não é? Naquela época só São Paulo investia.

**P:** É, mas é muito pouco. É bom para uma elite fazer algumas coisas que são excepcionais, mas não dá para substituir os recursos que precisavam vir do federal. Isso foi até nocivo, porque o federal deixou de dar mais porque os governos estaduais estão também financiando.

**F:** Em outras palavras, existe muito por se fazer para que possamos atingir o patamar maior de desenvolvimento.

**P:** Eu não sou pessimista, eu acho que seja possível.

**F:** Que recomendações o senhor daria para os futuros políticos da área, para os ministros de educação, de ciência e tecnologia, secretários de C&T e reitores?

**P:** Que pensassem mais sobre os projetos importantes do desenvolvimento do país. Dentre outras, eu diria: ampliar a educação, porque a educação está sendo muito mal conduzida no Brasil. O "pessoal do ouro" tem escolas particulares que são razoáveis; mas no meu tempo de jovem, de estudante, os ginásios públicos eram os melhores da cidade.

**F:** Enfim, não só ampliar, mas melhorar também a qualidade do ensino.

**P:** A situação está muito grave. Eu estou achando que o que vai acontecer para a universidade é o que aconteceu com o ginásio, com o curso secundário nas últimas décadas. O ginásio do estado aqui em São Paulo e o D. Pedro II no Rio de Janeiro eram sem dúvida os melhores ginásios das respectivas cidades. Hoje, os ginásios do Estado estão deixando muito a desejar em relação às escolas particulares. Agora, do jeito que está indo, pode acontecer o mesmo com o ensino universitário. Quem vai levar vantagem são as escolas particulares. Mas, infelizmente, as escolas particulares estão numa situação que não dá para fazer muito. Então, a universidade poderá piorar. A avaliação dos professores é um negócio que a gente precisa pensar seriamente. Porque aqui o sujeito tem estabilidade, tem tudo, não precisa fazer nada e acaba não fazendo nada. De vez em quando, eles fazem greves e, depois do acordo, o tempo perdido na greve tem de ser recuperado. Aconteceu na USP, por exemplo, de alguns sujeitos apresentarem relatórios que representavam o trabalho de 36 horas por dia. Quer dizer, é uma "marmelada". Não existe liderança suficiente para acabar com essa "marmelada" que existe atualmente na USP, que eu acho que precisa mudar. Vou dar um exemplo de um problema que tenho identificado no meu departamento. Mesmo quando eu saía, eu exigia que se fizesse um seminário por semana no departamento, porque aí você pode fazer avaliação da pessoa, não só criticar, mas ajudar, aconselhar, fazer uma coisa correta. Do jeito que está,

---

eles adoram que o sujeito faça uma porcaria porque ele é um competidor e o sujeito se julga muito orgulhoso de ser melhor do que o outro que ele "cuspiu na cara" ou que ele "chutou fora". É uma situação que precisa ser corrigida porque estamos muito errados.

**F:** Isso dentro de algumas áreas das universidades. E, para os secretários de Ciência e Tecnologia, fundações, o que o senhor acha que precisa ser melhorado?

**P:** O que eu acho é que se deve fazer a "coisa" com responsabilidade. Porque a maior parte do pessoal não é avaliado no que faz. E essa não-avaliação do que fazem é muito grave porque eles não têm interesse em fazer melhor, porque simplesmente não são avaliados. Isso é um erro muito grave. Quer dizer, a estabilidade, que é necessária e fundamental, está sendo deturpada, porque destrói a organização, destrói seu papel principal.

**F:** A estabilidade do servidor público, é a isso que o senhor está se referindo?

**P:** Exato.

**F:** Associando essa questão ao problema da descontinuidade que o senhor tanto enfatizou, uma política de ciência e tecnologia séria tem que ser política de Estado em todas as instâncias. As pessoas que ocupam o cargo têm que conhecer bem a área, a realidade; tem que se formular políticas mais coerentes com nossas necessidades.

**P:** Outra coisa, têm ciências, por exemplo, que são muito mais importantes no Brasil do que outras. Vamos tomar a agronomia, por exemplo, se nós não fizermos, outros farão. Deveria-se, também, estimular a produção de novas tecnologias, para que o brasileiro deixe de comprar tudo lá fora. Porque propor um projeto é muito difícil, mas tem que ser nessa base, tem que ser a partir de uma situação.

**F:** Em termos de ciência básica, o senhor acha que o Brasil avançou dentro da sua expectativa?

**P:** Avançou, avançou o suficiente, mas eu particularmente acho que, para fazer pesquisa na situação atual do Brasil, devemos pensar seriamente com relação à pesquisa que vamos fazer e o futuro do país. Quer fazer ciência básica? Perfeito, mas procure aquela ciência básica que possa ter uma aplicação num problema nacional e aí você está fazendo ciência aplicada, você está fazendo a base para a ciência aplicada. Aí estou totalmente de acordo.

**F:** O que, por exemplo, o Luis Hildebrando está fazendo em Rondônia? Ele está dando continuidade à pesquisa da malária, que é um problema sério de saúde no Brasil.

**P:** Tudo bem. É até um negócio muito complicado porque frequentemente esse pessoal pega a malária também, os pesquisadores. De maneira que é uma situação que realmente merece, tem que ser aprovada, apoiada da maneira mais benéfica possível.

**F:** Essa síntese que o senhor faz hoje de pesquisa básica atrelada ao processo de desenvolvimento, à solução de problemas brasileiros, é resultante de toda sua navegação, inclusive nas agências, ou o senhor sempre pensou assim?

**P:** Não, no começo da minha carreira eu não pensava assim porque tinha a esperança de que eles ajudariam de uma forma normal, pois, se tivesse ocorrido o progresso que esperávamos, estaríamos numa situação que poderíamos fazer qualquer coisa em ciência sem ter que pensar em pesquisa básica em assuntos que possam ser utilizados para o futuro do país.

**F:** Então o senhor avançou também na sua percepção?

**P:** Sem dúvida, mudei o meu pensamento. Hoje tem que se pensar seriamente. Como não tem dinheiro para todos e tem pouco para cada um, então, o jeito é racionalizar e ver que nós estamos prontos para o bem-estar e para o progresso da sociedade.

**F:** Mais uma pergunta. Já que o senhor conclui que o problema principal é político e que há necessidade de se rever as políticas de educação, ciência e tecnologia, o senhor estaria disposto ainda a voltar a atuar no governo, no Estado?

---

**P:** Vou tentar fazer isso através da SBPC.

**F:** Eu quero lhe agradecer...

**P:** Eu que agradeço.

**F:** Em nome do CNPq, em nome do Centro de Memória, por toda essa atenção que o senhor me concedeu ao longo dessa semana. E vamos continuar o contato para termos um bom resultado desse esforço de procurar reconstruir sua trajetória e refletir sobre as suas experiências e toda a sua contribuição ao desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil.

**P:** É, vamos pensar, depois vamos ter mais um encontro.

**F:** Talvez até em Brasília.

**P:** Tendo a oportunidade de ir a Brasília, fico mais dois dias para continuarmos a nossa conversa.

**F:** Muito obrigado professor.



**“Em todas as minhas atividades me senti contribuindo para o futuro da pesquisa ou do conhecimento aqui no Brasil.”**

**Crodowaldo Pavan**



**Ministério da  
Ciência e Tecnologia**

